



DIÓGENES J T LINHARES

O TEMPLO

e suas medidas notáveis





O TEMPLO e suas medidas notáveis

Diagramação: Alcides Araujo Bezerra e Estanislau Ferreira Bié

Capa: Alcides Araujo Bezerra e Daran Cortez Linhares Pontes

Ilustração: Diógenes José Tavares Linhares

Revisão: Josenir Alcântara de Oliveira

Editoração: Alcides Araujo Bezerra e Estanislau Ferreira Bié



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Associação Brasileira de Editores Científicos

Todos os livros publicados pela Editora Via Dourada estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação elaborada por F. José R. Abreu CRB 3/1725

L 755 t Linhares, Diógenes José Tavares

O Templo e suas medidas notáveis / Diógenes José Tavares Linhares.--
Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2025.

202p; II.; Color

Inclui referências

ISBN - 978-65-80609-43-7

Versão e-book disponível em: www.editoraviadourada.org

1. Templo Maçônico 2. Geometria sagrada 3. Colunas zodiacais I.
Título

CDD: 366.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria 366.1

O TEMPLO e suas medidas notáveis

Diógenes J. T. Linhares



Editora Via Dourada
Fortaleza - Ceará
2025

A Abóbada Celeste

Abóbada celeste é um termo que se refere ao espaço do céu visível, a partir da Terra, também conhecido como firmamento. Esse conceito é utilizado na astronomia e envolve o estudo dos astros e do hemisfério celeste visível. Na Maçonaria, a abóbada celeste simboliza o teto de um templo maçônico, frequentemente apresentado em azul celeste, representando a passagem do templo e os ciclos diários.

A abóbada celeste, nos templos maçônicos do Rito Escocês Antigo e Aceito, foi uma contribuição de Elias Ashmole e é um elemento de profunda simbologia, representando o firmamento e orientando os obreiros na observação do “Infinito”. A precisão na decoração estelar reflete o compromisso com a tradição, a racionalidade e a essência simbólica da Maçonaria, lembrando que a ciência e a razão devem sempre prevalecer sobre as fantasias e ilusões.

O Universo possui trilhões de estrelas, planetas, cometas e outros corpos celestes. Em um céu limpo, sem interferência de luzes, é possível ver cerca de 8.500 estrelas, a olho nu.

Existem mais estrelas no céu do que grãos de areia na Terra. Só a Via Láctea possui de 100 a 400 bilhões.

Além do Sol e da Lua, quatro planetas, seis estrelas, duas constelações e dois aglomerados de estelares têm destaque na abóbada celeste do Templo do Rito Escocês Antigo e Aceito.

O Céu representado no teto dos Templos do REAA é como visto no hemisfério norte, razão pela qual outros corpos celestes, vistos no hemisfério sul, não são registrados na abóbada celeste do Templo.

A Abóbada Celeste constitui uma gigantesca e inesgotável fonte de pesquisa e estudos, levando-nos às mais brilhantes viagens mentais e fazendo-nos vibrar, de modo uníssono, na contemplação do belo firmamento, que nos eleva espiritualmente.

O Templo Maçônico

Uma réplica do Universo

A Maçonaria moderna tem suas raízes na Idade Média, em guildas de pedreiros e construções de catedrais. As lojas maçônicas evoluíram ao longo dos séculos, incorporando elementos filosóficos e espirituais, que ultrapassaram o aspecto meramente construtivo. Por isso, o Templo Maçônico é considerado uma réplica do Universo, simbolizando a harmonia e a perfeição. Ele é descrito como um recinto onde os maçons se reúnem para aplicar a Arte Real.

Para o maçom, o Templo não é apenas um edifício, mas um lugar sagrado, um universo em miniatura, onde cada detalhe, desde sua arquitetura até sua decoração, possui um profundo significado. É nesse ambiente em que os trabalhos da Ordem ganham Força e Vigor e em que o Obreiro busca a edificação de seu Templo Interior.

Simbolicamente, o Templo Maçônico é um microcosmo que reflete as leis do Universo e as aspirações do maçom. Cada elemento, com sua profunda simbologia, convida o Obreiro a uma jornada de autoconhecimento, disciplina e serviço, visando à construção de um mundo mais justo, harmonioso e verdadeiramente feliz.

Do ponto de vista simbólico, o Templo de Salomão, descrito na Bíblia, é considerado um modelo fundamental para a Maçonaria, o qual está intimamente relacionado como a sua ciência suprema, que é a relação entre Deus, o universo e o indivíduo.

O templo físico é uma metáfora que sugere a construção do caráter, segundo a qual o maçom é chamado a construir seu templo interior com virtudes e sabedoria. Esse templo físico representa símbolos de história, resistência e busca pelo conhecimento. Sua arquitetura, simbolismo e atividades promovem valores que vão além do espaço físico, influenciando, de forma positiva, a sociedade.

Uma homenagem a Zaratustra



कार्ये श्रमिणः समर्पणं श्रेष्ठतमं भवति

“O que vale mais num trabalho é a dedicação do trabalhador”.

सर्वलोकबन्धुनां रूपेण देवः सदा तव द्वारि तिष्ठति।

“Deus está sempre à tua porta, na pessoa dos teus irmãos de todo o mundo”

Frases atribuídas a Zaratustra

https://kdfrases.com/frase/136812#google_vignette

Palavra do Sereníssimo Grão-mestre

É com um misto de admiração crítica e profundo respeito pelo seu peculiar conteúdo intelectual que dedicamos as palavras abaixo ao livro *O TEMPLO E SUAS MEDIDAS NOTÁVEIS*, uma obra que, desde o seu título, convoca o leitor a transcender a mera descrição ritualística, para mergulhar na geometria sagrada, que dá forma e sentido ao Universo e ao próprio ser. O autor, valoroso Irmão e Confrade Diógenes J. T. Linhares, membro efetivo da Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará - AMLEC, não se limitou a compilar conceitos estabelecidos; ele empreendeu uma jornada investigativa de quase trinta anos, para decifrar os enigmas arquitetônicos do Templo Maçônico, elevando o debate a um patamar de reflexão que exigiu do estudioso seriedade, preparação e, acima de tudo, coragem para desafiar o conforto do saber dogmático.

Esta não é uma obra de leitura passiva; é um chamado à ação intelectual, um convite à laboriosa tarefa de redefinir o que se entende por Conhecimento Maçônico. A contribuição deste volume para a literatura da Arte Real é singular. Em um tempo em que o simbolismo é frequentemente reduzido a alegorias superficiais, Diógenes J. T. Linhares o resgata para as altas esferas da Ciência Antiga. Ele estabelece uma ponte inegável entre a forma do Templo – o "quadrilongo" – e as mais profundas verdades do mundo físico e metafísico. Sua elucubração mais notável reside na hipótese audaciosa de que as medidas imponderáveis do Templo e a característica de sua universalidade teriam íntima relação com a secção máxima equatorial do nosso planeta Terra. O autor pretende demonstrar, com base em fenômenos geofísicos e astrofísicos, que o magnetismo terrestre, o zodíaco, a precessão dos equinócios e, até

mesmo, um “cálculo interessante” fornecem as chaves para as dimensões e proporções harmônicas do complexo arquitetônico maçônico.

Ao fazer essa conexão, o livro posiciona o Templo não apenas como um microcosmo do Templo de Salomão ou do corpo humano, mas como uma expressão geométrica das leis universais, um espelho do macrocosmo inscrito na própria Terra. Essa perspectiva representa um avanço inestimável no estudo da Maçonaria, retirando-a do nicho da história e do ritualismo seco e reintegrando-a ao seu lugar de direito, o qual se situa no cruzamento entre as Ciências Herméticas e a Filosofia Perene.

A profundidade e a natureza interdisciplinar da pesquisa, aqui apresentada, impõem um contrato de leitura exigente, mas fundamental, com o qual o leitor deve estar irrestritamente comprometido. Este ensaio não foi concebido para o buscador casual, mas, sim, para o iniciado que busca ir além do simbolismo e que reconhece que o véu da ignorância só será levantado pela sua própria receptividade e esforço.

O autor, porém, adverte que suas hipóteses esotéricas e seu raciocínio, frutos de acuidade mental e de elucubrações pessoais, podem ser achados “estranhos” ou ser contestados. É precisamente neste ponto que a obra se torna um instrumento de elevação. Para soltar o “fruto doce de suas imaginações” e assimilar o néctar filosófico de suas conclusões, o leitor deve apresentar um conjunto de pré-requisitos intelectuais e morais que são, por si só, um teste de sua aptidão para a Arte Real. Assim, pombos em destaque o requisito da mente aberta e disposição investigativa. A jornada começa com o despreendimento ideológico. É crucial ter a mente livre e disposta a novos vieses investigativos, tratando o texto não como um tratado de esoterismo, mas como uma coletânea de descobertas e hipóteses. O

julgamento deve ser exercido com isenção absoluta, em relação aos pontos de vista adotados pelo autor, permitindo que a luz da razão ilumine novos caminhos, sem preconceitos.

Sem dúvida, o livro legará precioso benefício a quem quer que dele se detenha em leitura. Concordamos com o autor, para quem o leitor ideal para a comentada obra é aquele que já possui um conhecimento mínimo, prévio, sobre o *Trivium* e o *Quadrivium*, as antigas artes liberais, que fundamentam a sabedoria construtiva. Além disso, a obra se apresentará com mais fluidez ao leitor que detiver familiaridade com os conceitos básicos de Astronomia e Astrologia, para melhor compreender a Abóbada Celeste do Templo, o Zodíaco, a Eclíptica Solar e a crucial Precessão dos Equinócios.

Da mesma forma, a atualização com os rudimentos da Matemática e da Geometria afigura-se essencial para acompanhar o estudo do “Quadrilongo”, o cálculo da Área Vital do Planeta, a Proporção Áurea e o Selo de Salomão, reconhecendo a beleza e a harmonia que residem nos números.

No mesmo sentido, põe-se em evidência a importância das noções elementares de Filosofia e de Teologia, para correlacionar uma melhor apreensão sobre a natureza dual do Templo (Matéria e Espírito), as influências do Hermetismo, do Pitagorismo e das Gnozes, e a correta compreensão do culto ao G.º A.º D.º U.º.

Adiante de todas essas virtudes, a obra de Diógenes J. T. Linhares funciona como um catalisador para a reflexão e a contemplação. O leitor que se dispuser a embarcar nesta aventura literária deve fazê-lo com o compromisso com o saber, pelo simples saber, sem buscar recompensas que não sejam a própria expansão da consciência.

Ao ligar o Templo Maçônico à secção máxima equatorial da Terra, Diógenes J. T. Linhares não apenas fornece um fundamento técnico para o simbolismo, mas também reafirma a universalidade e a antiguidade da Maçonaria Especulativa. O Templo, com suas medidas, que se estendem do Leste ao Oeste e da superfície ao centro da Terra, é a materialização do dever do Maçom de trabalhar na construção de seu próprio templo interior. Este livro é, ao que nos parece, um manual para a elevação de propósito espiritual e moral. Ele conduz o iniciado a um nível elevado de consciência, mostrando que a virtude e a moral pura são o pré-requisito para que a porta do mistério se abra. O trabalho do autor, fruto de anos de meditação e elucubrações sobre a linguagem dos símbolos, é um convite fervoroso para que cada um se torne o ator principal de sua própria jornada, utilizando as ferramentas da geometria e da astronomia para decifrar os mistérios que transcendem o mundo profano.

O TEMPLO E SUAS MEDIDAS NOTÁVEIS é, em suma, uma obra crítica na medida em que desafia as explicações simplistas; elegante na forma como tece as complexas relações entre cosmologia e arquitetura; e profundamente elogiosa ao legado da Maçonaria como guardiã das Ciências Antigas. Que estas palavras sirvam de mapa e advertência, preparando o espírito do leitor para a magnitude da revelação que as páginas seguintes têm a oferecer. A aventura do conhecimento espera, mas somente o espírito preparado poderá desvendá-la.

João Carlos de Oliveira Uchoa
Grão-Mestre da Grande Loja
Maçônica do Estado do Ceará

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao G.A.D.U. por ter-me permitido realizar tal façanha, concedendo-me forças para sobrepujar os inúmeros obstáculos vencidos ao longo destes trinta anos de jornada maçônica.

Em especial, quero expressar minha gratidão à minha esposa, Janilza Cortez Linhares, pela força e tolerância que demonstrou ao longo deste processo. Seu apoio e compreensão foram fundamentais para que eu pudesse dedicar o tempo necessário à escrita deste livro, muitas vezes sacrificando momentos que poderíamos ter compartilhado juntos.

Não poderia deixar de prestar um reconhecimento ao meu neto Daran Cortez Linhares Pontes, que sempre me dedicou sua imperiosa atenção, me socorrendo na discussão, materialização e desenho de figuras insertas nesta obra literária.

Agradeço sinceramente a dois irmãos maçons que me prestaram ajuda inestimável neste projeto: ao Mestre Maçom Damião Lopes de Sousa, pela delicadeza e atenção ao se dispor a realizar o desenho da “figura padrão” deste livro; e ao irmão Alcides Araújo Bezerra, pelo primoroso trabalho de diagramação, criação da capa e contracapa.

Cumpre destacar que todo esse esforço colaborativo se soma à decisão pessoal que tomei, de doar um valor monetário, em reais, sobre a venda de cada exemplar deste livro, seja na versão física ou na versão digital (eletrônico), diretamente à Fundação Fausto Guimarães, em consonância com o princípio: “do que é dado”, não será cobrado.

Também quero manifestar meu profundo apreço a todos os irmãos que, com paciência e generosidade, dedicaram seu tempo para ouvir minhas elucubrações. Esse ato de escuta atenta foi, por si só, uma contribuição inestimável para o êxito desta obra, pois me encorajou a seguir adiante e me ajudou a amadurecer ideias que hoje ganham forma neste livro.

Diógenes José Tavares Linhares

Autor

Explicações Iniciais

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de suscitar reflexão e inspiração dos leitores para a exploração do tema: a construção do Templo material (*construir o complexo Templo do Rito Escocês Antigo e Aceito*). Na Maçonaria, cada detalhe tem um propósito e uma resposta.

Quando ainda éramos Companheiro Maçom, começamos a meditar sobre esse tema, buscando esclarecer nossas dúvidas. Isso marcou o início de uma jornada de estudos e leituras maçônicas, que nos permitiu concatenar ideias e chegar a uma compreensão mais profunda e convincente.

Hoje, podemos afirmar que cada diálogo presente em nossos rituais contém a chave que nos fará enxergar os mistérios da Maçonaria. Basta, apenas, que cada um de nós se permita deixar ser iluminado e se torne receptivo, que o véu da ignorância será levantado.

Em nosso caso, foi o diálogo entre o Venerável Mestre e o Irmão 1º Vigilante sobre a nossa Abóbada Celeste e as Colunas Zodiacais (2ª instrução de Aprendiz Maçom) que nos inspirou.

Esse diálogo foi complementado pelo texto da 3ª instrução de Companheiro Maçom que diz que a maçonaria aborda esse tema, nos falando sobre os enigmas da vida e a meditação da verdade, que nos lembra de consultar a Natureza.

Quem é o autor

Dados pessoais

Nome: Diógenes José Tavares Linhares

Data de nascimento: 03/05/1955

Local de Nascimento: Parnaíba - PI

Formação acadêmica

Bacharel em ciências econômicas pela Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Brasil.

Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará, BRASIL.

Vida profissional

Empregado da extinta RFFSA, admitido em 02/02/1976 que passou, por sucessão trabalhista, à VALEC por força da Lei 11.483 de 31/05/2007.

Participou dos cursos:

- Básico de Engenharia de Avaliações - ABRAP 26/10/1991;
- Avançado de Engenharia de Avaliações - ICEAP 03/07/1992;
- Corrosão: um estudo de casos na engenharia - Clube de Engenharia do Ceará 10/12/1993;
- Curso de Oratória - CEO - 20/08/1997;
- Dimensionamento de Elementos em estruturas de aço - Clube de Engenharia do Ceará.

Vida Maçônica

- Iniciado em 18 de março de 1995, na ARLS Ignácio Lôlo nº 22;
- Elevado em 6 de setembro de 1996, na ARLS Ignácio Lôlo nº 22;
- Exaltado em 14 de maio de 1997, na ARLS Ignácio Lôlo nº 22;
- Instalado em 17 de junho de 2002, na ARLS Aurora do Novo Tempo nº 126;
- Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, em 23 de setembro de 2006;
- Grande Representante da Grande Loja de Santa Catarina;
- Membro Efetivo da Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará - AMLEC, Cadeira nº 25 - Patrono: João Ramos de Vasconcelos César.

É fundador da ARLS Aurora do Novo Tempo nº 126 e da ARLS Portal da Liberdade nº 134.

Ocupou diversos cargos nas Lojas: Ignácio Lôlo nº 22, Aurora do Novo Tempo nº 126 e Portal da Liberdade nº 134.

Foi Venerável Mestre da ARLS Aurora do Novo Tempo de 2002/2006 e 2022.

Presidiu a Loja de Perfeição Rodolfo Ribas no período 2000/2001 e o Capítulo Rosa-cruz Padre Mororó no período 2008/2009.

Proferiu várias palestras em Lojas Simbólicas, Filosóficas e Encontros promovidos pela Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará.

Prefácio

Nesta obra, *O TEMPLO E SUAS MEDIDAS NOTÁVEIS*, Diógenes José Tavares Linhares convida-nos a adentrar não apenas as paredes simbólicas do Templo Maçônico, mas também os mistérios universais que ele representa.

Fruto de quase três décadas de investigação, contemplação e vivência, o livro é mais que um estudo sobre proporções, símbolos ou tradições: é uma jornada iniciática por saberes que transcendem o tempo e a matéria.

A partir de sua própria trajetória como iniciado - desde os primeiros passos como Companheiro até os mais altos graus da Maçonaria Filosófica - o autor conduz o leitor a uma reflexão profunda sobre o significado do Templo como representação do cosmos, da natureza e do ser humano em busca de luz.

Unindo erudição acadêmica, experiência maçônica e uma sensibilidade rara para os aspectos espirituais da existência, Diógenes traça pontes entre a geometria sagrada, os antigos mistérios, as ciências medievais e a astrologia arquetípica. Evoca tradições como o *Trivium* e o *Quadrivium*, honra os Mestres Comacinos, valoriza os legados de Elias Ashmole e Rudolf Steiner, e faz do quadrilongo do Templo uma chave para decifrar não apenas o espaço físico, mas o próprio tempo e suas eras.

Este prefácio não pretende antecipar os caminhos por onde o leitor será conduzido, mas apenas adverti-lo: esta não é uma leitura comum. É uma obra para ser lida com o compasso da razão e a régua

da intuição. Um convite à elucubração, à meditação e à descoberta de que, no silêncio do Templo interior, ressoam as vozes do universo.

Que cada leitor encontre, nestas páginas, uma centelha de luz - e nela, um chamado para construir, em si mesmo, um templo vivo, harmônico e eterno.

José Linhares de Vasconcelos Filho
Grão-Mestre de Honra *ad-vitam*
da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará

Palavra do autor



Minha jornada maçônica começou na ARLS Ignácio Lôlo nº 22, sob a égide da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará. Foi onde recebi minhas primeiras instruções maçônicas, durante a gestão do saudoso Venerável Mestre Marcíus Tarcísio Sales.

Aquele período foi marcado por uma grande ebullição em minha mente, que foi bombardeada com ensinâncias maçônicas, pois eu levava muito a sério esses ensinamentos que recebi como Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom. Minhas dúvidas e perguntas, no entanto, não eram respondidas, sanadas, de forma satisfatória, o que me levou a buscar respostas por conta própria.

Foi durante essa busca que encontrei uma frase em um dos rituais, a qual me chamou a atenção: “A Maçonaria estuda os fenômenos da natureza.” Mais tarde, como Companheiro Maçom, li que “devemos consultar os arquivos da Natureza”, o que me levou a ter conhecimento da existência dos arquivos Akáshicos, ou registros da natureza.

Minha curiosidade aumentou, e ninguém parecia capaz de suprir minhas dúvidas com respostas concisas e satisfatórias. Foi, então, que cheguei à conclusão de que a Maçonaria exalta as virtudes e prega a moral mais pura, pré-requisito para se bater na porta e ela abrir, em suma: *Eu seria o ator principal.*

Essa compreensão permitiu-me submeter minha vontade e fazer progressos na jornada maçônica.

Com o decorrer do tempo, descobri que existem os Corpos Filosóficos na Maçonaria, para instruir os mistérios, que vão além do simbolismo. Passei “do esquadro ao compasso” em 1997, e “recebi lições de discrição e de fidelidade” na Excelsa Loja de Perfeição Rodolfo Ribas.

Ao longo dos anos, continuei minha jornada maçônica, passando pelo Capítulo Rosa-cruz Padre Mororó, pelo Conselho de Cavaleiros Kadosch Amaro Albuquerque e pelo Consistório dos Príncipes do Real Segredo Duque de Caxias, onde fui investido como Inspetor Geral da Ordem do Rito Escocês Antigo e Aceito, em 2006.

Com os ensinamentos, que colhi ao longo dessa jornada, enchi meu alforje e me senti um obreiro plenamente contente e satisfeito e disposto “a derramar a taça”. Ao mesmo tempo, continuei minha pesquisa sobre “o Templo e suas medidas notáveis”, que se tornou o foco principal deste trabalho.

Agora, após quase 30 anos de pesquisas e estudos, sinto-me pronto para compartilhar meus achados com o público maçônico. Este trabalho é o resultado de minha busca por respostas e minha persistência em decifrar os mistérios que envolvem a construção do Templo maçônico.

Tudo começou quando me perguntei por que, em maçonaria, o Templo é definido como sendo um “*quadrilongo*” e por que suas medidas imponderáveis caracterizam sua universalidade? Foi, então, que observei que tudo poderia ter íntima relação com a secção máxima equatorial de nosso planeta Terra.

Em resumo, descobri que o magnetismo terrestre é “mais horizontal” na zona equatorial, podendo ser mais vantajoso para a humanidade do que o magnetismo intenso e vertical nos polos. Isso foi apenas o início de minha jornada de descobertas, e o resto foi fruto da acuidade mental e elucubração deste autor.

Sei que alguns leitores podem achar estranho meu raciocínio ou até não concordar com ele. A Esses, eu peço vênia para que saibam que este ensaio é fruto de elucubrações de fatos que estão explicitados em dados e fenômenos geofísicos e astrofísicos.

A maneira como exponho minhas hipóteses esotéricas talvez sejam contestadas por desconectividade frequencial do leitor, mas eu mantive a linearidade do texto de acordo com a minha jornada de trabalho e inspirações, pois não foi uma obra planejada e, sim, fruto de diversos fatos e acontecimentos maçônicos por mim presenciados e vividos no dia a dia maçônico.

O fato é que a obra está aí! Há momentos em que escrevo conceitos de assuntos diversos e há momentos que senti a vontade de penetrar naquilo de pessoal e intrínseco, com relação a explicações esotéricas de passagens ritualísticas ou de explanação de conceitos. Assim foi feito por eu ter entendido que tal procedimento é o ponto crucial desta obra.

Não tenho a pretensão de fazer um tratado de esoterismo, mas, sim, de compartilhar minhas descobertas e hipóteses com os leitores. Para isso, resolvi *pinçar* e *salpicar*, aqui e acolá, alguns conceitos,

conclusões e definições constantes em publicações maçônicas e matérias afins divulgadas na internet, de modo que o néctar filosófico das minhas elucubrações e hipóteses fica à mercê da aceitação e conclusões do Leitor, pois “*dar asas à imaginação é embriagante*”. Consultei os arquivos Akáshicos e estes me limitaram acesso com a frase:

Elucubravi! Adii Akasham, sed non licuit accedere ad librum probatorum. Tantum hoc mihi scire permissum est, et dictum est mihi: Nihil amplius nunc est. (Elucubrei! Adentrei o Akasha, mas não me permitiram ter acesso ao livro dos probacionistas. Somente isso me disseram: no momento nada há mais além.)

Essa frase corrobora o *Nec Plus Ultra* no cimo de uma escada.

Agradeço àqueles leitores de mente aberta que se dispõem a ir em frente comigo, deleitando-se com o doce fruto de minhas imaginações. A estes, dedico meus sinceros agradecimentos ...

Sumário

1 - Preliminares	27
2 - O Templo no Ritual do 1º Grau e na Bíblia	33
3 - Os Mestres Comacinos	35
4 - O <i>Trivium</i> e o <i>Quadrivium</i>	39
5 - A Universalidade do Templo	41
6 - O Zodíaco	45
7 - As Colunas Zodiacais	49
8 - A Eclíptica Solar	67
9 - Astrologia e Astronomia	73
10 - A Forma do Planeta Terra	77
11 - Precessão dos Equinócios e Solstícios	79
12 - As Grandes Eras da Humanidade	83
13 - A Era de Aquário	87
14 - Astrologia e Esoterismo da Era de Aquário	93
15 - Um Cálculo Interessante!	95
16 - Por que o Quadrilongo?	105
17 - A área da secção máxima equatorial é igual à área do quadrilongo? $S_V = S_Q?$	107
18 - Templo Maçônico - Construção	111
19 - Ação Conclusiva	123

20 - Geometria do Templo - Comentários	141
21 - Distância entre as Colunas “B” e “J”	151
22 - Localização do Portal dos Mistérios	155
23 - O Livro da Lei	161
24 - As Colunas Zodiacais	163
25 - A Coluna de Áries no Templo Maçônico	165
26 - Disposição das Colunas Zodiacais	167
27 - O Cinturão Zodiacal ou Faixa Zodiacal	171
28 - Rebatimento das colunas zodiacais	173
29 - Energias que atuam no corpo do Homem	177
30 - As Energias Telúricas	181
31 - Uma linha de tempo esotérica	183
32 - Um assunto interessante	187
33 - Foi pura coincidência? Às vezes isso acontece	197
34 - Conclusões	199
35 - Bibliografia	202

1 - Preliminares

Ao darmos início à exposição sobre o tema “O Templo e suas medidas notáveis”, é fundamental destacar que, desde o princípio, buscamos entender o porquê de os primeiros maçons especulativos terem escolhido a forma do templo maçônico como sendo um quadrilongo. Deve ter havido uma razão lógica e imperiosa que justificasse tal escolha, e é por isso que estamos explorando a diferença entre conceito e definição.

Frequentemente, ao nos aprofundarmos na pesquisa para desvendar um determinado tema, somos confrontados com matérias que, inicialmente, nos oferecem apenas uma visão geral que acreditamos ser suficiente para o propósito. No entanto, mais cedo ou mais tarde, encontramos fontes e informações mais detalhadas que complementam ou até mesmo alteram o entendimento inicial daquilo que estávamos buscando. Essa constante atualização e adaptação do conhecimento reforçam a importância de uma investigação cuidadosa e aberta, permitindo que, aos poucos, possamos nos aproximar de uma descrição mais precisa e coerente daquilo que estamos buscando.

1.1 - Conceito x definição

Vamos explorar a diferença entre conceito e definição:

1.1.1 - Conceito

Um conceito é uma ideia ou noção geral que se caracteriza por sua natureza abstrata e abrangente. Ele funciona como uma base para compreender diferentes fenômenos, objetos ou eventos, fornecendo

um ponto de partida para análise e reflexão. Por exemplo, o conceito de “liberdade” pode englobar múltiplas interpretações e significados, variando de acordo com o contexto cultural, social ou mesmo pessoal.

1.1.2 - Definição

Uma definição é uma descrição precisa e específica de um termo ou ideia, empregada para esclarecer o significado de uma palavra ou expressão dentro de um contexto particular. Por exemplo, a definição de “liberdade” pode ser apresentada como “o direito de agir conforme a própria vontade, sem estar sujeito a restrições externas”.

Enquanto o conceito se caracteriza por sua amplitude e capacidade de abranger múltiplas interpretações e aspectos, a definição é mais restrita, oferecendo uma descrição clara e objetiva. Assim, compreender ambos - conceito e definição - é essencial para uma comunicação eficaz e uma análise aprofundada de temas complexos.

(**Templo**)¹ - segundo a Wikipédia, vem do latim *templum*, “local sagrado” - é uma estrutura arquitetônica dedicada a um serviço religioso ou a um culto. O termo no sentido figurado é o reflexo do mundo divino, a habitação de Deus sobre a Terra, o lugar da Presença Real. É o resumo do macrocosmo e também a imagem do microcosmo: “*um corpo humano é um Templo*”.

(**Templo**)² - segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Priberam (de Portugal): é *um edifício destinado ao culto de uma religião; um monumento em honra de uma divindade, ou um lugar qualquer sagrado ou venerável*.

Essas definições ilustram a diversidade de significados que a palavra “Templo” pode ter, indo além de um simples local de culto e abrangendo diferentes contextos históricos, culturais e religiosos.

1.2 - O Templo nas tradições religiosas

O Templo, de acordo com a denominação religiosa, tem diversos nomes, a saber:

- a) no Cristianismo: Igreja, Casa de Oração, Capela, Catedral e Basílica;
- b) no Islão: Mesquita;
- c) no Judaísmo: Sinagoga;
- d) no Zoroastrismo: Templo de Fogo;
- e) no Budismo: Pagode;
- f) no Hinduísmo: Mandir;
- g) no Ayyavazhi: Pathi;
- h) nas religiões afro-brasileiras: Terreiro;
- i) na Umbanda: Congá;
- j) na Fé Bahá'í: Casa de Adoração;
- k) no Espiritismo: Centro Espírita ou casa espírita.

1.3 - Conceito de Templo Maçônico

Do ponto de vista esotérico, e com base nos conceitos anteriormente abordados, podemos concluir que o Templo Maçônico é o espaço onde os maçons prestam culto ao G.. A.. D.. U.. e, sob Sua proteção, realizam o seu Trabalho Espiritual.

Embora as definições de Templo, à primeira vista, pareçam simples, tornam-se complexas por diversas razões, de caráter político, religioso ou de outra natureza. Por isso, algumas estruturas identificadas como maçônicas ou, mesmo, pseudomaçônicas, substituem o termo “Templo” por “Loja” ou “Oficina”. Embora essas denominações existam e sejam legítimas, elas possuem significados distintos, sendo incorretamente equiparadas ao significado de Templo.

Definições como “*Loja / Oficina é o local onde os maçons realizam assembleias ou reuniões*” acabam por retirar todo o simbolismo e a conotação espiritual, ocultando a natureza “religiosa” que, apesar de não se vincular a uma religião específica, caracterizou a maçonaria ocidental desde suas origens. Assim, abre-se espaço para práticas chamadas de “maçônicas laicas”, que muitas vezes não são compatíveis com o esoterismo iniciático, essência da Arte Real.

Fica evidente que o trabalho maçônico autêntico deve ser realizado em um Templo Maçônico, sob os auspícios do G.: A.: D.: U.:, para que os rituais, assim celebrados, proporcionem aos participantes um “*despertar espiritual*” e os conduzam a níveis elevados de consciência espiritual.

Infelizmente, esse ideal pode ser negligenciado por alguns iniciados que, ao não interiorizarem corretamente o significado de sua iniciação, se desviam por caminhos incompatíveis com os princípios fundamentais da maçonaria.

Entender a forma arquitetônica e simbólica de nossos Templos requer considerar que a maçonaria especulativa, concebida no século XVIII, tem, em suas raízes, uma visão de mundo fundamentada na Arte Construtiva. Essa arte está conectada às disciplinas do Hermetismo, como a Alquimia, Teurgia, Magia Natural e Astrologia. Adicionalmente,

há influências das Religiões dos Mistérios, do Pitagorismo, do Neoplatonismo, das Gnozes Judaica e Cristã, além das sabedorias ancestrais do antigo Egito, dos Hindus e Persas.

Apesar dos avanços científicos dos últimos três séculos, que nos afastaram do que era fábula e superstição, a maçonaria preserva o conhecimento eterno, intrínseco à essência humana e ao cosmos que a envolve. Por essa razão, os símbolos tradicionais do Templo Maçônico continuam indispensáveis para a realização do trabalho espiritual que define a prática maçônica.

No simbolismo maçônico, o Templo também representa o Templo do Rei Salomão, construído em Jerusalém por ordem de Yahvé, o Deus de Israel. De acordo com os relatos dos Livros Sagrados, esse Templo possuía três espaços claramente delimitados.

- O Pórtico - que delimitava o profano do sagrado;
- O *Sanctus* - o “lugar” Santo - Casa Grande, que continha a nave central do Templo;
- O *Sanctus Sanctorum* - o “lugar” Santo dos Santos, que, na sua parte mais recôndita, o *Debir*, abrigava a Arca da Aliança;
- O Templo Maçônico obedece igualmente a esse mesmo plano.

Um Templo, com as dimensões rigorosas, deverá ter a forma de um quadrilongo (por que um quadrilongo?) que, por sua vez, é composto por dois cubos perfeitos (de onde isso foi tirado?), representando o cubo do Ocidente, a matéria e o cubo do Oriente, o Espírito.

Dante desses “flashes conceituais”, este escritor - que iniciou sua caminhada na Arte Real nos idos de 1995 - tem se dedicado, ao longo dos anos, ao estudo, à meditação e à elucubração sobre a linguagem dos símbolos e das alegorias que expressam a doutrina maçônica.

Somente agora, após esse longo interregno, ousa compartilhar seus estudos e reflexões acerca do Templo Maçônico, tomando como base não apenas elementos simbólicos e esotéricos, mas também dados geofísicos, astronômicos e - por que não dizer? - astrológicos. Além disso, aventurou-se a buscar inspiração nos chamados Arquivos Akáshicos, tão mencionados no grau de Companheiro Maçom.

Pois bem... como abordar tudo isso sem provocar polêmicas? Foi, então, que tive a certeza de que “algo” me impelia a escrever este livro, reunindo meus ensaios e vivências. E que tal, então, penetrarmos juntos nesta jornada literária - talvez enfadonha para alguns, mas certamente estimulante para outros? Afinal, assim é a vida neste plano dual que chamamos de “3D”.

Vamos, portanto, ao que me proponho: compartilhar com vocês, leitores, algumas reflexões e proposituras sobre **O Templo e suas medidas notáveis**.

2 - O Templo no Ritual do 1º Grau e na Bíblia

2.1 - O Ritual de Aprendiz

Diz ser o Templo um lugar sagrado.

O Templo pode ter o seu aspecto material e imaterial.

No que diz respeito aos nossos ensinamentos, o Templo maçônico tem como arquétipo o Templo de Salomão, que, por sua vez, foi inspirado no Tabernáculo.

2.2 - O Que Diz a Bíblia sobre o Templo?

Sintetizamos, referindo-nos ao que o apóstolo Paulo disse em (1 Cor.3:16 a17) - Versão King James.

O apóstolo Paulo disse: ...

"vós sois Templo de Deus"...

¹⁶ ... “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós!

¹⁷ Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.

Nessas citações, o vocábulo Templo (ver definição na página 24) deve ser considerado em seus aspectos místico e esotérico, pois sabemos que o nosso Templo Corpo, *Sanctus Sanctorum* - do latim, “Santo dos Santos” - se refere ao comportamento mais interno do Tabernáculo.

Considerando-se o Templo de Deus ser o nosso Templo Corpo, esse lugar, o “*Sanctum Sanctorum*”, é o nosso coração.

Como contém “o *microcosmo*”, o homem, protótipo evolutivo da raça adâmica, é um rico manancial em medidas notáveis, que, se as conhecêssemos, uma por uma, poder-se-iam desvendar todos os mistérios do Cosmos (*macrocosmo e microcosmo*), pois, segundo Hermes Trismegisto: “assim como é em cima é também embaixo”.

O homem sempre sentiu a necessidade de manifestar a sua religiosidade desde os primórdios da História. Na antiga Suméria, o homem grupal já enterrava os seus mortos e os reverenciava, atentando para o fato de que, ao se enterrar um grão de milho/trigo, nascia uma espiga. Isso era conhecido como uma ação dos deuses (sugerimos ler a história mitológica de Inana e Damuzi). Essa necessidade aumentou, devido à cristalização espiritual da Humanidade. Daí, foi necessário Yahvé intervir, dando a Davi os planos para construção do Templo Sagrado. Foi Salomão, porém, que materializou o legado que o Onipotente deu a Davi, executando as medidas sagradas, construindo um Templo para honra e glória a Deus, exaltando todas as verdades celestiais que tinham sido reveladas a Davi, associadas às verdades iniciáticas, adquiridas por Salomão, nos templos do antigo Egito.

3 - Os Mestres Comacinos

Na idade média, a maçonaria, herdeira dos ensinamentos de Numa Pompílio, através dos pedreiros livres, *Mestres Comacinos*, tiveram grande mérito na construção de obras de grande porte como palácios, monumentos e igrejas (Templos), estradas e aquedutos.

Em todas essas obras, observou-se o caráter da estabilidade e da perenidade, onde cada “obra” parece desafiar o tempo, com a sua imponência e majestosidade, algumas sobrevivendo às intempéries até os dias atuais.

Aqueles Mestres eram detentores de alguns conhecimentos de matemática e geometria sagradas, deixados pelos *atlantes*, que faziam com que cada peça ou parte da obra se harmonizasse “com o todo”. Aqueles “Mestres Comacinos” (originários da ilha de Comos) praticavam a “*radiestesia* e a *sinestesia*” - ciências que estudavam as vibrações dos locais de construção e os classificava, de acordo com o tipo de obra que ia ser edificada.

Após a queda do Império Romano Ocidental, a arquitetura foi drasticamente reduzida devido à ausência de uma estrutura política e econômica para financiá-la. Assim, no Ocidente, o conhecimento arquitetônico clássico praticamente desapareceu, e foi substituído por formas mais simples e rudimentares, adaptadas às necessidades locais e aos recursos disponíveis. A ausência de uma autoridade centralizada levou à fragmentação cultural e ao declínio das técnicas avançadas que haviam sido desenvolvidas pelos romanos.

No entanto, com o tempo, a influência da Igreja Católica começou a preencher esse vazio, promovendo a construção de igrejas e mosteiros que se tornaram os principais centros de arquitetura e preservação cultural.

Esses edifícios, embora inicialmente modestos, evoluíram para estilos mais elaborados, como o românico e, posteriormente, o gótico, marcando o renascimento gradual da arquitetura no Ocidente.

3.1 - Um pouco de história ...

Com a dissolução do Colégio de Arquitetos de Roma - *Collégias Fabrorum*, surgiram grupos autônomos de construtores, predecessores dos maçons medievais.

Segundo a tradição maçônica, alguns arquitetos romanos fugiram para a ilha de Comacina, onde resistiram aos lombardos, antes de serem absorvidos pelo serviço real. Assim, os “*Mestres Comacinos*” difundiram suas técnicas por toda a Europa, construindo igrejas e castelos.

Os Comacinos eram uma guilda influente, mencionada no édito do rei lombardo Rotharis em 643 d.C. Eles dominavam técnicas construtivas e aplicavam conhecimentos geométricos antigos na construção de edifícios religiosos. O método de traçado com corda, reminiscente das práticas egípcias, foi amplamente utilizado.

Com o tempo, a arquitetura evoluiu do estilo românico para o gótico, incorporando influências islâmicas, especialmente na introdução do arco pontiagudo (ogival gótico). Os conhecimentos islâmicos foram assimilados através das Cruzadas e do intercâmbio comercial.

Os Templários, que desempenharam um papel importante na transmissão desse saber, adotaram igrejas redondas, herdeiras dos templos pagãos e inspiradas no Santo Sepulcro.

Com a extinção dos Templários em 1314, a tradição das igrejas redondas desapareceu, sendo revivida na Renascença. A arquitetura medieval ocidental, no entanto, já havia sido profundamente influenciada pela fusão entre conhecimentos romanos, islâmicos e cristãos.

3.2 - Radiestesia

É uma prática baseada na crença de que certas pessoas possuem a habilidade de detectar radiações ou energias emitidas por objetos, pessoas ou locais. Utiliza-se frequentemente de instrumentos como pêndulos ou varetas, para localizar fontes de água, minerais, objetos perdidos ou até para diagnosticar doenças. Essa prática tem raízes antigas e é considerada uma pseudociência, já que não há comprovação científica dos seus princípios.

3.3 - Sinestesia

É um fenômeno neurológico, no qual a estimulação de um sentido leva a experiências automáticas e involuntárias em outro sentido. Por exemplo, uma pessoa com sinestesia pode “ver” cores quando ouve músicas, “sentir” sabores quando lê palavras, ou “ouvir” sons ao ver movimentos.

Esse fenômeno ocorre devido a uma interconexão incomum entre diferentes regiões sensoriais do cérebro, tornando as experiências sensoriais dos indivíduos bastante únicas e variadas.

Essas definições ilustram bem a diferença entre uma prática, que buscava interpretar energias e radiações (radiestesia), e um fenômeno neurológico, que resultava em experiências sensoriais cruzadas (sínestesia).

Hoje em dia, nós, maçons especulativos, nos permitimos ser influenciados pelo conhecimento vulgar, pela falta tanto de conhecimento esotérico quanto da busca dos assuntos sublimes, ligados à nossa Arte Real, deixando de lado os sagrados ensinamentos de companheiro maçom, os quais nos ensinam:

“que o companheiro maçom deve instruir-se no Trivium (gramática, retórica e lógica) e no Quadrivium (aritmética, geometria, música e astronomia)”.

4 - O Trivium e o Quadrivium

Foram introduzidos, na educação da Europa medieval, por Marciano Capella, no século V, com a publicação de sua famosa obra “*De Nuptiis Mercurii et Philologiae*”.

O *Trivium* e o *Quadrivium* são dois conjuntos de disciplinas que formavam a base da educação clássica na Idade Média, especialmente nas universidades medievais. Eles fazem parte das sete artes liberais, que eram consideradas essenciais para uma educação completa e abrangente. Aqui está uma descrição de cada um deles.

4.1 - O *Trivium*

O *Trivium* é composto por três disciplinas relacionadas à linguagem e ao pensamento lógico:

- a) Gramática ou Linguagem - envolve a leitura e a escrita correta, bem como a compreensão e a análise de textos.
- b) Lógica (ou dialética) - a Lógica se preocupa com a validade dos argumentos, a coerência e a estrutura correta do pensamento, garantindo que a conclusão seja derivada de premissas verdadeiras. Foca no raciocínio e no pensamento crítico. Ensina como construir argumentos válidos, identificar falácias e desenvolver habilidades de debate.
- c) Retórica - É a arte de falar e escrever de maneira persuasiva. Envolve técnicas de persuasão, estilo e eloquência na comunicação.

4.2 - O *Quadrivium*

O *Quadrivium* é composto por quatro disciplinas relacionadas às ciências e à matemática:

- a) Aritmética - É o estudo dos números e das operações matemáticas básicas.
- b) Geometria - estudo das formas, tamanhos, e as propriedades do espaço e das figuras geométricas.
- c) Música (ou Harmonia) - estudo dos princípios matemáticos da música, incluindo ritmo, harmonia e proporção.
- d) Astronomia - estudo dos corpos celestes, seus movimentos e as leis que os governam.

4.3 - *Trivium* e *Quadrivium* - Significado

Essas disciplinas eram consideradas fundamentais para o desenvolvimento do intelecto e do espírito. O *Trivium* fornecia as habilidades básicas de comunicação e pensamento crítico, enquanto o *Quadrivium* fornecia uma compreensão das ciências e das matemáticas, que eram vistas como chaves para desvendar os mistérios do universo.

Juntos, *Trivium* e *Quadrivium* formavam a base da educação liberal, preparando os estudantes para estudos mais avançados em filosofia, teologia e outras ciências.

5 - A Universalidade do Templo

Nos tempos atuais, o Companheiro Maçom, além de estudar essas ciências liberais, deve “dar asas à imaginação”, indo consultar a mãe natureza (arquivos Akáshicos) sobre os enigmas da vida.

Quando éramos Aprendiz Maçom, ensinaram-nos que o Templo representava o Universo. Sua forma é de um quadrilongo, tem o comprimento de Leste a Oeste, a largura de Norte a Sul, sua profundidade da superfície ao centro da Terra (*nadir*) e sua altura da terra ao céu (*zénith*). Essa noção de universalidade é corroborada pela magnífica visão da Abóbada Celeste dos nossos Templos. Figura 1.

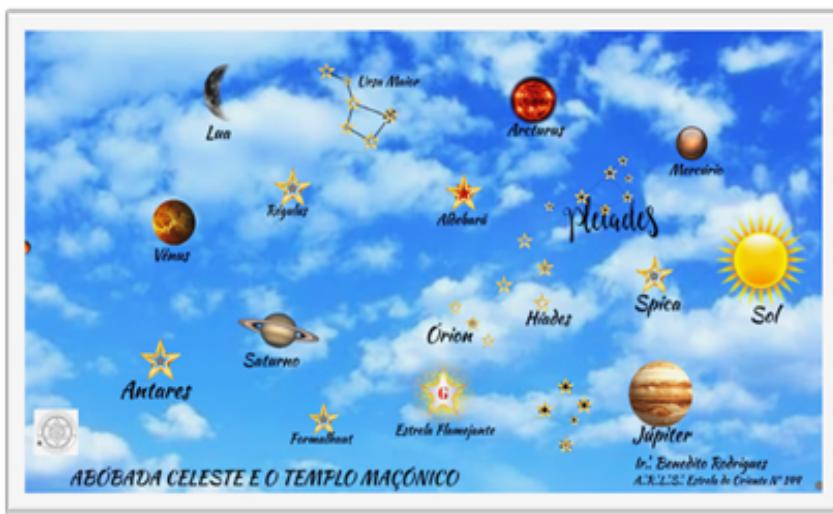


Figura 1

Mostraremos alguns dados geofísicos, que entendemos serem necessários para melhor compreender a magnitude e a envergadura dos assuntos, que estamos ousando abordar, aqui, neste ensaio literário. Sabemos que tais assuntos são de difícil trato e entendimento por parte dos seguidores da Arte Real, pelo simples fato de eles serem universalistas, em todos os seus aspectos.

Pedimos, encarecidamente, àqueles leitores, que não concordarem com as linhas de raciocínio e elucubrações deste escritor, que as vejam e entendam como uma jactância de respostas a um grande número de questões, que estão, em nós, sem respostas convincentes, pelo fato de sermos apenas um pequeníssimo grão de areia, neste universo limitado (para nós), no ponto de inflexão do entendimento da raça humana, que está prestes a adentrar zonas de maiores frequências, em toda a plenitude Aquariana, onde perecerá o “*homo carbonis*” (que putrefa na 3D), prevalecendo, assim, o “*homo silicis*” (que não putrefará = mais longevo na 5D..., podendo conviver com robôs ou inteligências artificiais) como fruto da evolução.

5.1 - O Volume do planeta Terra

O volume do planeta Terra é aproximadamente 1.083.206.916.846 Km³.

$$V = (4/3) \pi \cdot r^3 \Rightarrow V = 4 / 3 [3,14... (6.378)^3] \Rightarrow$$

$V = 1.083.206.916.846$ Km³ (quilômetros cúbicos) ou $V = 1,08321 \times 10^{12}$ (quilômetros cúbicos).

Onde V é o volume e (re) é o raio médio equatorial da Terra. Considerando o raio médio da Terra, que é cerca de 6.371 km, chegamos ao valor (V) mencionado.

5.2 - A Idade da Terra

A idade estimada da Terra é de cerca de 4,54 bilhões de anos. Esse valor é baseado em várias formas de evidências, incluindo a datação radiométrica de meteoritos, rochas lunares e os minerais terrestres mais antigos. A datação radiométrica utiliza o decaimento de isótopos radioativos, para calcular a idade das rochas e minerais.

Essa história de 4,54 bilhões de anos se estende desde a formação do planeta, a partir da nebulosa solar primordial, até os dias atuais, passando por eventos significativos, como a formação da crosta terrestre, a origem da vida, e as grandes mudanças geológicas e biológicas ao longo das eras.

5.3 - A Área da Secção Máxima Equatorial: (A)

$$A = \pi \cdot r^2 = 3,14... \times (6.378)^2 \Rightarrow A = 127,8 \times 10^6 \text{ Km}^2$$

= 127,8 milhões de quilômetros quadrados (km^2).

5.4 - Comprimento da Secção Máxima Equatorial (C)

$$C = 2 \pi r \Rightarrow [2 \times (3,14...) \times (6.378)] \Rightarrow C = 40.053,84 \text{ Km.}$$

5.5 - Qual o volume aquático da Terra?

Vamos calcular o volume aquático da Terra de maneira mais detalhada.

Dados Básicos:

5.5.1 - Área da superfície coberta por água: (ASA)

As águas cobrem aproximadamente 71% da área do planeta.
 $ASA = 0,71 \times 510 \times 10^6 \text{ km}^2 \Rightarrow ASA = 362,1 \times 10^6 \text{ km}^2$

5.5.2 - Profundidade Média dos Oceanos: (PMO)

A profundidade média dos oceanos é aproximadamente 3.682 metros (ou 3,682 km) $\Rightarrow PMO = 3,682 \text{ km.}$

5.5.3 - Volume Total de Água: (Vta)

Volume total de água é dado por:

$$Vta = ASA \times PMO$$

Substituindo os valores:

$$Vta = 362,1 \times 10^6 \text{ km}^2 \times 3,682 = 1,386 \text{ bilhões de Km}^3$$

5.6 - Densidade e Distribuição

A densidade média das rochas continentais é cerca de 2,7 gramas por centímetro cúbico (g/cm^3), enquanto a densidade da água é aproximadamente 1 g/cm^3 . Isso significa que, embora a massa continental seja substancialmente maior, devido à sua densidade, o volume da água cobre a maior parte da superfície terrestre.

5.6.1 - Proporção da superfície

Cerca de 71% da superfície da Terra é coberta por água, enquanto os continentes ocupam cerca de 29%. Essa distribuição desigual tem oscilações significativas para a geologia, o clima e a vida na Terra.

5.7 - Peso e Gravidade

A massa dos continentes exerce pressão sobre a crosta terrestre e contribui para os movimentos tectônicos. A água, por sua vez, influencia a gravidade e o nível do mar, afetando a distribuição da massa terrestre e os processos geológicos.

A relação entre a massa dos continentes e o volume das águas da Terra ilustra a complexa interação entre as características físicas do planeta. Os continentes, com sua grande massa e densidade, formam a base da crosta terrestre. Uma melhor apreciação desse movimento aparente dos astros e das estrelas nos leva a concluir que os astros seguem suas respectivas órbitas, mas dentro de uma determinada faixa do céu, cujos limites eles não transpõem absolutamente.

6 - O Zodíaco

A esta faixa do Céu de 17° dá-se o nome de Zodíaco, espécie de cinturão celeste, distendido para os dois lados da eclíptica (círculo que o sol parece descrever no céu, no decurso de um ano que o divide). Figura 2.

6.1 - A palavra grega Zoé ("ζώο")

A palavra grega Zoé é também interpretada como:

6.1.1 - ζώο της φάρμας (zóo tis fármas) - Animal da fazenda;

6.1.2 - ἄγριο ζώο (ágrio zóo) - Animal selvagem;

6.1.3 - ζώο συντροφιάς (zóo sintrofías) - Animal de estimação;

6.1.4 - θαλάσσιο ζώο (thalássio zóo) - Animal marinho.

Essas são apenas algumas variações de como a palavra “ζώο” (Zoé) pode ser usada em grego. Por essa razão, a astronomia considera o zodíaco como círculo de animais, enquanto a astrologia, como círculo da vida. Figura 2.



Figura 2

O zodíaco é uma faixa do céu ao longo da eclíptica, onde o Sol, a Lua e os planetas parecem se mover ao longo do ano. Ele é dividido em 12 partes iguais, cada uma associada a uma constelação zodiacal.

Figura 3.

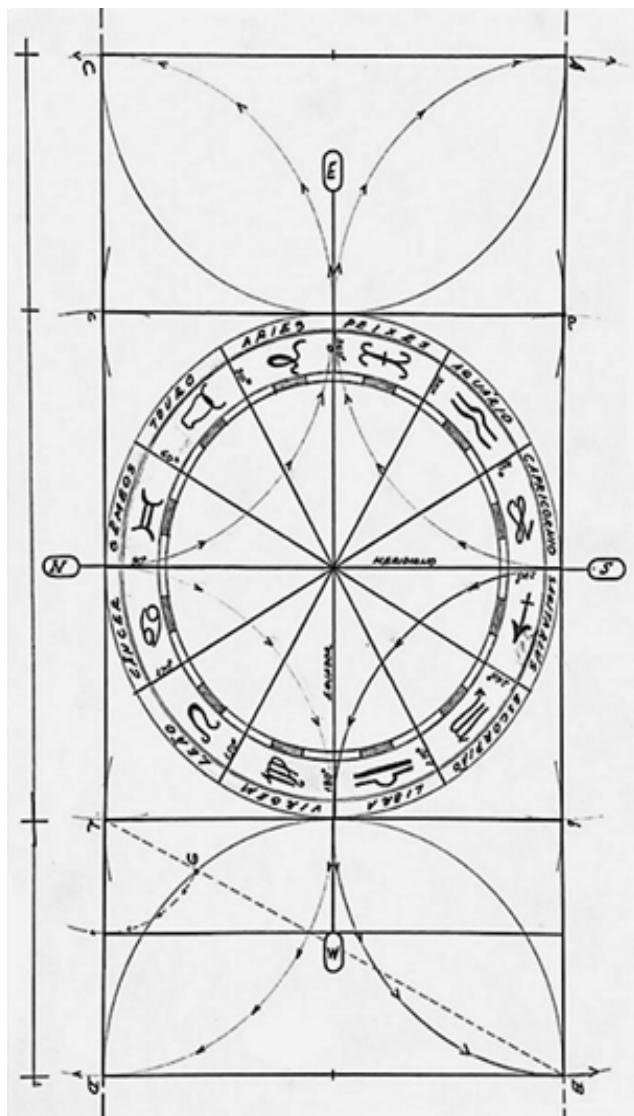


Figura 3

Aqui estão os signos zodiacais, na ordem em que aparecem ao longo da eclíptica:

Nº	SIGNO	EFÍGIE	ABRANGÊNCIA
01	Áries	♈	21 de março a 19 de abril
02	Touro	♉	20 de abril a 20 de maio
03	Gêmeos	♊	21 de maio a 20 de junho
04	Câncer	♋	21 de junho a 22 de julho
05	Leão	♌	23 de julho a 22 de agosto
06	Virgem	♍	23 de agosto a 22 de setembro
07	Libra	♎	23 de setembro a 22 de outubro
08	Escorpião	♏	23 de outubro a 21 de novembro
09	Sagitário	♐	22 de novembro a 21 de dezembro
10	Capricórnio	♑	22 de dezembro a 19 de janeiro
11	Aquário	♒	20 de janeiro a 18 de fevereiro
12	Peixes	♓	19 de fevereiro a 20 de março

Figura 4

Existem doze signos do zodíaco, dos quais os seis primeiros, Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem, estão situados ao norte do Equador e os outros seis, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, ao sul do Equador. É importante frisar que o “zero grau” do zodíaco é medido a partir do Leste, no sentido anti-horário (W-E). Figura 4.

Neste trabalho, criamos a hipótese de que o local representativo desses signos, as colunas zodiacais, está na borda da área circular da secção máxima equatorial, no ocidente, sem o acréscimo da precessão dos equinócios. Essa prática, porém, mostra que as colunas zodiacais estão dispostas em modo circular, o que dificultaria o deslocamento dos oficiais durante o ritual da sessão maçônica. Por isso, fizeram a projeção do disco zodiacal no plano do pavimento mosaico. Em seguida, o signo de Áries (primeiro signo) foi rebatido 90° graus, juntamente com os demais signos do séquito zodiacal, as 11 colunas restantes, as quais seguem o seu exemplo, de modo que ele, Áries, continuou a ser o primeiro signo, representado nas colunas zodiacais (150° a 180°) na coluna do norte. Assim, quando o aprendiz adentra o Templo, para iniciar sua jornada, a coluna de Áries é a primeira a ser visualizada, embora esse signo de Áries esteja representado conforme a figura 4.

7 - As Colunas Zodiácas

Essas colunas não apenas fornecem suporte simbólico ao Templo, mas também representam a calota celeste e cada mês do ano maçônico. Elas são um elemento importante nos rituais e simbolismos maçônicos.

A Terra é um corpo planetário com propriedades eletromagnéticas, que geram um campo magnético. Esse campo influencia alguns organismos, como tartarugas e aves, que o usam para navegação. No entanto, não há ainda, consenso sobre a influência direta do campo magnético no comportamento humano.

O Zodíaco é um sistema de astrologia que associa características e influências às posições dos planetas e estrelas, no momento do nascimento de uma pessoa.

Embora muitas pessoas acreditem na astrologia, ela não é considerada uma ciência exata e não há evidências empíricas que comprovem sua eficácia.

A ideia de que o Zodíaco pode ser usado para construir templos que maximizem influências magnéticas é uma interpretação interessante, mas não há base científica para apoiar essa afirmação. Portanto, o que estamos fazendo é imaginar uma teoria ou conceito que combine a influência do campo magnético da Terra com a astrologia, pois seria útil explorar estudos sobre a influência do campo magnético na biologia e no comportamento animal, na história e na evolução da astrologia e na física do campo magnético da Terra.

Em resumo, embora haja algumas conexões interessantes entre o campo magnético da Terra e a astrologia, é importante distinguir entre especulação e evidência científica, ao desenvolver teorias ou conceitos.

Levando-se em consideração que o planeta Terra é um corpo planetário com propriedades eletromagnéticas, que gera um campo magnético, que influencia o comportamento dos quatro reinos, mineral, vegetal, animal e hominal, do qual a humanidade faz parte, como sendo o “homo”, o mais suscetível às leis do magnetismo, inclinou-se a pensar ser o Zodíaco “a chave” para a construção de nossos Templos materiais, materializando e maximizando essas influências magnéticas.

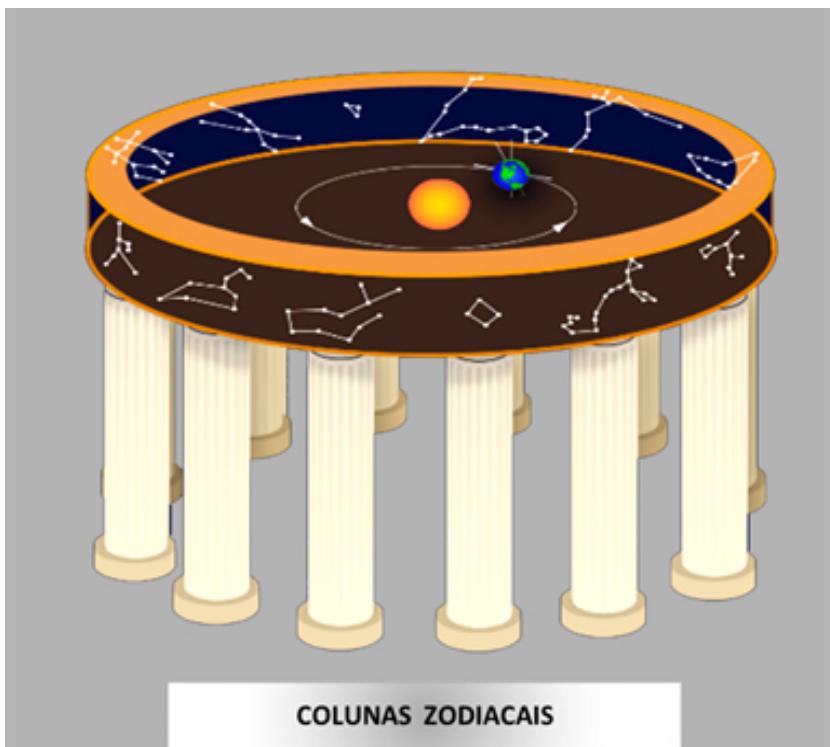


Figura 5

As constelações do Zodíaco estão todas localizadas ao longo da eclíptica.

Quando a Terra orbita o Sol, esse Zodíaco parece passar por essas 12 (ou 13, se incluirmos *Ophiuchus*) constelações ao longo do ano. Figura 5.

7.1 - *Ophiuchus*: o 13º signo zodiacal?

Ophiuchus, o 13º signo zodiacal, é uma constelação fascinante e menos conhecida, mas muito interessante tanto na astronomia quanto na astrologia. Também conhecida como o Serpentário, essa constelação está associada a Asclépio, o deus grego da medicina. Na representação visual, *Ophiuchus* está segurando uma serpente, que simboliza cura e renascimento, sendo uma constelação situada ao redor do equador celeste. Ela é uma das 48 constelações originais, listadas pelo astrônomo greco-romano Ptolomeu, e continua a ser uma das 88 constelações modernas, reconhecidas pela União Astronômica Internacional. A seguir estão alguns pontos interessantes sobre *Ophiuchus*.

7.2 - Considerações sobre *Ophiuchus*

Na Mitologia: *Ophiuchus* é frequentemente associado a Asclépio, o deus grego da medicina, que é mostrado segurando uma serpente. A serpente é um símbolo de cura e renascimento.

Sua Localização: A constelação está localizada entre Áquila, Serpens e Hércules. A posição da constelação faz com que ela cruze a eclíptica, o que a torna uma das poucas constelações não zodiacais que faz essa proeza.

No Zodíaco: Apesar de cruzar a eclíptica, *Ophiuchus* não é tradicionalmente incluída como uma constelação zodiacal, embora algumas interpretações modernas do zodíaco a considerem como o “13º signo”.

Ophiuchus é uma constelação fascinante, do ponto de vista tanto astronômico quanto mitológico.

7.2.1 - Em que época foi descoberto *Ophiuchus*?

A constelação de *Ophiuchus*, também conhecida como Serpentário, já era conhecida desde a antiguidade. Ela foi mencionada por Ptolomeu, em seu famoso trabalho “*Almagesto*”, que catalogou 48 constelações, por volta do século II d.C.. Portanto, *Ophiuchus* não foi “descoberto” em um ano específico, mas, sim, reconhecido como parte do céu visível, há milhares de anos. Fascinante como todas as constelações, *Ophiuchus* carrega histórias e mitos mui antigos.

7.2.2 - O exílio de *Ophiuchus*

O Sol passa, entre 29 de novembro e 18 de dezembro, por *Ophiuchus*, o caçador de cobras (Asclépio - o Deus grego), constelação, onde está localizada a estrela Rosalía.

Naquela época, o número treze era considerado de má sorte. Por isso, uma pedra teve que ser removida do caminho, simbolizando a exclusão desse número considerado desafortunado. Essa exclusão se refletiu na criação do calendário, que foi organizado em doze meses, evitando, assim, o número treze. Essa escolha pode ter sido influenciada pela superstição da época, que atribuía conotações negativas ao número treze. Além disso, o universo não é tão ideal quanto o horóscopo sugere. O Sol precisa de menos de um mês para cruzar Libra, mais de 40 dias para completar Virgem e apenas *uma semana para cruzar Escorpião*. Esse distúrbio faz com que haja muitas pessoas de um signo e poucas de outro. Um problema no passado. Portanto, a decisão final foi eliminar *Ophiuchus*.

7.2.3 - Como seria a representação de *Ophiuchus* no Zodíaco?

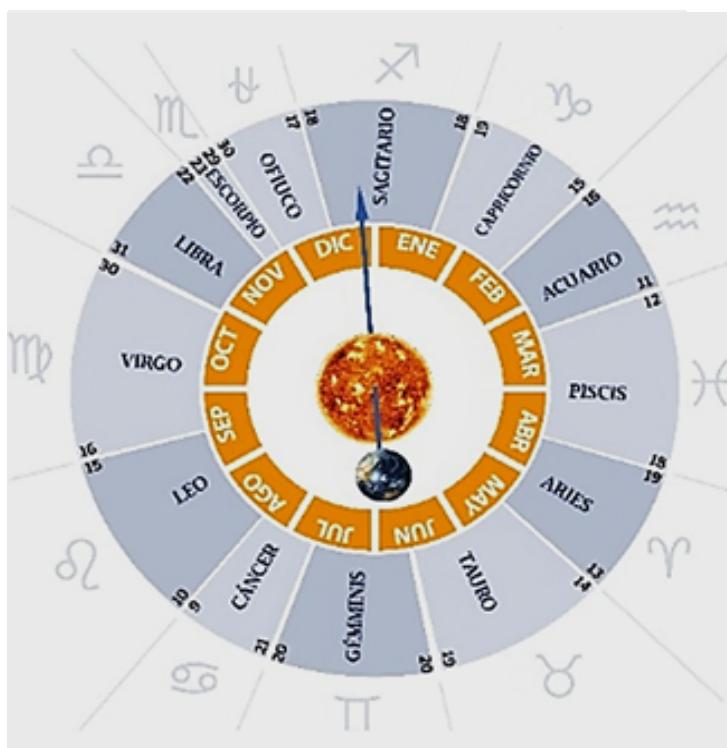


Figura 6

7.3 - No Ritual de Aprendiz Maçom

No ritual de Aprendiz Maçom (12^a Edição - 2022, revisado, tendo por base o Ritual de 1928, das Grandes Lojas do Brasil), em sua 2^a instrução, no diálogo entre o Venerável Mestre e o 1º Vigilante, consta:

P: Como é coberta a nossa Loja ir.: ...?

R: Por uma abóbada azul semeada de estrelas e nuvens, na qual circulam o Sol, a Lua e inúmeros outros astros, que se conservam em equilíbrio pela atração de uns sobre os outros...

P: Quais são os sustentáculos dessa abóbada ir.:?

R: Doze lindas Ccol.:

P: Que representam essas Ccol.: meu ir.: ...?

R: Os doze signos do Zodíaco, isto é, as 12 constelações que o sol percorre no espaço de um ano solar.

Ano solar? O que seria isso?

7.4 - Conclusão das Luzes da Loja

Conclusão do diálogo entre o Venerável Mestre e o 1º Vigilante:

Podemos notar e concluir que “*este diálogo revela muito o mistério do Zodíaco*”:

- a) figura do pedaço do céu sustentado pelas 12 colunas zodiacais;
- b) o Sol percorre o ano solar em 25.920 anos! Isso é uma medida da definição de eclíptica solar.

A maçonaria especulativa, a partir de 1717, passou a se reunir em locais fechados, chamados Templos. É bom lembrar e nunca esquecer que esses locais fechados contrastavam com os locais abertos, onde os antigos *exprimiam a sua religiosidade*, como, por exemplo, os áugures.

7.4.1. - Quem foram os áugures?

Os áugures foram sacerdotes da Roma Antiga especializados em interpretar os sinais (ou “auspícios”) enviados pelos deuses, especialmente por meio do comportamento das aves.

Eles desempenhavam um papel fundamental na vida pública e religiosa, ajudando a orientar decisões importantes, como a fundação de cidades, a realização de batalhas ou empreendimento políticos.

Esses sacerdotes utilizavam métodos como observar o voo ou o canto dos pássaros, além de outros fenômenos naturais, para decifrar a vontade divina. A prática era considerada essencial para garantir que as ações humanas estivessem em harmonia com os desejos dos deuses.

O cargo de áugure era altamente respeitado e desempenhado por figuras influentes da sociedade romana. Embora suas funções tenham diminuído com o tempo, os áugures simbolizam a forte conexão entre religião e política, na Roma Antiga.

7.4.2 - Como era os templos dos áugures?

Os áugures, na Roma Antiga, geralmente realizavam suas cerimônias e interpretações *ao ar livre*, em espaços chamados “*Templum*”. No entanto, o conceito de “*Templum*” não significava exatamente um edifício, mas, sim, um espaço sagrado, delimitado no céu ou na terra, onde os áugures podiam observar os sinais dos deuses, como o voo dos pássaros.

Esse espaço ao relento eram essenciais para o trabalho dos áugures, já que a observação direta da natureza era crucial para a prática dos auspícios. Os “*Templa*” podiam ser em áreas elevadas, abertas e com vista desobstruída para o céu, o que permitia que os áugures identificassem os sinais divinos, com clareza.

Embora não fossem Templos, no sentido arquitetônico comum, esse uso do espaço reforça a conexão espiritual direta entre o mundo natural e o divino.

7.4.3 - A partir de que ano apareceram os primeiros templos fechados?

Os primeiros templos fechados começaram a surgir por volta de 3.000 a.C., durante as primeiras civilizações organizadas.

Um exemplo notável é a Mesopotâmia, onde os zigurates funcionavam como estruturas parcialmente fechadas, dedicadas aos deuses. Esses edifícios eram usados tanto para práticas religiosas quanto para conexão dos líderes espirituais com a divindade.

Na civilização egípcia, templos fechados, como os de Karnak e Luxor, também começaram a aparecer por volta de 2.000 a.C. Esses espaços eram projetados para ser sagrados e, por isso, isolados, simbolizando a separação entre o mundo humano e o divino.

Na Grécia, por volta de 800 a.C., os templos fechados, como o Parthenon, surgiram com uma arquitetura mais sofisticada, integrando espaços fechados com colunas e altares interiores.

A maçonaria, para manter uma neutralidade religiosa, refere-se a “Templo” como Oficina do G.A.D.U., muito embora, para alguns pensadores maçônicos, isso não esconde o seu caráter religioso.

Diante de todas essas verificações e considerando que nossos Templos modernos foram edificados seguindo princípios religiosos e esotéricos, somos levados a meditar profundamente sobre o tema. Chegamos à conclusão de que existem normas e princípios construtivos, que devem obedecer às Leis imutáveis do G.A.D.U.. Com base nisso, apresentamos, sob a luz de olhares inquisidores, aquilo que nos foi permitido decifrar, neste ensaio, para a análise crítica dos leitores que compartilham do mesmo desiderato.

Alguns irmãos, que já conseguiram “entrar etimologicamente” nos Augustos Mistérios, compreenderão perfeitamente a diretriz que adotamos. Além desses irmãos, queremos também nos dirigir aos outros, que ainda não tiveram o “véu de Ísis” rasgado e que, por isso, podem se surpreender com o tema desenvolvido aqui.

Ao mencionarmos “entrar etimologicamente”, referimo-nos à ação intrínseca de alguns irmãos maçons, que, ao atingirem certo grau de evolução, se permitem “passar de um estado exterior para um estado interior”.

Esotericamente, o ato de “entrar” simboliza um processo de iniciação, de cruzar um portal ou limiar, adentrando em um novo estado de consciência e compreensão. Essa jornada interior marca o início de uma nova etapa, que inclui, de forma consciente e transformadora, fazer e sentir o V.I.T.R.I.O.L. - “Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Ocultum Lapidem” (Visita o Interior da Terra e, Retificando, Encontrarás a Pedra Oculta). Esse conceito, amplamente presente na Maçonaria, simboliza a jornada de autoexploração e transformação interior, oferecendo ao iniciado a oportunidade de alcançar um entendimento mais profundo e evolutivo. A ideia é que, ao explorar o seu interior (a “Terra”), através do processo de retificação (correção e purificação), “o buscador” pode descobrir a Pedra Oculta (Pedra Filosofal), que representa a verdade oculta, a sabedoria ou a essência espiritual, ou seja, a verdadeira iniciação, que muitos procuram e que não encontram.

No dia que iniciamos, todos nós fizemos essa viagem introspectiva, mas de maneira inconsciente.

Penetramos mentalmente o nosso interior (nossa Templo corpo) e verificamos que o nosso Templo corpo está em ruínas e que, no meio dos escombros, reina “a serpente tricéfala”, ou seja, a nossa vaidade,

os nossos preconceitos e os nossos erros. O “*viajor*”, o buscador, vê inconscientemente essa realidade e descobre que só “*retificando*”, ou seja, transmutando esses atributos nefastos em virtudes, é que conseguirá aniquilar essas cabeças de serpentes, para adquirir o conhecimento e a sabedoria, passando a enxergar, com o Olho de Hórus ou 3º Olho, as causas das coisas e não só os seus efeitos. Só assim o “*viajor*”, o buscador, atingirá a mestrança, a autoiniciação.

Os irmãos, digamos, cépticos têm razão quando se incomodam com esses assuntos, pois o hermetismo, a Astrologia e a Teurgia, nos dias atuais, são tidos como ciências adivinhatórias e charlatanismo.

7.5 - Um Pouco de História sobre a Abóbada Celeste

Nossos ancestrais maçônicos, após a criação da Grande Loja de Londres, adotaram as práticas dos maçons aceitos. Houve, porém, resistências, o que resultou em lojas que continuaram com a prática dos antigos.

7.5.1 - Em 24/06/1717

Como já se sabe, a nossa Ordem surgiu na Cervejaria do Ganso e da Grelha (*The Goose and Gridiron*), em Londres, onde se reuniram quatro lojas, para fundar a grande Loja de Londres. A primeira loja tinha o mesmo nome da cervejaria, “*The Goose and Gridiron*” (O Ganso e a Grelha) enquanto as outras três chamavam-se *The Crown* (A Coroa), *The Apple* (A Maçã) e *The Rummer and Grappes* (O Copázio e as Uvas). Estava fundada, assim, a Grande Loja de Londres, a qual elegeu o Irmão Sir Anthony Sayer como primeiro Grão-Mestre.

7.5.2 - Um dos primeiros maçons especulativos

Elias Ashmole (1617-1692) foi um maçom iniciado em 16 de outubro de 1646, na Loja maçônica de Warrington, em Cheshire, uma loja operativa, que era uma associação de pedreiros e construtores.

Ashmole foi iniciado como um "Free Mason" (*maçom livre*) e seu diploma de iniciação é considerado um dos mais antigos registros de iniciação maçônica existentes.

- a) Nascimento, Educação e morte: Elias Ashmole nasceu em 23 de maio de 1617, em *Lichfield, Staffordshire*, Inglaterra. Ele estudou na *Lichfield Grammar School* e, mais tarde, na *King's School*, em *Worcester*.

Elias Ashmole morreu em 18 de maio de 1692, em Lambeth, Londres. Ele foi enterrado na Catedral de Lambeth.

- b) Carreira: Ashmole trabalhou como escriturário e advogado, antes de se tornar um antiquário e colecionador de livros e manuscritos. Ele foi nomeado como um dos comissários para o Tribunal de Exigências, em 1645;
- c) Interesses e Contribuições: Ashmole tinha uma ampla gama de interesses, incluindo:
 - Astronomia e astrologia;
 - Química e alquimia;
 - História e antiquarianismo;
 - Maçonaria.

d) Obras e Legado:

Ashmole escreveu várias obras, incluindo:

- *"The Institution, Laws and Ceremonies of the Order of the Garter"* (1672);
- *"Theatrum Chemicum Britannicum"* (1652).

Ele também fundou, em Oxford, o *Ashmolean Museum*, que é um dos mais antigos museus do mundo.

É interessante notar que a família Ashmole tinha uma longa tradição de envolvimento com a Maçonaria. Além disso, Elias Ashmole foi um dos primeiros maçons a registrar sua iniciação, em uma loja maçônica.

Esse grande maçom, Elias Ashmole, ideou e criou a abóbada celeste doando-a à maçonaria.

A obra de Elias Ashmole, que descreve a Abóbada Celeste, é *"The Institution, Laws & Ceremonies of the Most Noble Order of the Garter"* (*A Instituição, Leis e Cerimônias da Mais Nobre Ordem da Jarreteira*), publicada em 1672.

No entanto, a Abóbada Celeste é mais frequentemente associada à sua obra *"Theatrum Chemicum Britannicum"* (O Teatro Químico Britânico), publicada em 1652, que descreve a Abóbada Celeste como um símbolo da busca pela sabedoria e pela verdade.

A Abóbada Celeste, também conhecida como Abóbada de Ashmole, sofreu várias alterações ao longo dos anos. No entanto, não há um consenso claro sobre o número exato de alterações.

7.5.3 - Algumas das principais alterações incluem:

- Inclusão de novos símbolos e elementos:

Ao longo dos anos, novos símbolos e elementos foram adicionados à Abóbada Celeste, refletindo mudanças na filosofia e na prática maçônica.

- Mudanças na disposição dos elementos:

A disposição dos elementos na Abóbada Celeste também foi alterada ao longo dos anos, com algumas versões apresentando uma disposição mais simétrica e outras apresentando uma disposição mais assimétrica.

- Inclusão de cores:

Em algumas versões da Abóbada Celeste, cores foram adicionadas para realçar a simbologia e a significância dos elementos.

Algumas das datas importantes para as alterações incluem:

- 1646:

Elias Ashmole descreve a Abóbada Celeste em sua obra *"Theatrum Chemicum Britannicum"*.

- 1672:

Ashmole publica *"The Institution, Laws & Ceremonies of the Most Noble Order of the Garter"*, que inclui uma descrição da Abóbada Celeste.

- Século XVIII:

A Abóbada Celeste é adotada por várias Lojas maçônicas, que fazem alterações e adaptações à simbologia original.

É importante notar que a Abóbada Celeste é um símbolo maçônico, que pode variar de Loja para Loja e de jurisdição para jurisdição. Portanto, é difícil determinar um número exato de alterações ao longo dos anos.

No entanto, apesar de haver muitas distorções, acreditam alguns historiadores que a Abóbada Celeste foi pintada pela primeira vez no teto da Loja maçônica de Swalcliffe, na Inglaterra, em 1630.

O importante é que a abóbada celeste embelezou e continua embelezando e ornamentando a cúpula de nossos Templos, com seus mistérios, iluminando e emanando energias benfazejas, de modo a promover e acelerar o despertar de consciência dos maçons atuais, fazendo brotar as “*transformações morais e comportamentais*”, tornando-os pedras polidas (?). Esse difícil trabalho parece utópico, pois é fruto da nossa persistência e imaginação. Pouquíssimos maçons conseguem vislumbrar o verdadeiro sentido do que seja “*Pedra Polida*”, a qual simboliza um estágio de evolução espiritual, na qual o Iniciado atinge um patamar de consciência, devido à execução rigorosa de práticas morais e éticas, pautado no amor incondicional, que coloca o Iniciado, em contato consciente, com o seu eu superior (sua chama divina), acordando, assim, o “*Adom Kadmon*”, que está adormecido em estado de suspensão anímica espiritual, dentro do nosso coração, fazendo acontecer um despertar glorioso, transformando o buscador em um novo homem puro e limpo de máculas. Assim sendo, podemos chamar esse iniciado de pedra polida.

7.6 - Críticas à Astrologia

Astrologia é *charlatanismo*? Por que algumas pessoas tacham a Astrologia de charlatanismo?

Resposta 1 - Naturalmente, ela, por si mesma, não o foi. Foram, porém, os próprios charlatães, que, com a falsa capa de astrólogos, deturparam essa ciência sagrada.

Pelo fato de haver alguns médicos inescrupulosos ou algumas pessoas exercerem a falsa medicina, não devemos concluir, daí, que essa “utilíssima” ciência seja charlatanismo, não é verdade?

Muito pelo contrário, chamamos de charlatães os que desvirtuam tão nobre ciência. A verdadeira Medicina continua no seu pedestal, com seu indubitável crédito de utilidade para a humanidade. Esse mesmo raciocínio deveria ser empregado com relação à Astrologia.

Resposta 2 - Pelo fato de haver charlatães, que deturpam e desvirtuam seus ensinamentos da Astrologia? Não, leitores! Já vimos que esse não é o motivo que faça a Astrologia descer das alturas em que deve ser mantida. Assim, combatamos o charlatanismo e, não, a verdadeira Astrologia.

A pessoa, que se utiliza de um calendário, não faz outra coisa, senão utilizar-se da Astrologia.

Ao Dizer que “estamos a 22 de dezembro”, é o mesmo que dizer “o Sol entrou no signo de Capricórnio”.

Dizer: “a 21 de setembro, começa a primavera” significa, na verdade, que “o Sol acaba de entrar no signo de Libra”.

O cômodo calendário e a simples folhinha não são, pois, outras coisas, senão uma simples e imperfeita interpretação do ciclo solar anual, já utilizado pelos antigos caldeus. É claro que a referência é feita ao movimento “aparente” do Sol, pois, em verdade, quem perfaz o ciclo é a Terra.

O agricultor que realiza a sementeira em épocas determinadas, de acordo com as fases da lua, é um astrólogo que ignora que o é, mas sabe que, depois da conjunção Lua-Sol (lua nova), tudo cresce e que, depois da oposição dos luminares (lua cheia), as forças criadoras da natureza decrescem. Como se vê, tudo isso é pura Astrologia.

Qualquer marinheiro do mundo sabe que, para entrar em portos de pouca profundidade d'água, deverá chegar quando houver a conjunção da Lua com o Sol, ou a oposição entre eles, pois, do contrário, faltará água para o calado do seu navio. Nesses períodos, é que as marés altas ocorrem.

O marinheiro talvez não soubesse, mas isso é Astrologia pura. Finalmente, quando, na linguagem popular, se diz “*um lunático*”, faça Astrologia, porque um lunático sempre tem forte influência de Câncer, que é um signo zodiacal.

Assim, é nosso propósito, aqui, mostrar e demonstrar a veracidade da Astrologia. É nossa intenção procurar despertar o interesse dos irmãos pelo estudo dessa ciência tão menosprezada. “*Não há um só ser no mundo que possa prescindir da Astrologia nem evitar a influência dos astros*”.

Todos - absolutamente todos! - cremos na Astrologia, embora o neguemos ou não o saibamos.

Vejamos alguns exemplos governados pela Lua. Já em outra ordem de ideias, estritamente científicas, comprovou-se a influência dos planetas sobre os corpos simples. Isso não é obra dos Astrólogos, mas dos físicos e dos químicos.

7.7 - A experiência de Lilly Kolisko

Foi bastante interessante e envolveu uma série de experimentos, que buscavam testar algumas das alegações da Sociedade Antroposófica, fundada por Rudolf Steiner.

Nos anos 1920, Kolisko começou a realizar experimentos para testar empiricamente as alegações astrológicas da sociedade, como a ideia de que certos planetas governam certos metais.

Ela realizou experimentos dissolvendo sais metálicos e permitindo que as soluções cristalizassem em papel filtro, observando se a posição dos planetas afetava os padrões das cristalizações. Ela também testou a crença de muitos agricultores de que plantar, durante a fase crescente da lua, resultaria em crescimento mais rápido das plantas.

Os resultados de seus experimentos foram publicados na década de 1930, mas não foram amplamente replicados ou validados por outros cientistas.

Apesar disso, suas experiências continuam sendo discutidas e estudadas até hoje, demonstrando a influência da Lua e de Marte sobre esses sais. No momento da conjunção desses astros, formaram-se, no papel, mata-borrão, uma série de linhas de forças que terminavam em linhas de flecha, de cor pardacenta, as quais se iam apagando à medida que a Lua se afastava de Marte.

7.8 - A experiência de Leon Marcier

Físico francês contemporâneo, apoiando-se em experiências, que realizou durante 15 anos e que segundo as quais os raios da Lua corroem com muito maior rapidez o mármore, ou seja: o carbonato de

cálcio, do que os raios do Sol, apesar de que a luz emitida pela Lua é 465.000 vezes menos potente do que a do Sol. Isso vem demonstrar que a Lua emite um comprimento de onda que lhe é próprio e, em certos sentidos, mais poderosos do que a do Sol.

Citamos essas experiências para evidenciar, de forma clara e inequívoca, a seguinte verdade: os astros exercem influência sobre os metais.

Essa relação simbólica entre os corpos celestes e os metais é amplamente explorada em diversas tradições esotéricas e alquímicas. Segundo essas práticas, cada astro é associado a um metal específico, carregando consigo propriedades e influências que afetam tanto o plano material quanto o espiritual. Por exemplo: essa concepção reflete a crença de que o Universo opera como um grande sistema interconectado, no qual o macrocosmo (os astros) influencia o microcosmo (os metais e os seres humanos). Assim, estudar essas influências é aprofundar-se no mistério das relações entre o físico e o espiritual.

8 - A Eclíptica Solar

Se atentarmos para a definição de eclíptica, “*ser o círculo que o sol parece descrever (imaginário) no céu no decurso de cada ano*”, podemos concluir, hipoteticamente, que o círculo eclíptico, espaço interior à eclíptica, é delimitado e que contém a nossa abóbada celeste.

A eclíptica é o caminho aparente que o Sol descreve no céu, ao longo do ano, devido ao movimento da Terra em sua órbita ao redor do Sol. É um círculo máximo na esfera celeste, que marca o plano da órbita da Terra.

A esfera celeste é uma esfera imaginária, que rodeia a Terra e na qual são projetados os corpos celestes. A eclíptica é uma faixa nessa esfera, que indica o caminho do Sol e dos planetas.

Portanto, a eclíptica não delimita a abóbada celeste em si mesma, mas, sim, é uma referência importante para entender os movimentos dos corpos celestes na esfera celeste.

Na trajetória do estudo do Templo é necessário termos noções do que é a eclíptica solar e que implicações ela nos traz.

A eclíptica solar é a linha imaginária, que representa o caminho aparente do Sol, no céu, ao longo de um ano, quando observado da Terra. É essencialmente o plano da órbita da Terra, em torno do Sol. Figura 7.

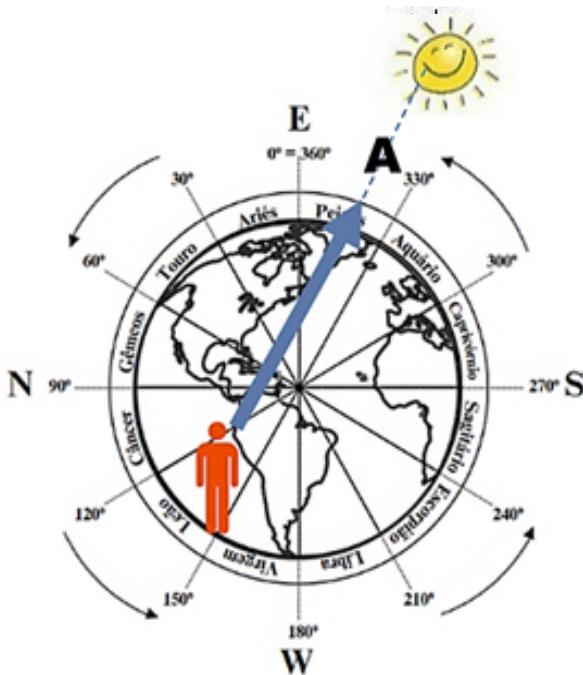


Figura 7

8.1 - Qual a resposta à pergunta?

P: Se uma pessoa, em pé, em qualquer ponto do planeta, observar o sol nascer em um ponto (A), no céu, e anotar esse ponto, qual seria o tempo necessário para o sol girar (movimento aparente) e vir a nascer nesse mesmo ponto?

R: Partindo do princípio de que a Terra tem a forma de um geoide, esse balé cósmico, chamado eclíptica solar, é um movimento determinado pela atração do Sol, da Lua e dos planetas sobre a figura esferoide da Terra (geoide). Na realidade, é a Terra que gira em torno do Sol.

Esse fenômeno - Movimento Retrógrado - é um fenômeno astronômico, segundo o qual um planeta parece se mover para trás, no céu noturno, devido à combinação de seus movimentos orbitais, a partir da perspectiva da Terra.

Assim, o eixo do polo do equador terrestre muda de lugar todos os anos, completando uma revolução inteira em 25.920 anos, aproximadamente 2.160 anos - 1/12 avos do círculo representativo de um signo zodiacal de 30° ou 1° (um grau) para cada 72 anos ($360 \times 72 = 25.920$ anos), ver figura 2.

8.2 - A Eclíptica Solar pode ser considerada como um balé cósmico?

Sim, pode, pois tudo, no Universo, segue leis imutáveis.

8.2.1 - É um movimento harmonioso?

Assim como dançarinos em um balé se movem de forma coordenada e elegante, os corpos celestes se movem em órbitas precisas e harmônicas, seguindo as leis da gravitação. O movimento do Sol, ao longo da eclíptica, é parte desse balé universal.

8.2.2 - Existe uma sincronização cósmica?

A trajetória do Sol, ao longo da eclíptica, e o movimento dos planetas, ao longo de suas órbitas, são sincronizados, criando uma coreografia celeste que se repete ano após ano. Essa sincronia é o que torna a analogia com um balé tão apropriada. A eclíptica é usada como uma referência fundamental para descrever as posições dos objetos no céu.

A interseção da eclíptica com o equador celestial define os pontos dos equinócios (primavera e outono), onde o dia e a noite têm a mesma duração. Os solstícios (verão e inverno) ocorrem quando o Sol está no ponto mais distante do equador celestial, resultando nos dias.

8.2.3 - Existe beleza e simetria

A eclíptica forma uma linha imaginária, que marca a posição do Sol em diferentes épocas do ano, enquanto os equinócios e os solstícios adicionam pontos de simetria e beleza à dança astronômica.

8.2.4 - Interação com as constelações

Conforme o Sol se move ao longo da eclíptica, ele passa por diferentes constelações do Zodíaco, como se estivesse interagindo com outros elementos cósmicos, em uma dança celestial. Cada constelação adiciona um “passo” diferente a essa dança universal.

- Na órbita dos planetas:

Todos os planetas do Sistema Solar orbitam o Sol aproximadamente no mesmo plano da eclíptica, com pequenas inclinações;

- No zodíaco:

As constelações do zodíaco estão localizadas ao longo da eclíptica, sendo o movimento aparente do Sol, através dessas constelações, ao longo do ano, um dos princípios básicos da astrologia.

8.3 - Explorando pontos interessantes da Eclíptica

Cerca de $23^{\circ} 27'$ é o que corresponde à inclinação do eixo de rotação da Terra, em relação ao seu plano orbital. Essa inclinação é responsável pelas estações do ano.

O plano da eclíptica solar é um tema fascinante, que nos ajuda a entender a mecânica do Sistema Solar. Aqui está uma explicação resumida.

O plano da eclíptica! Ele é um conceito fundamental na astronomia e tem grande importância em nossa compreensão do Universo. Aqui estão algumas razões pelas quais o plano da eclíptica é tão importante.

8.3.1- Definição

Formulamos um outro modo de definição: a eclíptica é o plano imaginário que contém a órbita da Terra, ao redor do Sol. É chamado assim porque é, ao longo desse plano, que ocorrem os eclipses solares e lunares.

8.3.2- Referência astronômica

A eclíptica é a base para a definição das estações do ano, pois a inclinação do eixo terrestre, em relação a esse plano, é o que causa as variações sazonais e o que determina a posição do Sol, da Lua e dos planetas visíveis no céu.

8.3.3 - Zodíaco e Astrologia

O Zodíaco é definido a partir da eclíptica, com as 12 constelações zodiacais distribuídas ao longo dela. Os signos astrológicos derivam desse movimento aparente do Sol.

8.4 - Eclipses e alinhamentos celestes

Os eclipses solares e lunares só ocorrem quando a Lua cruza o plano da eclíptica no momento adequado, nos chamados nodos lunares.

8.4.1 - Navegação e observação astronômica

Astrônomos e navegadores usam o plano da eclíptica como referência para calcular posições celestes. O Plano da Eclíptica serve de base para antever, determinar e calcular eventos astronômicos ou astrológicos.

8.4.2 - Importância cultural e histórica

O plano da eclíptica está relacionado ao calendário, pois a posição do Sol e dos planetas, nesse plano, influencia as estações do ano e os ciclos lunares.

8.4.3 - Astronomia antiga

A eclíptica é usada como uma referência fundamental para descrever as posições dos objetos no céu.

A compreensão do plano da eclíptica foi fundamental para a astronomia antiga, pois permitiu que os astrônomos antigos entendessem o movimento dos corpos celestes.

O conhecimento do plano da eclíptica também foi importante para a navegação, pois permitiu que os navegadores determinassem a posição do Sol e das estrelas, para a orientação de suas navegações.

8.5 - Conclusão

Em resumo, o plano da eclíptica é um conceito fundamental na astronomia, que tem grande importância em nossa compreensão do universo. Ele está relacionado à órbita dos planetas, eclipses, precessão dos equinócios, calendário, astronomia antiga e navegação.

Existem, no planeta Terra, “*forças invisíveis*” que atuam de maneira cíclica e temporal e que impactam o planeta Terra, causando os equinócios e solstícios.

Comentaremos aquilo que um maçom deve saber sobre os equinócios e solstícios.

9 - Astrologia e Astronomia

Na Astrologia, a posição do Sol na eclíptica, em relação às constelações zodiacais, no momento do nascimento de uma pessoa, é usada para criar o mapa astral.

Na Astronomia, a eclíptica é uma referência crucial para se entenderem as posições dos planetas e de outros corpos celestes, em nosso sistema solar.

9.1 - A Astrologia e Astronomia são fundamentais?

Ambas são fundamentais para a ciência, muito embora tenham suas particularidades.

9.1.1 - A Astronomia é fundamental, porque:

- explica a origem, evolução e funcionamento do cosmos;
- permite avanços científicos e tecnológicos, como satélites, GPS e exploração espacial;
- ajuda na previsão de fenômenos naturais, como eclipses e mudanças climáticas.

9.1.2 - A Astrologia é fundamental, porque:

- tem um papel cultural e simbólico, influenciando diversas civilizações ao longo da história;
- oferece uma importante ferramenta de autoconhecimento e reflexão sobre a personalidade;
- estabelece uma conexão simbólica entre os movimentos celestes e eventos terrestres;

-
- influenciou diversas culturas, religiões e até a arte, estando presente nas mitologias;
 - mesmo não sendo uma ciência, continua a ser estudada e praticada por aqueles que nela encontram um sistema de orientação e significado.

9.1.3 - Na observação celeste

Durante um ano, observando o céu noturno, podemos ver o Sol “viajando” pela eclíptica, passando por diferentes constelações do Zodíaco. A eclíptica tem várias implicações importantes tanto na astronomia quanto na astrologia.

9.1.4 - Na medição do tempo

A eclíptica é fundamental para a definição do ano solar. As mudanças sazonais que experimentamos estão diretamente relacionadas à posição do Sol ao longo da eclíptica. Isso influencia diretamente as nossas estações do ano.

9.1.5 - No mapeamento celeste

Astronomicamente, a eclíptica serve como uma referência essencial para mapear a posição dos planetas, asteroides e outros corpos celestes, em nosso sistema solar. A maioria dos planetas orbita o Sol em planos que são próximos à eclíptica, tornando-a uma linha de referência crucial para observações astronômicas. Isso permite que astrônomos determinem, com precisão, as posições e movimentos desses corpos celestes, ao longo do tempo.

A eclíptica também é fundamental para a astrologia, pois os signos do Zodíaco são baseados nas constelações que o Sol atravessa, ao longo do ano, enquanto se move ao longo da eclíptica.

9.1.6 - Mapas Astrais e Astrologia

Na astrologia, a eclíptica é crucial para a criação de mapas astrais, uma vez que a posição dos planetas, em relação às constelações do Zodíaco, no momento do nascimento de uma pessoa, é usada para determinar características e influências astrológicas.

9.1.7 - Na educação e pesquisa científica

Compreender a eclíptica é essencial para estudos científicos relacionados à órbita da Terra, ao comportamento dos outros planetas, e às dinâmicas do sistema solar.

Essas implicações mostram como a eclíptica é uma peça central para entender tanto os fenômenos naturais quanto os conceitos culturais e científicos.

10 - A forma do Planeta Terra

Até a chegada do homem à Lua, não tínhamos a certeza da forma da Terra, pois ela não era vista além da sua órbita. Até então, existia a teoria de que a Terra era plana. Atualmente, apesar de todos os relatos e comprovações tecnológicas, ainda há quem acredite nessa teoria da Terra plana.

A Terra tem a forma de um geoide, o que significa que ela é esferoidal, mas com uma superfície irregular, devido a variações na gravidade e na topografia. Essa forma se assemelha a uma esfera ligeiramente achatada nos polos e mais larga no equador.

Essa forma se deve à rotação da Terra e à distribuição heterogênea da sua massa. Os defensores da teoria da Terra plana (terraplanistas) baseiam suas crenças em várias alegações, apesar das evidências científicas demonstrarem claramente que a Terra é um geoide. Aqui estão algumas dessas “*provas*” mais comuns.

10.1 - A Terra é plana? - Provas

Há quem defende, ferrenhamente, que a Terra é plana.

10.1.1 - Observações visuais

Esses defensores argumentam que, na observação do horizonte, a partir de uma superfície plana, ele parece sempre reto, não curvo. Contudo, essa observação não leva em conta a escala da Terra, na qual a curvatura não é facilmente perceptível a olho nu, em curtas distâncias.

10.2 - A Terra é uma esfera oblata?

Sim, é uma esfera oblata, uma forma geométrica que resulta da rotação de uma elipse, em torno de seu eixo menor.

Em termos mais simples, imagine uma esfera achatada nos polos e mais larga no equador. Esse formato é típico de objetos astronômicos, que giram rapidamente, como planetas, devido à força centrífuga.

10.2.1 - Exemplos de esferas oblatas

1. **Terra:** A Terra é um exemplo clássico de uma esfera oblata. Devido à sua rotação, o planeta é ligeiramente achatado nos polos e dilatado no equador.

2. **Júpiter:** O planeta gasoso Júpiter também é uma esfera oblata, devido à sua rápida rotação.

3. **Saturno:** Outro planeta gasoso, Saturno, também apresenta uma forma oblata, devido à sua rotação.

4. **Estrelas:** Algumas estrelas, especialmente aquelas que giram rapidamente, podem apresentar uma forma oblata, devido à força centrífuga, causada pela rotação.

Esses corpos celestes não são perfeitamente esféricos, devido às forças que atuam sobre eles, como a gravidade e a rotação.

10.2.2 - Causa da oblação

A forma oblata ocorre porque a rotação de um corpo provoca uma força centrífuga, que é maior no equador do que nos polos, resultando em um achatamento nos polos.

11 - Precessão dos Equinócios e Solstícios

11.1 - Equinócios

Equinócios são fenômenos astronômicos que acontecem quando os raios solares incidem perpendicularmente sobre a Linha do Equador, o que faz com que os hemisférios Norte e Sul recebam a mesma quantidade de iluminação solar. Tais fenômenos são causados pela inclinação do eixo da Terra e pelo movimento de translação, que o nosso planeta realiza ao redor do Sol.

Os equinócios ocorrem duas vezes ao ano, quando o dia e a noite têm a mesma duração. Tais fenômenos marcam a transição entre as estações.

11.1.1 - Equinócio vernal

É sempre um símbolo de renovação e recomeço.

11.1.2 - Equinócio outonal

É sempre um período de colheita e reflexão.

Os equinócios nos ensinam sobre equilíbrio e harmonia, lembrando-nos da importância de mantermos a balança equilibrada em nossas vidas.

11.1.3 - Ocorrência dos Equinócios

Os Equinócios geralmente ocorrem nas seguintes datas:

-
- Em 20 ou 21 de março, equinócio de primavera no Hemisfério Norte e equinócio de outono no Hemisfério Sul;
 - Em 22 ou 23 de setembro, equinócio de outono no Hemisfério Norte e equinócio de primavera no Hemisfério Sul.

Essas datas podem variar ligeiramente a cada ano, devido ao calendário gregoriano e à órbita da Terra.

11.2 - Solstícios

Solstício é o momento em que o Sol, durante seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador, ocasião em que um dos polos da Terra se encontra no seu ponto máximo de inclinação, em direção ao Sol, recebendo luz 24 horas por dia, enquanto o polo oposto permanece em total escuridão, por igual período de horas.

Os solstícios ocorrem duas vezes ao ano e representam os dias mais longos e mais curtos. O solstício de verão, com seu ápice de luz, simboliza iluminação, crescimento e expansão, enquanto o solstício de inverno, com sua escuridão máxima, convida à introspecção e ao renascimento. Os solstícios nos mostram o ciclo eterno da vida e a necessidade de passarmos por períodos de luz e sombra, para o nosso crescimento pessoal e espiritual.

11.2.1 - Ocorrências dos solstícios

As datas dos solstícios variam ligeiramente a cada ano, devido ao calendário gregoriano, mas normalmente ocorrem nos seguintes dias:

-
- aproximadamente em 21 de junho, solstício de verão no Hemisfério Norte. Nesse dia, o Hemisfério Norte experimenta o dia mais longo e a noite mais curta do ano;
 - aproximadamente em 21 de dezembro, solstício de inverno no Hemisfério Norte. Nesse dia, o Hemisfério Norte experimenta a noite mais longa e o dia mais curto do ano.

No Hemisfério Sul, as datas são invertidas:

- aproximadamente em 21 de junho, solstício de inverno;
- aproximadamente em 21 de dezembro, solstício de verão.

Essas datas marcam momentos importantes no ciclo anual da Terra ao redor do Sol e têm grande significado tanto astronômico quanto cultural.

11.3 - Significado dos equinócios e solstícios

Os equinócios e solstícios têm significados profundos e simbólicos na maçonaria, refletindo a ligação com os ciclos naturais e cósmicos. Aqui estão algumas interpretações:

- Esoterismo

Os equinócios e os solstícios são datas de grande relevância para o mundo maçônico, onde acontecem transformações em busca de um equilíbrio entre a Luz e a não luz. Essas datas contêm muito Esoterismo maçônico.

- Equilíbrio e Igualdade

Nos equinócios, o dia e a noite têm igual duração, simbolizando equilíbrio e harmonia. Para os maçons, isso representa o equilíbrio entre luz e escuridão, conhecimento e ignorância, bem e mal.

- Renovação e Transformação

Os equinócios marcam a mudança das estações, simbolizando renovação e transformação pessoal. A primavera representa o renascimento e crescimento, enquanto o outono simboliza a introspecção e a preparação para o futuro.

12 - As grandes Eras da Humanidade

No nosso estudo da precessão dos equinócios e zodiacais, divide-se a circunferência em 12 partes, encontrando-se 12 setores circulares de 30°, enquanto, a cada 72 anos, o ponto equinocial se desloca em um grau.

Esses períodos de 2.160 anos podem ser vistos como um grande relógio ($2.160 \times 12 = 25.920$), que divide a história da humanidade em grandes eras.

Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, denomina esses períodos como “épocas culturais”.

A cada época, uma onda cultural atinge a humanidade, havendo uma nova mentalidade entregue ao mundo. Os povos antigos sabiam que seus impulsos eram norteados por uma determinada região no céu, razão pela qual seus cultos religiosos eram dirigidos a essas energias originais.

12.1 - As épocas culturais da história da Terra

Consta que a catástrofe Atlântida ocorreu por volta de 10.000 a.C., no início da grande era de Leão, e marcou um novo ciclo de épocas culturais: a era pós-Atlântida.

12.1.1 - Entre 8.000 e 6.000 a.C. - a Antiga Cultura Hindu

Segundo as pesquisas de Steiner, a primeira dessas épocas culturais ocorreu na região que hoje conhecemos como Índia, na qual brotou a antiga cultura hindu.

Entre 8.000 e 6.000 a.C., o equinócio da primavera se encontrava em Câncer. Não temos resquícios da cultura que desabrochou nessa época, apenas lembranças que mais tarde foram transcritas sob a forma de cânticos, os *Vedas*, que cantam a saudade do mundo espiritual.

12.1.2 - Entre 6.000 e 4.000 a.C. - Os Persas

Com o ponto do equinócio da primavera avançando para a constelação de Gêmeos, entre 6.000 e 4.000 a.C., um outro povo entra para a história: os persas. A cultura persa antiga também não deixou resquícios históricos, somente memórias dessa época: os cânticos do *Avesta*.

12.1.3 - Entre 4.000 e 2.000 a.C. - A Terceira Época Cultural

O Sol avança com o equinócio da primavera para a constelação de Touro. As culturas da Babilônia e do Egito entram em especial contato com as novas forças celestes.

Entre 4.000 e 2.000 a.C., surge uma ligação mais profunda com a Terra, com o mundo sensorial e com a morte.

O símbolo do Egito era o Sol com os chifres do Touro.

12.1.4 - A Cultura

A cultura seguinte é a greco-romana, o “ponteiro” celeste estava em Áries. A cultura grega e a israelita são marcadas pela imagem do Carneiro.

Os gregos encarnam profundamente o seu ente espiritual, o que os auxilia muito na maravilhosa criação das esculturas.

O povo israelita também desenvolveu as forças do Carneiro. Os líderes judaicos conduziam seu povo da mesma forma como suas ovelhas. A força divina inspiradora atuava sobre toda a tribo, mas gradativamente foi sendo perdida.

12.1.5 - A vinda de Jesus Cristo

Com a vinda de Jesus Cristo, a força divina passou a atuar no nível individual. Iniciou-se o processo de “*individuação*”, como diz C. G. Jung. Em lugar do sacrifício, foi instituído o sacramento da comunhão, em que o pão e o vinho representam o Cristo sacrificando-se a si mesmo.

Nas catacumbas, uma das representações do Cristo era o Peixe; é quando, apesar das forças de declínio físico da humanidade, novas forças espirituais devem se desenvolver.

12.1.6 - A transição da Era de Peixes para uma Nova Era

Atualmente estamos em plena transição da Era de Peixes para uma nova Era, a Era de Aquário.

12.1.7 - Estamos vivendo a chegada de Aquário?

A era de Aquário já é esperada pela humanidade; é quando o ser humano desenvolverá um novo atributo suprassensível: o “*espírito vital*” ou “*budhi*”.

12.2 - O Homem e o seu *Budhi*

Que significa o homem desenvolver o *Budhi*?

No contexto do esoterismo e da filosofia oriental, o termo “*budhi*” refere-se ao princípio da inteligência superior ou sabedoria espiritual. Desenvolver o *Budhi* significa despertar e cultivar essa consciência superior, elevando-se além dos pensamentos e emoções cotidianas, para alcançar uma compreensão mais profunda e intuitiva da realidade. Aqui estão alguns pontos chaves sobre o desenvolvimento do *Budhi*:

12.2.1 - Quando o Homem desenvolve o seu *Budhi*?

O Que acontece com o “*homo*” quando desenvolve o seu *Budhi*?

Todo aquele, que desenvolver o seu *Budhi*, desenvolverá a sua Intuição Espiritual, afinando a sua intuição profunda e a sua percepção espiritual. Desenvolver essas capacidades significa aprender a confiar mais na intuição do que na mente racional...

12.2.2 - O Desapego

Desvincilar-se do desapego é ficar livre dos desejos materiais e das emoções negativas que carreiam o homem a vibrar no patamar das baixas frequências, deixando-o à mercê de toda espécie de desejos nefandos, estancando o seu caminhar na senda evolutiva. É um processo de purificação da mente e do coração.

12.2.3 - A Sabedoria e a Compreensão

O desenvolvimento do *Budhi* traz uma sabedoria intrínseca e uma compreensão da verdadeira natureza da existência. Isso inclui *insights* sobre tanto a interconexão de toda a vida quanto a unidade do universo, com o acesso aos Arquivos Akhásicos (atributo do companheiro maçom).

12.2.4 - O Amor e a Compaixão

Um aspecto importante do *Budhi* é o desenvolvimento de um amor e compaixão universais. É a capacidade de ver além das diferenças e de agir com bondade e empatia.

12.2.5 - O Equilíbrio Interior

O *Budhi* promove um estado de equilíbrio interior e serenidade, permitindo que a pessoa mantenha a paz interna mesmo em meio a circunstâncias desafiadoras.

13 - A Era de Aquário

A era de aquário é um conceito astrológico e esotérico que se refere a um novo período da humanidade, de aproximadamente 2.160 anos, caracterizado por certas qualidades e transformações espirituais e sociotecnológicas.

13.1 - O Esoterismo da Era de Aquário

Este conceito, que se refere a uma abordagem espiritual e filosófica, que busca a unidade e a harmonia, a partir da ideia de que a humanidade está entrando em uma nova era, na qual reinaria o amor, a paz inverencial e a iluminação, em interconexão com todas as coisas, na qual cada ser buscará uma espiritualidade mais pessoal e direta, distante das instituições religiosas tradicionais, valorizando a intuição, a meditação e a busca pelo conhecimento interior.

13.2 - A Transição de Eras

A transição da Era de Peixes para a Era de Aquário é um conceito profundamente simbólico, vindo principalmente da astrologia e das tradições esotéricas, ligado aos ciclos cósmicos, conhecidos como “precessão dos equinócios”. Cada “era astrológica” dura cerca de 2.160 anos, totalizando aproximadamente 25.920 anos, para completar o ciclo através das 12 constelações zodiacais.

A Era de Peixes, que muitos acreditam ter começado por volta do nascimento de Cristo, é frequentemente associada a temas como espiritualidade, fé, sacrifício e a busca por significados transcendentais, enquanto a Era de Aquário, para a qual estaríamos

supostamente em transição (ou já inseridos, segundo alguns), é vista como um período marcado pela ênfase na inovação, na igualdade, na tecnologia, na coletividade e numa consciência mais humanitária.

Essa transição, segundo a visão esotérica, simboliza um período de mudança profunda na consciência coletiva, com desafios e rupturas dos valores tradicionais, para abrir espaço a novas formas de pensar e se relacionar. No entanto, os limites entre essas eras não são precisos, havendo, por isso, debate, dentre estudiosos e praticantes da Astrologia, sobre quando exatamente começou ou começará a Era de Aquário.

13.3 - O Portador da Água

O símbolo mais conhecido de Aquário é o portador da água (*aguador*), representado por um homem ou uma mulher derramando água de um jarro.

No esoterismo, o termo “aguador” pode ter significados simbólicos profundos. Geralmente, o aguador é visto como uma figura que traz a água, que é frequentemente associada à purificação, à vida e à energia espiritual. Nesse contexto, a água representa o fluxo das emoções, o crescimento espiritual e a purificação da alma.

13.4 - Simbolismo Esotérico do Aguador

Em resumo, este símbolo (*aguador*) representa a difusão de conhecimento e sabedoria, derramando as águas da vida para todos.

13.4.1 - A Purificação

O aguador pode simbolizar ainda a purificação emocional e espiritual, ajudando a remover impurezas e energias negativas.

13.4.2 - Vida e Renovação

Como a água é essencial para a vida, o aguador, como portador dessa água, representa a renovação e o sustento espiritual.

13.4.3 - O Conhecimento Espiritual

Em algumas tradições esotéricas, o aguador também pode ser visto como um portador de sabedoria e conhecimento espiritual, trazendo *insights* profundos para aqueles que os buscam.

13.4.4 - As Ondas

O símbolo gráfico de Aquário é composto por duas ondas paralelas, que podem representar tanto a água quanto as ondas eletromagnéticas, simbolizando a fluidez do pensamento, a inovação e a conexão com o coletivo. Embora o Aquário seja um signo do elemento ar, o símbolo das ondas também pode representar a transmissão de ideias e o fluxo de energia, refletindo o caráter visionário e revolucionário de Aquário.

O símbolo das ondas reflete essa natureza, representando não apenas a comunicação e a troca de ideias, mas também a inovação e a quebra de padrões. Como signo do elemento ar, o signo de Aquário está associado ao pensamento progressista, à liberdade e à busca por um futuro mais justo, inovador e inclusivo! Aquário é um signo que busca evolução, rompendo com tradições obsoletas e trazendo novas ideias para a sociedade. Sua essência é revolucionária, sempre mirando no progresso das raças.

13.5 - Práticas da Era de Aquário

A meditação é uma prática fundamental na Era de Aquário, ajudando os indivíduos a se conectarem com seu eu interior e a alcançarem uma compreensão mais profunda de si mesmos e do universo.

13.5.1 - A inovação tecnológica

A Era de Aquário exigirá uma nova matriz alimentar e de bens de consumo, a partir do uso de tecnologias sustentáveis, para preservar a vida humana no planeta Terra.

No Aquário, a humanidade não terá, em seu cardápio, nada que seja considerado animal, vegetal ou mineral. Tudo será produzido pela síntese plasmática, através de aparelhos com tecnologias inimagináveis para a nossa atual humanidade, *pois o homem entenderá que os reinos inferiores somos nós no passado e que eles serão nós no futuro.*

Nessa perspectiva, o homem deixará de viver em grandes urbes e viverá em núcleos habitacionais no campo, de acordo com as tendências individuais, formando aglomerados homogêneos, desfrutando da vida e enaltecedo as artes, ocupando seu tempo com assuntos sublimes, pois não existirá a prática dos sentimentos inferiores.

O símbolo moderno do Aquário está fortemente associado à tecnologia e ao progresso científico, representados, por exemplo, pelos computadores, redes, dentre outros equipamentos.

13.5.2 - A prática profissional

O incentivo ao desenvolvimento de novas tecnologias e à aplicação de soluções inovadoras, para problemas globais, são práticas comuns, alinhadas com os valores aquarianos de progresso e melhoria contínua.

13.5.3 - A prática social

Há um forte foco na criação de comunidades sustentáveis e na promoção de práticas ecológicas, como projetos de energia renovável, agricultura urbana, dentre outras iniciativas afins.

13.5.4 - O Ativismo e a Igualdade

Será praticado o usufruto pelo coletivo, em detrimento do individualismo.

13.5.5 - A prática sociopolítica

A Era de Aquário é marcada por um forte senso de justiça social e igualdade, através de movimentos de direitos humanos, ativismo ambiental e esforços para reduzir desigualdades.

13.5.6 - O espaço e o avanço da Ciência

São altamente valorizados. Missões espaciais, pesquisas científicas e descobertas tecnológicas refletem a curiosidade e a visão futurista de Aquário.

Com o influxo de “urano”, viveremos, em conjunto com o nosso planeta, uma nova frequência. Além disso, a prevalência das novas tecnologias fomentará um avanço nas ciências, com a implantação, principalmente na medicina, de práticas corretivas do DNA humano, o que fará com que o homem seja reconhecido como um ser do Universo Dimensional, tendo assento na Federação Intergaláctica (mundos dimensionais dentro da nossa Galáxia) e Confederação Intergaláctica (mundos dimensionais além e aquém (*intraterrena*) da nossa Galáxia).

13.5.7 - Impacto na Cultura e na Espiritualidade

A Era de Aquário é vista como um tempo de grande transformação cultural e espiritual, promovendo um mundo mais conectado, igualitário e consciente. Os símbolos e práticas dessa era incentivam o crescimento pessoal, a inovação e a construção de um futuro melhor.

14 - Astrologia e Esoterismo da Era de Aquário

A astrologia se tornará uma ferramenta importante para o autoconhecimento e a compreensão das energias que influenciam a vida na Terra.

14.1 - Impacto na consciência coletiva

A Era de Aquário está associada a uma mudança na consciência coletiva, em que os valores da compaixão, inovação, e interconectividade se tornam mais predominantes. As barreiras entre as nações, raças e religiões são diminuídas, promovendo uma visão de unidade global.

14.2 - Conclusão sobre a Era de Aquário

A Era de Aquário, esotericamente, é vista como um tempo de grande progresso, em que a humanidade se move em direção a uma maior harmonia, sabedoria e entendimento. É uma era que promete trazer um novo nível de consciência e espiritualidade para o mundo.

15 - Um Cálculo Interessante!

Calculemos o comprimento da circunferência da Terra, sem as oscilações dos equinócios - considerando-se o raio equatorial (r_e) = 6.378 km;

15.1 - Temos: $C = 2 \pi r_e$

Substituindo-se, temos:

$$r_e = \text{raio equatorial} = 6.378 \text{ Km}$$

$$C = 2 \times 3,14 \times 6.378 \text{ Km} \Rightarrow$$

$$\boxed{\mathbf{C = 40.053,84 \text{ km}}}$$

**15.1.1 - Cálculo da relação comprimento e diâmetro da Terra
($C \div d_e$)**

$$C \div d_e = ?$$

$$C = 40.043,84 \text{ km}$$

$$d_e = 12.756 \text{ km}$$

$$\Rightarrow (C \div d_e) = 40.043,84 \div 12.756 \text{ km}$$

$$\boxed{\mathbf{C \div d_e = 3,14... = \pi}}$$

O G. A. D. U. GEOMETRIZA!

15.1.2 - Circunferência da Terra sem e com as oscilações

Faremos agora o cálculo da retificação da circunferência da Terra, tanto sem as oscilações da Terra, devido à precessão dos equinócios (O - E) e (O - W) quanto com o incremento dessas oscilações. Para fazer esses cálculos, é de bom alvitre tecermos previamente algumas definições.

A precessão dos equinócios, junto com outras mudanças nos parâmetros orbitais da Terra, faz parte dos ciclos de *Milankovitch*, que afetam os padrões de glaciações. Esses ciclos são um conjunto de variações periódicas na órbita e na inclinação da Terra, que têm afetado o clima do nosso planeta, ao longo de milhares de anos.

15.1.3 - Os principais ciclos de *Milankovitch* incluem:

- **Excentricidade:** A forma da órbita da Terra ao redor do Sol, a qual varia de quase circular a mais elíptica.
- **Obliquidade:** A inclinação do eixo da Terra, que influencia a intensidade das estações.
- **Precessão:** A mudança na orientação do eixo de rotação da Terra, que afeta a direção dos equinócios.

15.1.4 - Descoberta do fenômeno da precessão dos equinócios:

O fenômeno da precessão dos equinócios foi descoberto pelo astrônomo grego Hiparco, por volta de 130 a.C. Ele observou que as posições das estrelas mudavam lentamente, em relação ao equinócio de primavera. Através de suas observações e cálculos, Hiparco foi capaz de identificar e quantificar o movimento precessional.

Esse fenômeno continua a ser estudado e monitorado pelos astrônomos modernos, que utilizam técnicas de observação avançadas e modelos matemáticos precisos, para o melhor entendimento de suas implicações e efeitos, ao longo do tempo.

15.2 - A oscilação precessional

Observamos que a oscilação do nosso planeta é de $23^{\circ} 27'$, para cada lado = 2 ($r_1 - r_2 = \phi$), nos Planos de Oscilação (O - E) e (O - W), tendo como seu eixo o da eclíptica. Por isso, logicamente, ocorre um acréscimo do raio no sentido (O - E), (O - W), o que implica num aumento no comprimento retificado da Terra. Figura 8.

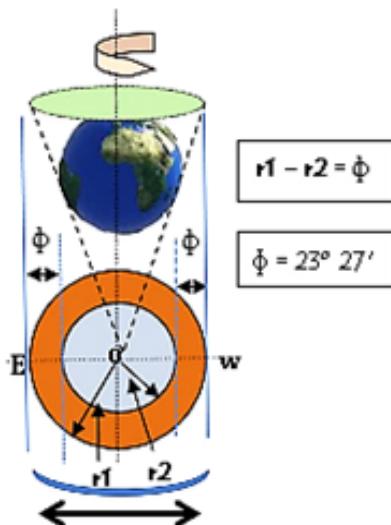


Figura 8

Essa “oscilação”, no eixo de rotação da Terra, leva cerca de 25.920 anos para completar um ciclo, ou seja, uma eclíptica anual.

Queremos deixar claro que, na precessão dos equinócios, a Terra leva cerca de 25.920 anos, para completar um ciclo em torno do Sol. Isso, porém, não está relacionado a uma “eclíptica anual”. A eclíptica (somente eclíptica) é um conceito que define o caminho aparente do Sol, ao longo do ano.

Essa duração só não é mais precisa porque é influenciada pelo movimento das placas tectônicas, que influenciam na precessão dos equinócios.

15.2.1 - Como as placas tectônicas influenciam a precessão dos equinócios:

- redistribuição de Massa;
- alterações na Inclinação do Eixo;
- mudanças na Geomorfologia.

Embora a precessão dos equinócios seja principalmente governada pela gravidade do Sol, as placas tectônicas desempenham um papel secundário ao causar pequenas variações na distribuição de massa e na inclinação do eixo da Terra.

15.2.2 - Os Principais Ciclos de *Milankovitch*

- Já citados e comentados no item 15.1.3.

15.2.3 - Importância dos ciclos de *Milankovitch*

- São responsáveis pelas mudanças climáticas a longo prazo, incluindo eras glaciais e períodos interglaciais.

15.3 - Cálculo dos acréscimos nos sentidos Oeste (O - W) e Leste (O - E):

Para calcular o acréscimo no comprimento da circunferência, para a direções (O - W) e (O - E), calculamos um dos acréscimos observando que $(O - W) = (O - E)$.

Este acréscimo de raio implicará em um acréscimo no comprimento ($C = 2 \cdot \pi \cdot R$) de $23^\circ 27'$, para cada lado, devido a oscilação da Terra, que gira cambaleando como um peão. $\phi = 2.670,27$ km, para cada lado. Figura 9.

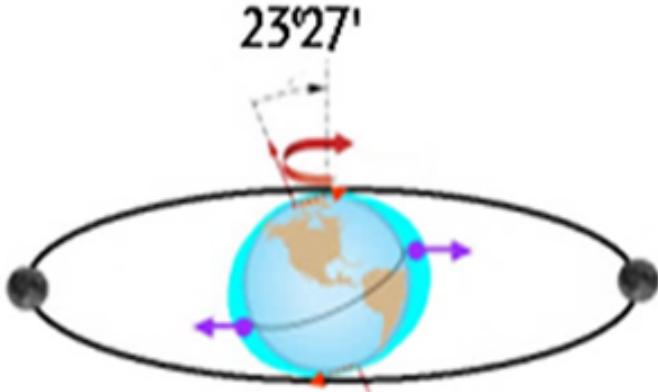


Figura 9

15.4.1 - Cálculo do comprimento retificado da precessão dos equinócios (C^*), em função do raio (r_e), (2ϕ).

- Movimento total da precessão dos equinócios (2ϕ)

$$(2\phi) = 2(2.670,27) = 5.340,54 \text{ km}$$

15.4.2 - Diagrama de retificação, considerando-se como se a Terra não tivesse a precessão dos equinócios (C). Figura 10.

Dados:

$$C^* = (2\pi r_e); \quad r_e = \text{raio equatorial} = 6.378 \text{ Km}$$

$$C^* = (2 \times 3.14 \times 6.378) = 40.053.84 \text{ Km}$$

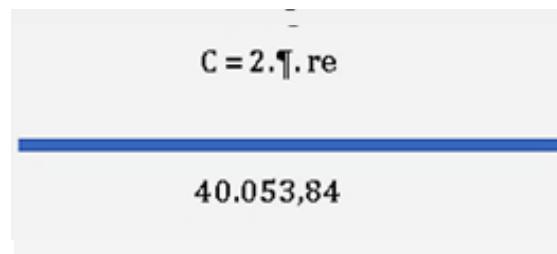


Figura 10

15.4.3 - Diagrama de retificação, considerando-se a precessão dos equinócios (C^*). Figura 11.

Dados: $\Phi = 2\pi r_e / 15$

$$C^* = \{ 2(\Phi) + (2\pi r_e) \} \Rightarrow$$

$$C^* = \{ 2(2.670,27) + (2\pi r_e) \} \Rightarrow$$

$$C^* = \{ 5.340 + 40.053,84 \} \Rightarrow$$

$$C^* = 45.393,84 \text{ Km}$$

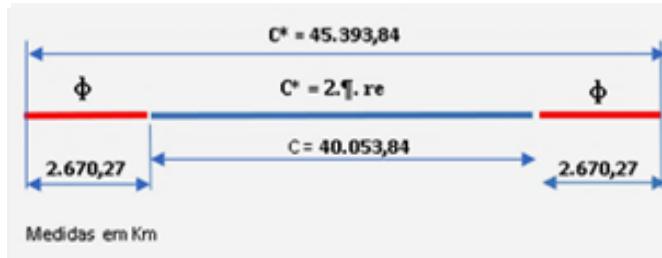


Figura 11

15.5 - Cálculo do lado (L^*) em km, sabendo-se que:

$$(C^*) = 7,12 \cdot r_e \text{ e que } (C^*) \div (L^*) = \pi$$

$$r_e = \text{raio equatorial} = 6.378 \text{ Km}$$

$$\text{Cálculo de } (L^*) = ?$$

$$\text{logo: } C^* = L^* \div \pi \Rightarrow L^* = C^* \div \pi$$

$$(L^*) = (7,12 \times 6.378) \div 3,14 \Rightarrow \boxed{L^* = 14.462,21 \text{ Km}}$$

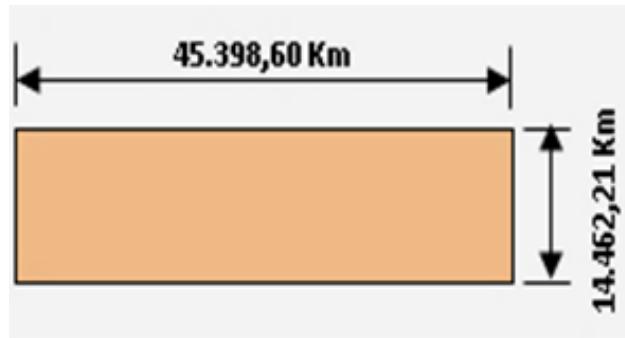


Figura 12

15.6 - Outra maneira de calcular (L^*)

Faz-se com que a área da secção máxima equatorial seja igual à área do quadrilongo, tudo em função do raio, levando-se em consideração que $(C^*) \div (L^*) = \pi$.

$$(C^*) = 7,12 r_e$$

$$(7,12 \cdot r_e) \div (L^*) = \pi \Rightarrow (L^*) = (7,12 \times r_e) \div 3,14$$

$$(L^*) = 2,26 (r_e)$$

15.6.1 - Calcule a retificação da circunferência da Terra, em função do raio equatorial (r_e), com os acréscimos oscilatórios e apresente o deslocamento cambaleante total ($\Omega = 2\phi$).

Cálculo do acréscimo ($OE = \phi$) (oscilação) na circunferência eclíptica, em função do raio equatorial (r_e)

Fazendo-se $23^\circ 27' = 24^\circ$, temos:

$$360^\circ \dots \dots 2\pi r_e$$

$$24^\circ \dots \phi$$

$$\Rightarrow \phi (OE) = [(2\pi r_e)24] \div 360 \Rightarrow 2\pi r_e / 15$$

$$\Rightarrow \phi = (OE) = 0,419 \text{ re}$$

Como $(OE) = (OW)$, ou seja: o deslocamento na direção (centro - leste) é igual ao deslocamento na direção (centro - oeste), que é igual ao acréscimo ($O - E = \phi$). Isso nos facilita dizer que:

Ω = Deslocamento total da oscilação da Terra

$$\Omega = (OE) + (OW) \Rightarrow \Omega = \phi + \phi \Rightarrow$$

$$\boxed{\Omega = 2\phi}$$

15.7 - Conclusão:

De posse desses dados geofísicos, associamo-los ao diálogo do Venerável Mestre com o 1º Vigilante, que consta no item 7.5 retro, diálogo esse que reproduzimos a seguir:

P: Como é coberta a nossa Loja ir.: 1º Vig.:?

R: Por uma abóbada azul semeada de estrelas e nuvens, na qual circulam o Sol, a Lua e inúmeros outros astros, que se conservam em equilíbrio pela atração de uns sobre os outros...

P: Quais são os sustentáculos dessa Abóbada ir.:?

R: Doze lindas CCol.:

P: Que representam essas Ccol.: meu ir.:?

R: Os doze signos do zodíaco, isto é, as 12 constelações que o sol percorre no espaço de um ano solar.

Imaginemos que:

Na periferia da secção máxima equatorial seria o local onde se apoiam as 12 lindas Colunas Zodiaciais.

Consequentemente a área circular, dessa secção máxima equatorial é a área onde há uma maior exposição aos raios solares e às energias afins, produzindo efeitos positivos na vida dos seres vivos do planeta Terra.

- **No clima:** A região equatorial recebe uma quantidade significativa de radiação solar ao longo do ano, o que pode ser benéfico para a geração de energia solar e para o cultivo de certas culturas;
- **Na biodiversidade:** A região equatorial é conhecida por sua rica biodiversidade, com muitas espécies de plantas e animais que são encontradas apenas nessa região. Isso pode ser benéfico para a conservação da natureza e para a descoberta de novos recursos naturais;
- **Na agricultura:** A região equatorial pode ser adequada para o cultivo de certas culturas, como frutas tropicais, especiarias e outras plantas que requerem um clima quente e úmido. É, portanto, uma região que mantém um certo mistério.

15.8 - A Zona onde há vida em harmonia e exuberância e que neste ensaio a denominamos de Área Vital.

Como vemos o planeta Terra transborda de energias telúricas próprias, constantemente estimuladas e renovadas pelo sol.

A seção máxima equatorial é a região onde a radiação solar incide com intensidade e constância e, também, onde o campo magnético se apresenta com maior horizontalidade.

Demonstrando por analogia a horizontalidade do campo magnético na secção máxima equatorial da Terra: - Imagine um ímã com um campo magnético ao redor. Se você colocar um pequeno ímã perto do equador do ímã maior, ele se alinhará com o campo magnético, apontando para o centro do ímã. Agora, imagine que o ímã maior é a Terra e o pequeno ímã é uma partícula carregada. Na secção máxima equatorial, o campo magnético da Terra é mais horizontal, o que significa que as partículas carregadas se movem mais facilmente nessa região devido ao campo magnético horizontal. O campo magnético da Terra pode influenciar o movimento de partículas carregadas, especialmente na região equatorial.



Figura 13

16 - Por que o Quadrilongo?

Sempre me perguntei por que os maçons, nossos ancestrais, em 1717 (?), escolheram o “quadrilongo”, para representar o nosso Templo.

Existe, na seção máxima equatorial, uma maior concentração de energia eletromagnética, com maior horizontalidade. Essa afirmação não é uma verdade científica estabelecida.

O campo magnético da Terra não só é gerado pelo movimento do núcleo líquido da Terra, como também é mais forte nos polos magnéticos, não no equador. Além disso, a energia eletromagnética na Terra é influenciada por muitos fatores, incluindo a radiação solar, a atividade vulcânica e a própria rotação da Terra.

No entanto, é verdade que a região equatorial recebe uma quantidade significativa de radiação solar, ao longo do ano, devido à inclinação do eixo da Terra. Isso pode influenciar o clima e a quantidade de energia solar disponível para a fotossíntese e outras aplicações, tais como:

- O campo magnético da Terra protege o planeta de partículas carregadas do vento solar;
- A radiação solar é a principal fonte de energia para a Terra e é essencial para a vida;
- A energia eletromagnética pode ser influenciada por muitos fatores, incluindo a atividade solar, a vulcanologia e a própria rotação da Terra.

Resolvemos, então, saber o valor da área da seção máxima equatorial (Área Vital), ou seja, da seção máxima equatorial, e achar o quadrilongo equivalente, que deverá possuir a mesma área da área vital.

A retificação da circunferência da secção máxima equatorial, aqui chamada de área vital, deverá ser o lado maior do quadrilongo.

Partimos do princípio de que o quadrilongo é a forma primigênia construtiva, por ter as características intrínsecas necessárias, sendo, por isso, mais fácil de ser construído.

Desta forma, iremos determinar um quadrilongo que tenha a mesma área da secção máxima equatorial e que ele tenha como lado maior o comprimento dessa secção máxima equatorial. Neste ensaio, elegemos o quadrilongo, por representar a universalidade do Templo maçônico.

16.1 - Determinação do Quadrilongo Equivalente

Qual a largura (L^*) do quadrilongo da secção máxima equatorial da Terra, em função do raio equatorial (r_e), de modo que essa área da secção máxima equatorial seja igual à área do quadrilongo em questão e que o seu lado maior seja igual ao comprimento da Terra com a precessão dos equinócios?

- $r_e = \text{raio equatorial} = 6.378 \text{ Km}$
- Área da secção máxima equatorial (área vital) =
 $S_V = \pi r_e^2$
- Comprimento da circunferência da Terra : $C^* = 7,12 r$

Calculando-se o valor de L^* :

$$L^* = (\pi r_e^2) \div (7,12 r_e) \Rightarrow L^* = 0,44 r_e$$

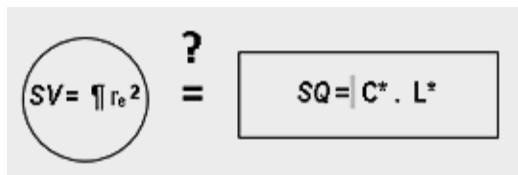


figura 14

17 - A área da secção máxima equatorial é igual à área do quadrilongo? $S_V = S_Q$?

A Área vital é a secção máxima equatorial (*fatia de maior raio do geoide Terra*), que corresponde ao círculo máximo equatorial do planeta Terra.

Conhecemos o comprimento (C^*) e a largura (L^*) do quadrilongo em função do raio, onde $\{(C^*).(L^*)\}$ expressa a área do quadrilongo.

Dados:

17.1 - A área Vital é igual à área do quadrado? ($S_V = S_Q$)

$$17.1.1 - S_V = \pi r_e^2 = 3,14 (6.378)^2 \Rightarrow S_V = \underline{127.731.695,76 \text{ km}^2}$$

$$17.1.2 - S_Q = C^* \cdot L^* = (7,12 r_e) \cdot (0,44 r_e) \Rightarrow$$

$$S_Q = (7,12 \times 6.378) \cdot (0,4 \times r_e) \Rightarrow$$

$$S_Q = (45.411,36) \cdot (2.806,32) \Rightarrow$$

$$S_Q = \underline{127.438.807,80 \text{ km}^2}$$

<u>Da área vital</u>	<u>Do quadrilongo</u>
$S_V = \pi r_e^2$	$S_Q = C^* \cdot L^*$
$r_e = 6378 \text{ km}$	$C^* = 7,12 r_e$ $L^* = 0,44 r_e$

Figura 15

17.2 - Cálculo do erro

- Diferença absoluta entre as áreas:

$$(127.731.695,76 - 127.438.807,80 = 292.887,96)$$

- Dividindo-se pela área original geodésica:

$$(292.887,96) \div (127.731.695,76) = 0,002293)$$

- Multiplicando-se por 100, obtém-se:

$$(0,002293 \times 100 = 0,2293\%) = \underline{0,23\%}$$

A admissão de um erro percentual em medições, como a da área da secção máxima equatorial, depende do grau de precisão exigido para a aplicação em questão. Para contextos geodésicos, cartográficos ou científicos, onde há necessidade de alta exatidão, um erro de aproximadamente 0,23% pode ser considerado pequeno e frequentemente aceitável. No entanto, se a área for usada para cálculos críticos (como em modelagem climática ou em estudos espaciais), esse pequeno desvio pode ser significativo. Como, em nosso estudo, trata-se de apenas uma comparação hipotética, essa margem de erro será considerada aceitável.

17.3 - Conclusão do autor:

O quadrilongo, em que $C^* = 45.411,36$ km e $L^* = 2.806,32$ km, atende o pré-requisito da nossa hipótese, pois tem a mesma área da secção máxima equatorial, que é igual à Área Vital.

Assim sendo, considerando-se o comprimento do círculo da secção máxima equatorial da Terra, acrescido da precessão dos equinócios, temos: área da secção máxima equatorial (Área Vital): ver Figura 16.

Então 1: O comprimento da secção máxima equatorial, que vai ser adotado como igual ao lado maior do quadrilongo, retificado com o incremento das oscilações equinociais, é caracterizado pela expressão:

$$C^* = 7 r$$

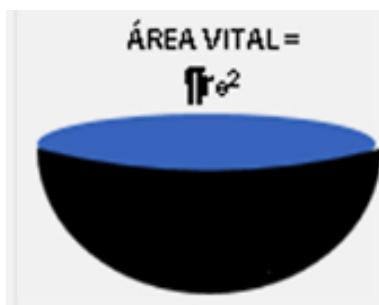


Figura 16

Então 2: A Largura do quadrilongo, que é *equivalente* à área da secção máxima equatorial, é obtida pela expressão:

$$L^* = (\pi r_e^2) \div (7,12 r_e)$$

Já conhecemos as equações e dados astrofísicos, tudo em função do raio equatorial da Terra:

17.3.1 - A largura do quadrilongo, considerada a precessão dos equinócios (L^*); considerando-se $(C^*) \div (L^*) = \pi$

$$L^* = 2,26 r$$

17.3.2 - A largura do quadrilongo, considerada a precessão dos equinócios, equivalente à Secção Máxima Equatorial (L^*);

$$L^* = 0,44 r$$

Agora que temos as equações que nos fornecem as medidas (mantendo as proporções de equivalência com a secção máxima equatorial), para que possamos construir o complexo arquitetônico de um Templo Maçônico - quadrilongo, com suas câmaras e antecâmaras (sala dos pp. pp.) - (átrio) - (Occidente Real + Occidente Relativo e Oriente), basta somente arbitrar o raio da circunferência eclíptica, que obteremos as demais medidas, todas elas equivalentes ao raio da secção máxima equatorial e harmônicas entre si e com os dados astrofísicos do planeta Terra.

$$SQ = (C^*) \cdot (L^*)$$

(C^*) = Lado maior do quadrilongo, acrescido da precessão dos equinócios nos sentidos (O-W) e (O-E).

(L^*) = Lado menor do quadrilongo, acrescido da precessão dos equinócios nos sentidos (O-W) e (O-E).

18 - Templo Maçônico - Construção

“Construir um complexo Templo, onde o raio da secção máxima equatorial, circunscrita ao quadrado que caracteriza o Ocidente Real é igual a 5,00 m”.

18.1 - Cálculo do quadrilongo

No cálculo das medidas do quadrilongo, considera-se que o complexo construtivo Templo compreende: (Oriente + Ocidente Relativo + Átrio + Sala dos Passos Perdidos).

No item 17.0 retro, apresentamos as equações para encontrar as medidas notáveis da área da secção máxima equatorial do planeta Terra, equivalente, encontrando os valores de cada câmara.

18.1.1 - Representação Numérica

Está assim definido o Templo, com suas câmaras, mantendo a harmonia com as energias que operam em nosso planeta, através do Zodíaco e da nossa abóbada celeste. Figura 17 e Figura 23.

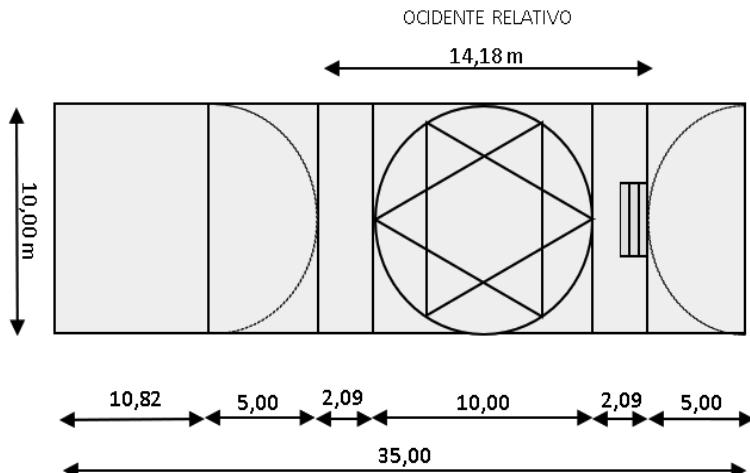


Figura 17

Figura Padrão Embora a precessão dos equinócios seja principalmente governada pela gravidade do Sol, as placas tectônicas desempenham um papel secundário, ao causar pequenas variações na distribuição de massa e na inclinação do eixo da Terra.

Na Figura Padrão, encontra-se a síntese de toda a Geometria Sagrada do Templo Maçônico, que será revelada ao buscador que souber bater à porta e pedir. Com toda a certeza, a porta se abrirá, e a esse buscador será mostrado, por dosimetria do seu grau de consciência evolutiva (merecimento), o que procura.

Essa geometria é apresentada graficamente em linhas simétricas que materializam verdades ocultas, veladas à visão de muitos. Essas verdades são essenciais tanto para a construção quanto para a ornamentação de um Templo Maçônico, mostrando-nos, em seu contexto total, uma conexão simultaneamente simples e robusta.

Essa interligação, no complexo construtivo de um Templo Maçônico, transmite leveza e harmonia, geradas pelas vibrações, que geram a emissão de sons dulcíssimos.

Esses sons, únicos e sublimes, são acessíveis apenas àqueles cuja sensibilidade permite sentir, no âmago de suas almas, a magia expressa nos bemóis e sustenidos, oriundos de uma harmonia construtiva. Tal harmonia é o elemento essencial para atingirmos as Egrégoras de altos níveis vibracionais. Esse esplendor musical é apresentado como fruto de um trabalho maçônico dedicado e profundo. Figura 18.

18.2 - Determinação gráfica da simbologia e medidas notáveis do Templo Maçônico

Gostaria de registrar que não houve qualquer “*forçamento de barra*”, para alcançar resultados específicos ou previamente definidos, mas, sim, o fruto de uma análise baseada em “*interceptações gráficas e simétricas de linhas e polígonos*”.

Os resultados obtidos foram frutos da visão acurada do autor, construída ao longo de trinta anos de trabalho maçônico, em convivência íntima com os símbolos e alegorias. Por meio de suas profundas reflexões e experiências, ele conseguiu interpretar o Akasha e dialogar com ele, capacitando-se, assim, a compreender, dentro de seu grau consciencial, não só a linguagem geométrica mais próxima da sua verdadeira mensagem, mas também o esoterismo oculto, inacessível àqueles que não têm base, fundamento, para desvendar tais mistérios.

A Figura padrão foi idealizada tendo por base o nosso problema (Templo Maçônico - Construção) - item 18, onde se nos apresentou o desafio de desenhar e obter as medidas notáveis e a geometria de um Templo, hipoteticamente a ser construído, com o raio de 5,00 m, da circunferência, que dá origem à representação plana no ocidente real (sem os acréscimos da precessão equinocial).

Mostramos que o comprimento da secção máxima equatorial, que gerou o lado do quadrado, que representa a “*quadratura da Terra*,” expressa o comprimento da circunferência da secção máxima equatorial, sem os acréscimos do movimento de precessão dos equinócios, o qual denominamos de ocidente real.

Figura Padrão

Qualquer um que ignore geometria não deveria entrar na minha escola.

Platão

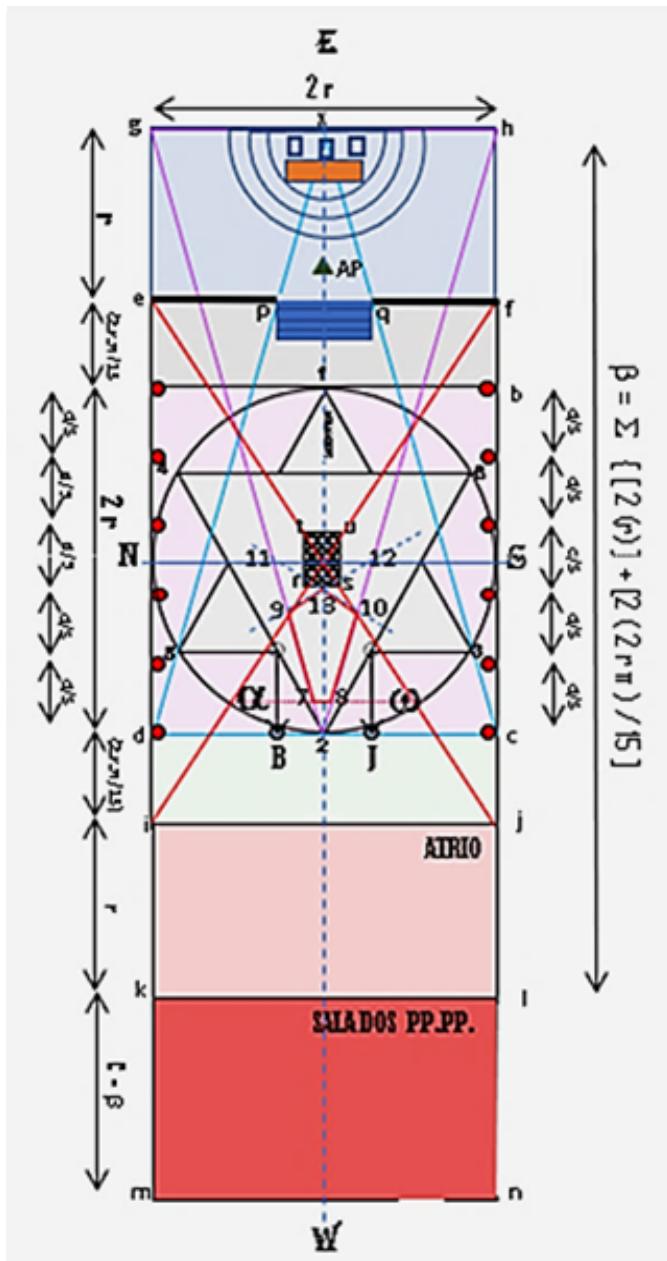


Figura 18

Em síntese, essa figura padrão é um guia prático que nos fornece todas as medidas notáveis, em função do raio, da circunferência, que dá origem à representação plana do Ocidente Real e que realmente está simbolizando e representando, equivalentemente, a secção máxima equatorial do nosso planeta Terra.

A partir daqui, iremos, juntos, passo a passo, mostrar como chegamos às resoluções dos problemas apresentados, para obter essas medidas notáveis.

Desenvolveremos todo o processo gráfico das soluções aqui apresentadas, tendo como “base” os rituais de aprendiz, companheiro e mestre maçom, além do exercício da “*imaginação*”, que é uma prática exaustiva do Companheiro Maçom e - por que não dizer? - do maçom.

18.3 - 1º Passo

Traçar a circunferência de raio “r” com seus diâmetros.

No caso do nosso problema, $r = 5,00\text{ m}$. Figura 19.

Ação: autoexplicável

- Traçar os segmentos de reta, eixos (E - W) e (N - S), de modo que se interceptem a 90° , gerando o cento (O);
- Centrar o compasso em (O) e descrever um círculo com raio igual a 5,00m.

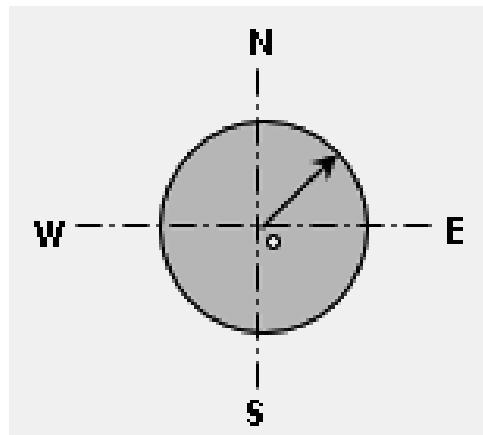


Figura 19

18.4 - 2º Passo: Inscrever o selo de Salomão na circunferência.

Inscriver o selo de Salomão, ou Hexagrama (estrela de seis pontas), na circunferência de raio $r = 5,00\text{ m}$:

Ação: Achar os pontos (1; 3; 5) e (2; 4; 6)

- Com base na figura 19, do item 18.3, determinar os 6 pontos determinantes do selo de Salomão:
- Na intersecção da semirreta ($O - E$), com a circunferência, na direção “E”, determinamos o ponto (1);
- Centrar o compasso em (1), com abertura igual ao raio ($r = 5\text{m}$); descrever um arco que, ao tocar a circunferência, no sentido anti-horário, determina o ponto (4);
- Centrar o compasso em (4), com abertura igual ao raio ($r = 5\text{m}$); descrever um arco que, ao tocar a circunferência, no sentido anti-horário, determina o ponto (5);

-
- Centrar o compasso em (5), com abertura igual ao raio ($r = 5\text{m}$); descrever um arco que, ao tocar a circunferência, no sentido anti-horário, determina o vértice (2);
 - Centrar o compasso em (2), com abertura igual ao raio ($r = 5\text{m}$); descrever um arco que, ao tocar a circunferência, no sentido anti-horário, determina o vértice (3);
 - Centrar o compasso em (3), com abertura igual ao raio ($r = 5\text{m}$); descrever um arco que, ao tocar a circunferência, no sentido anti-horário, determina o vértice (6);
 - Agora é só ligar os pontos (1); (3); e (5) que teremos o triângulo (1; 3; 5).
 - Ligando os pontos (2); (4); e (6), teremos o triângulo (2; 4; 6), determinando o selo de Salomão ou hexagrama. Figura 20.

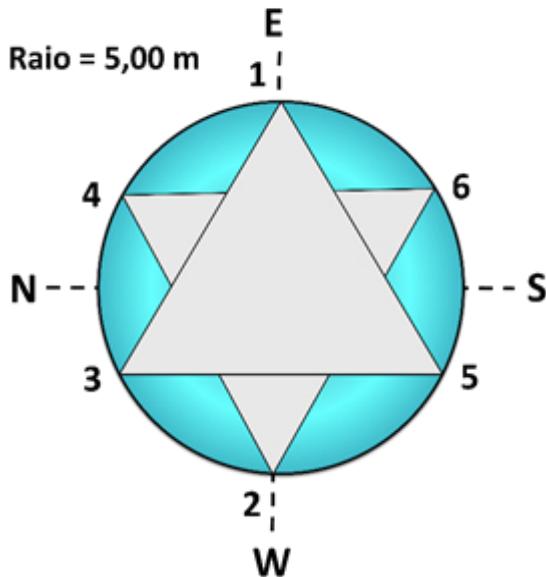


Figura 20

18.5 - 3º Passo: Calcular a quadratura da Terra.

Calcular a quadratura da Terra, tendo como base a Figura 20, gerada no 2º Passo, retro.

Ação: Fazer o processo gráfico.

- Circunscrever um quadrado de lado “ $L = 2r$ ” na circunferência de raio “ $r = 5 \text{ m}$ ”.
- A circunferência cortará os eixos (N - S), determinando os pontos (1) na direção norte; e (2) na direção sul;
- O eixo (E - W) seccionou a circunferência nos pontos (3), na direção leste e (4) na direção oeste;
- Traçar paralelas aos eixos (N - S) e (E - W), passando pelos pontos (1); (2); (3) e (4);
- Na interceptação das paralelas, temos: O ponto “a” no quadrante NE; O ponto “b” no quadrante SE; O ponto “c” no quadrante SW; O ponto “d” no quadrante NW;
- Em seguida, unir os pontos (a); (b); (c); (d) e (a), determinando o quadrado (a - b - c - d), circunscrito ao círculo de raio = 5,00 m.

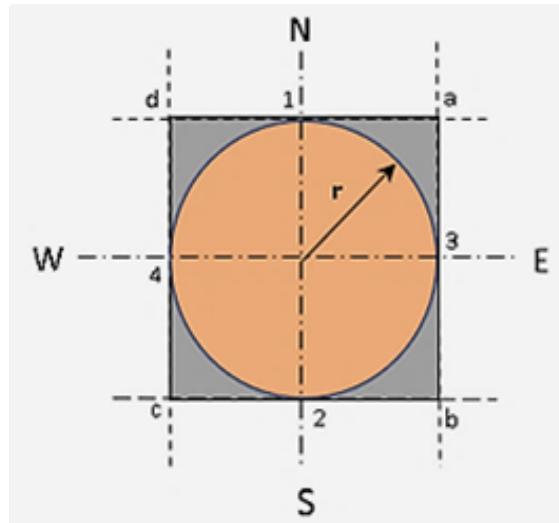


Figura 21

18.6 - 4º Passo: Cálculo da oscilação rodopiante, devido à precessão dos equinócios ($23^{\circ} 27'$):

Ação: De posse do valor de $\phi = 0,419$ (r) (ver ítem 15.5);

ϕ = oscilação cambaleante, devido à precessão dos equinócios ($23^{\circ} 27'$) = $[(2 r \pi) / 15] = 0,419 r$; para uma das direções “WO” (oeste - centro) ou “OE” (centro - leste);

$\phi = 0,419 (r) \Rightarrow$ fazendo $r = 5,00$ m temos: $\phi = 2,09$ m;

Como “WO” (oeste - centro) = “OE” (centro - leste)

Podemos dizer que o incremento total das oscilações é igual a

$$(2 \phi) = 2 \times 2,09 = \underline{4,18} \text{ m.}$$

Esse valor deve ser acrescido ao ocidente real, sendo 2,09 m para o sentido Leste e 2,09 m para o sentido Oeste.

Outra maneira de calcular a oscilação cambaleante é:

[(2.r.π) / 15]; para cada direção.

$$360^\circ \dots\dots\dots (2r\pi)$$

$$23^\circ 27' \dots\dots\dots x$$

$$\text{Considerando } 23^\circ 27' = 24^\circ \Rightarrow x = [(2r\pi) / 15]$$

No problema a resolver $r_e = 5,00\text{m}$, logo **X = 2,09 m**

18.7 - 5º Passo: Determinação do Oriente e do Átrio

a) Determinação do Oriente:

De acordo com a representação gráfica Padrão (Figura 18), temos, por definição, que o Oriente mede $[(r)x(2r)]$, medidos a partir dos pontos (e) e (f), no sentido (E). Usando-se de um escalímetro e esquadros, desenham-se “essas medidas complementares”, materializando o Oriente (e - f); (e - g); (g - h); e (h - f), conforme desenho da Figura 22.

b) Determinação do Átrio

De acordo com a representação gráfica literal, temos que o Átrio mede $[(r) x (2r)]$, medidos a partir dos pontos (i) e (j), no sentido (w). Usando-se de um escalímetro e esquadros, desenham-se essas medidas complementares, materializando o Átrio (i - j); (i - k); (k - l); (l - j), conforme desenho da Figura 22.

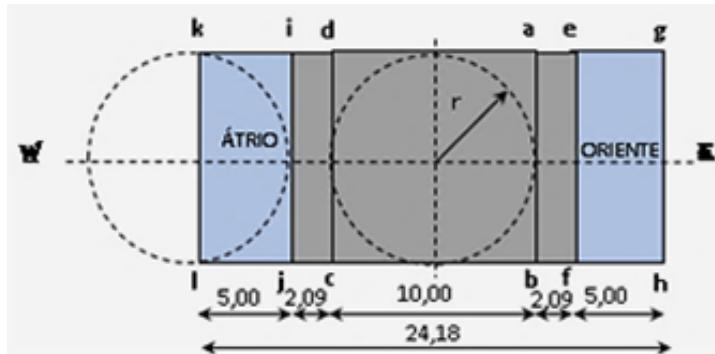


Figura 22

18.8 - 6º Passo: Determinação da Sala Dos PP. PP.

Sabemos que o comprimento da circunferência representativa da secção máxima equatorial é (C^*) = 35,00m, o que corresponde ao lado maior do quadrilongo do complexo Templo, cujas medidas do Ocidente (Real + Relativo), Oriente e Átrio já determinamos. Vamos, agora, calcular as medidas da Sala dos PP.PP.

Subtraindo-se o comprimento ($k - g$) = 24,18m do Comprimento do Quadrilongo ($m - g$) = C^* = 35,00m, encontra-se o lado ($k - m$) = ($l - n$) = 10,82m = comprimento da sala dos passos perdidos. Figura 23.

$$(k \dots m) = (n \dots l) \text{ e } (k \dots g) = (l \dots h)$$

$$(k \dots m) = C^* - (l \dots h) = ?$$

$$(k \dots m) = 35,00 \text{ m} - 24,18 \text{ m} =>$$

$$(k \dots m) = (n \dots l) = 10,82\text{m}$$

A largura (L^*) de cada câmara do complexo arquitetônico do Templo é ($2r$) = $2 \times 5,00 = 10,00$ m, Figura 23, logo:

$$(L^*) = 10,00 \text{ m.}$$

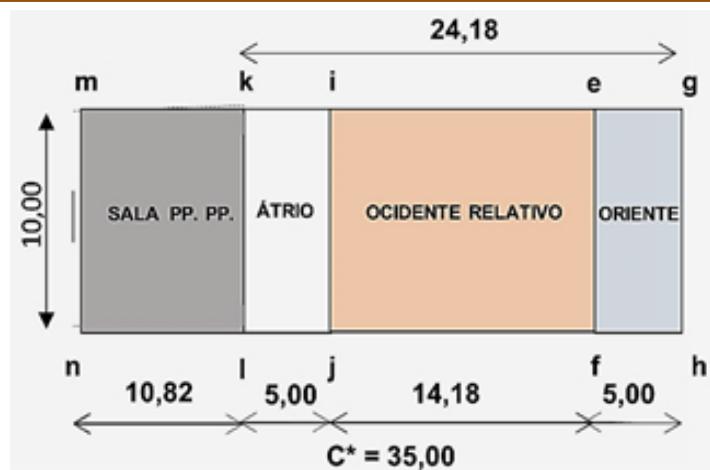


Figura 23

18.8.1 - A área do quadrilongo (Sq)

Sendo: $(C^*) = 35,00 \text{ m}$

$(L^*) = 10,00 \text{ m}$

$$Sq = (C^*) \times (L^*) = 350,00 \text{ m}^2$$

19 - Ação Conclusiva

Apresentamos, agora, os resultados de uma linha de raciocínio, segundo a qual procuramos fazer uma equivalência das medidas astrofísicas de nosso planeta, tendo como base a área da secção máxima equatorial, que nos inspirou a denominá-la de Área Vital, o centro energético das forças telúricas e zodiacais, solares e lunares, que entram em nosso planeta e cuja área seria, conforme nossa hipótese, a área do quadrilongo, do complexo arquitetônico do Templo, com a área equivalente a essa Área Vital.

19.1 - Considerações do Autor

- a) Supomos ter envidado esforços literários, para expor tão melindroso assunto aos irmãos leitores, esperando despertar o interesse de pesquisa sobre o Tema, a fim de tentarmos desvendar o mistério de o Templo ter a forma de um quadrilongo e não, a de um outro quadrilátero qualquer.
- b) Nas hipóteses deste ensaio, demonstramos que existe dois ocidentes, um que sofre, somente, os influxos do Zodíaco, o qual denominamos de *Ocidente Real*, que delimita a localização das colunas zodiacais, restritas a esse *Ocidente Real*.
- c) Um outro, *Ocidente Relativo*, que está vinculado aos influxos do Zodíaco, bem como às oscilações geradas pela precessão dos equinócios.
- d) Ousamos dizer que, tal qual o Templo de Salomão, o Templo Maçônico, aqui em estudo, não está restrito ao espaço interno do Templo, como o conhecemos. Mais que isso: ele é um complexo

arquitetônico composto de quatro câmaras, a saber: Sala dos Passos Perdidos, Átrio, Ocidente Relativo e Oriente, os quais formam o que chamamos usualmente de Templo. Além disso, o comprimento (C^*) da retificação da secção máxima equatorial, acrescida do movimento pendular da precessão dos equinócios, é o valor do lado maior do quadrilongo, considerado pela ordem maçônica.

e) Demonstramos os cálculos das medidas notáveis básicas, que são as medidas do quadrilongo. Agora, diante da observação minuciosa da Figura Padrão (Figura 18), o que mostra a representação e o determinismo com a geometria oculta do Ocidente Relativo e Oriente. Mostramos o que já abordamos neste ensaio sobre:

- o círculo eclíptico;
- o Hexagrama ou selo de Salomão;
- a quadratura da Terra;
- a oscilação gerada pela precessão dos equinócios, nas direções Leste e Oeste, respectivamente (O - E) e (O - W);
- a distância entre as colunas solsticiais B e J;
- a distância da porta de entrada do Templo às colunas B e J;
- a altura das colunas B e J;
- a largura da porta de entrada ao Templo;
- a posição circular das colunas zodiacais no Ocidente Real;
- o rebatimento linear das seis colunas zodiacais da região Norte;

-
- o rebatimento linear das seis colunas zodiacais da região Sul;
 - as colunas zodiacais visíveis - Meridionais (Norte) e Setentrionais (Sul);
 - as colunas zodiacais ocultas - orientais e ocidentais;
 - a distância da abertura da grade de acesso ao Oriente;
 - as medidas da escada de acesso ao Oriente e sua locação.

19.2 - Desvendando Mistérios...

Nossos rituais estão repletos de movimentos ritualísticos que denotam um esoterismo, que, às vezes, se passa invisível aos olhos humanos. Vamos tecer algumas interpretações de passagens ritualísticas dos rituais, de acordo com o nosso entendimento, deixando as concordâncias ou as discordâncias sobre elas ao crivo do leitor.

19.2.1 - O que acontece no Templo - Retardatários

Quem entra no Templo e fecha a porta está posicionado: no vértice (2) do triângulo (2; g; h), no vértice (2) do triangulo (2; m; n), entre colunas, em cima, da linha do equador do Templo, confirmando-se que a pessoa, que está no vértice 2, é atingido, pontualmente, pelo olhar do Venerável Mestre (quem primeiro sente a quebra da egrégora) e pela *Fortíssima* energia das Colunas Solsticiais B e J.

19.2.2 - Observamos que o lado (3 - 5) do Triangulo (1; 3; 5) é dividido em 3 partes iguais (a; b; c) e que o segmento de reta (m - n) ocupa o terço médio do lado (3 - 5), desse triângulo (1; 3; 5);

19.2.3 - Também observamos que a Linha do Equador, ou Eixo do Templo, divide a semirreta ($m - n$) do lado (3 - 5) do Triângulo Equilátero (1; 3; 5), implicando dizer que a pessoa, que adentra, formalmente, o Templo, está posicionado na linha do Equador, ou eixo do Templo.

19.3 - 7º Passo: Local das colunas B e J

Dando seguimento ao sexto passo, item 18.8, fizemos diversos estudos e pesquisas sobre as colunas B e J e chegamos à Figura 24, que segue.

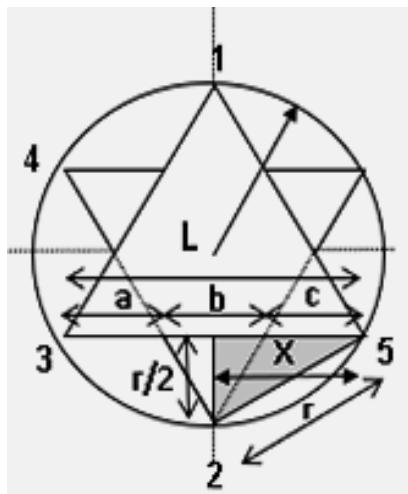


Figura 24

Aplicando o teorema de Pitágoras, temos:

$$r^2 = (r/2)^2 + x^2$$

$$\text{Expandindo a equação: } r^2 = r^2/4 + x^2$$

$$\text{Subtraindo } r^2/4 \text{ de ambos os lados: } 3r^2/4 = x^2$$

Tirando a raiz quadrada de ambos os lados:

$$x = \sqrt{(3 r^2 / 4)} = x = \sqrt{3 r / 2}$$

Logo $x = r \sqrt{3}/2$

Observamos que "X" é a metade de "L"

Logo $L = 2X$ e substituindo $x =$ temos:

$$L = 2(r \sqrt{3}/2) \Rightarrow L = r \sqrt{3}$$

19.3.1 - Obtenção da expressão L

A expressão L foi deduzida de um lado de um dos triângulos equiláteros entrelaçados, que dão origem ao Selo de Salomão ou Hexagrama.

Observamos que o triângulo (1; 3; 5) se desdobra em seis triângulos equiláteros. Um desses triângulos (2; m; n) tem o seu vértice (2) apontando para as colunas B e J. (ver Figura 25)

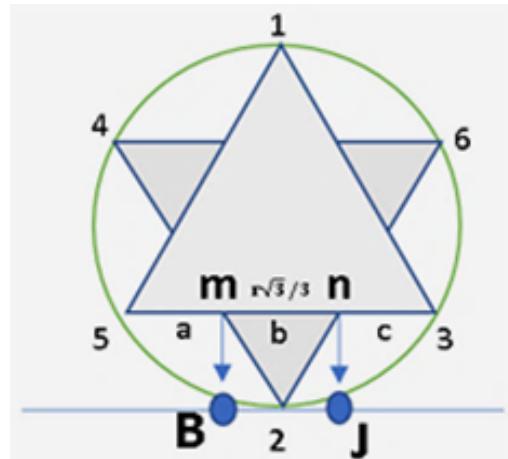


Figura 25

Também a Figura 25 mostra claramente que o lado (L) do triângulo equilátero (1; 3; 5), após o entrelaçamento, se divide em 3 partes iguais (a); (b); (c), e que foi deduzida a fórmula para calcular o lado (b) mediano, cerne do nosso interesse, em particular a distância entre as colunas B e J. Em direção a esse interesse, é pré-requisito que se entenda:

$$L = (a) + (b) + (c) \text{ como: } a = b = c = L / 3 \Rightarrow 3b = L/3;$$

$$\text{logo: } b = r \sqrt{3} / 3.$$

No momento em que um obreiro termina a execução da marcha do grau, ele está posicionado entre colunas, justamente no ponto (2) do triângulo (2; 4; 6), quebrando a egrégora da Loja com sua presença, causando um mal-estar, que é imediatamente percebido e sentido pelo Venerável Mestre, pois o triângulo (c; d; x) descarrega violentamente, sobre esse dirigente, uma frequência abaixo da egrégora já estabelecida. Rompida a egrégora, o Venerável aciona, automaticamente, com sua visão, o caudal de energia, que está sobre o altar dos juramentos e que vai permear o retardatário, equilibrando suas energias, de modo que sua frequência fique no mesmo patamar da frequência dos irmãos da Loja, com uma nova egrégora.

O caudal de energia, não utilizada nesse processo, fica pairando, inerte, no vórtice de origem, sobre o altar dos juramentos, para ser usado em qualquer eventualidade, que a Loja exigir.

Outro fato importante é o que acontece com o lado do triângulo equilátero (1; 3; 5), que aponta para o Oriente e que se entrelaça com o lado do triângulo equilátero, que aponta para o Ocidente, dividindo esse lado (3; 5) em três partes iguais, (a); (b); (c).

Observamos que os triângulos, que formam o selo de Salomão, se inscrevem na projeção horizontal da circunferência da seção máxima equatorial, onde o segmento (b) determina a distância das colunas entre si.

A distância das colunas B e J é calculada pela fórmula $b = r\sqrt{3} / 3$, com a qual obteremos o valor numérico dessa distância, como segue:

Fazendo $r = 5$; temos: $b = 2,88$ m, Figura 35.

19.4 - A altura das Colunas B e J

Para construirmos as colunas B e J, temos que, primeiramente, considerar que foram construídas fora do Templo de Salomão, na entrada. Elas eram conhecidas como colunas solsticiais, com a coluna **B** ao Norte e a coluna **J** ao Sul, marcando os solstícios de verão e inverno, respectivamente. O livro “*Maçonaria Dissecada*”, de Samuel Prichard, foi publicado, pela primeira vez, em 1730. Essa obra é notável por ser uma das primeiras tentativas de expor os segredos da maçonaria ao público em geral.

Não há registros históricos ou escritos que indiquem que alguém tenha movido as colunas **B** e **J** para dentro do Templo de Salomão. Essas colunas sempre foram descritas como estando fora do templo, na entrada, conforme mencionado em várias fontes históricas e bíblicas.

Devido aos usos e costumes praticados pela maçonaria operativa, a partir de 1723, essas colunas foram colocadas para dentro do templo e assim será considerado neste ensaio.

As colunas B e J, do Templo de Salomão, tinham aproximadamente 18 côvados de altura. Um côvado é cerca de 45 cm. Então, cada coluna teria cerca de 8 a 9,5m de altura, sem contar o capitel, que adicionava em torno de 2,2 e 2,6 metros à altura. Aqui, no nosso estudo, adotaremos essa altura variando de 5,00 a 6,00m, desconsiderados os capitéis.

Quanto à altura do Oriente do Templo de Salomão, ele tinha uma altura total de 30 côvados, o que equivale a 13,5 metros. Para efeito de estudos aqui, será adotada a mesma altura considerada, adiante, por este autor.

Vamos supor que o pé direito adotado na construção de um templo utópico seja variável de 5,00 a 6,00m, não se considerando os capitéis. Assim sendo, a altura das colunas terá de ser ajustada dentro da realidade de cada projeto.

Por convenção, adotar-se-á a altura das colunas como sendo a média aritmética de 80% do pé direito adotado, ou seja, de 5,50m.

Note-se que a altura dessas colunas é diretamente proporcional à altura do pé direito adotado, o qual será proporcional ao número de pessoas que o templo comportará. Assim sendo, temos:

Altura desejada = Altura original adotada (5,00m) x fator de redução.

Se o fator de redução for 80% (ou 0,8), a altura desejada será:

$$\text{Altura desejada} = 5,00 \text{ metros} \times 0,8 = 4,00 \text{ metros}$$

Ajuste-se a altura das colunas conforme necessário. Se 4,00 m ainda for muito alto, pode se escolher um fator de redução maior, como 70% ou 60%, até ser encontrada a altura desejada.

19.5 - 8º - Passo: A escada de acesso ao Oriente

A largura da escada de acesso ao Oriente caracteriza e corrobora a existência de um corredor, por onde flui a energia vital, que vem do Oriente para o recinto da Loja. Primeiramente, o Venerável Mestre permeia e catalisa essa energia vital, que segue o caminho da linha do equador terrestre ou eixo do templo, criando o seu vórtice sobre o livro da Lei, permanecendo, nele, pronta a ser utilizada nas necessidades da loja, ficando, assim, o recinto do Templo um verdadeiro ambiente adiabático.

A simples abertura da porta do Templo, tanto antes quanto durante os trabalhos, estabelece uma conexão entre o mundo exterior e o ambiente interno do Templo. Ao se iniciarem os trabalhos, forma-se um corredor energético que vai do menor potencial ao maior. No entanto, há uma tendência de fuga da energia do recinto do Templo.

A energia externa se propaga através do retardatário, que se encontra entre as colunas (B) e (J), pontualmente através do seu baço, seguindo em direção ao Oriente, através do triângulo formado pelos pontos (c; d; x). Esse triângulo atua desestabilizando a energia dos irmãos na Loja, fazendo com que todos fiquem desequilibrados em termos energéticos. Simultaneamente a esse processo, o Venerável pressente o fato e reage com sua visão, acionando o caudal de energia que paira sobre o altar dos juramentos, o qual se dissipar por todo o Templo, homogeneizando a energia de cada irmão, inclusive, a do retardatário, de modo que todos ficam vibrando numa mesma frequência, formando uma nova egrégora. Após o retardatário tomar assento em Loja, o saldo dessa energia é redirecionado, pairando sobre o Altar dos Juramentos, onde ela pode ser utilizada para promover o equilíbrio em novas eventualidades.

Esse fluxo energético não deve ser confundido com aquele que emana do Venerável Mestre para os irmãos da Loja. No início dos trabalhos, o Venerável Mestre, representando o *Manwantara* (a grande expansão e inspiração de um dia de Brahma), absorve o caudal de energia que provém do Ocidente. Essa energia é suficiente para ele abrir e fechar os trabalhos maçônicos, além de suprir a deficiência energética dos irmãos retardatários. Ao adentrarem no Templo, esses irmãos devem posicionar-se entre as colunas. Ao realizar a saudação ao Delta Sagrado, eles ativam o caudal de energia que repousa sobre o Altar, equilibrando suas energias, para que não haja ruptura na egrégora já estabelecida.

Durante os trabalhos, o Venerável Mestre irradia luz e energia do Oriente em direção à Loja. É interessante notar que a maçonaria incorporou elementos do hinduísmo em seu ritual de abertura, no qual revivemos um dia de Brahma na criação do Universo.

No contexto hindu, no dia de Brahma, o conceito de criação e destruição cíclica é descrito como um processo contínuo. Esse ciclo de criação e destruição é chamado de:

- Grande Inspiração (*Manwantara*): Este é o período da expansão cósmica, em que o universo retorna ao estado primordial. Simbolicamente, esse período é quando o sol atinge o zênith, momento em que dizemos que “tudo está justo e perfeito”.
- Grande Retração (*Mahapralaya*): Este é o oposto da criação, no qual o universo é retraído ou dissolvido, de volta à forma original. Esse é o momento em que a coluneta da beleza é abatida e a da força, erguida.

Esse conceitos são fundamentais na cosmologia hindu e refletem a crença no ciclo eterno de nascimento, vida, morte e renascimento.

Esse conceitos constam no “*Brahmanda*” e são conhecidos como “O Ovo de Brahma” ou “O Universo de Brahma”. De acordo com a cosmologia hindu, Brahma, o criador, é responsável pela criação do universo, que passa por ciclos de criação (inspiração) e destruição ou retração (expiração).

Pois bem, para que possamos operar com essas poderosas energias, devemos levar em consideração que deverá haver uma simetria na distância entre as colunas (B) e (J) e a linha do equador Terrestre (*e ninguém pode dizer que não o é*), pois, quando se fala do hiperespaço, estamos falando de coisa muito sutil e desconhecida do vulgo profano, carente de conhecimentos superiores.

Graficamente, o ponto notável é determinado quando analisamos a Figura Principal e vemos que os lados do triângulo isósceles ($c - d$); ($d - x$); ($c - x$) cortam a linha limite do Ocidente Relativo com o Oriente ($e - f$), determinando os pontos (p) e (q) na grade do Oriente. A distância entre esses pontos nos fornece a medida da abertura na grade de acesso ao Oriente.

19.6 - 9º - Passo: Cálculo da escada de acesso ao Oriente

Já conhecendo-se a medida da abertura de acesso ao Oriente (p) e (q), vamos calcular os elementos da escada de acesso ao Oriente.

A largura do piso obedece ao princípio de *Blondel*, é usado pelos arquitetos para o dimensionamento de escadas. Figura 26.

$$2h + P = 64 \text{ cm}$$

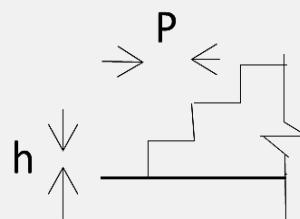


Figura 26

Onde o espelho (h) é uma constante igual a 17 cm.

Substituindo-se na fórmula acima, temos:

$$2h + P = 64 \text{ cm}$$

$$2(17) + P = 64 \Rightarrow P = 64 - 34$$

$$\Rightarrow P = 29 \text{ cm}$$

de posse de: $h = 17\text{cm}$ e $P = 29\text{ cm}$ calcularemos:

➤ N_p = número de pisos

➤ N_h = número de espelhos

H = altura do piso do oriente

$$O N_h = H / h; \text{ logo } N_h = H / h \Rightarrow N_h = 68 / 17 = 4 \Rightarrow$$

$$N_h = 4$$

$$\text{Sendo } N_p = N_h - 1 \Rightarrow$$

$$\text{logo: } N_p = 4 - 1 \Rightarrow$$

$$N_p = 3$$

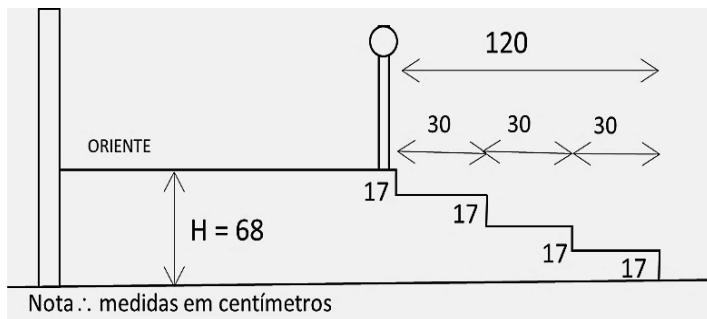


Figura 27

19.7 - 10º Passo: Determinação Gráfica do “ARA”

O Zodíaco projetado no plano horizontal gera uma circunferência, que, por sua vez, gera um círculo.

O círculo, neste ensaio, é denominado de Círculo Vital (área vital), que representa a secção máxima equatorial da Terra, de raio (r_e) = raio equatorial.

Esse círculo é peça primordial para que calculemos a quadratura da Terra (*quadrado circunscrito à projeção da circunferência zodiacal no plano horizontal*), correspondendo, na maçonaria, ao que chamamos de Ocidente, que, especialmente neste estudo, será denominado de Ocidente Real, ao qual serão acrescidos, nos sentidos (O - W) e (O - E), os deslocamentos da oscilação da precessão dos equinócios, no valor de, para cada deslocamento.

Ao traçarmos as diagonais do Ocidente Relativo, determinamos simbolicamente, no plano, o “baricentro” ou centro de gravidade do planeta Terra.

O centro de gravidade da Terra, como um todo, leva em conta a distribuição de massa do planeta, incluindo seu núcleo, manto e crosta. No entanto, se considerarmos apenas os continentes, o seu centro de gravidade será o ponto onde a soma dos momentos de todas as

massas continentais se equilibram, o que representa o somatório do centro de gravidade dos continentes. É importante notar que a Terra não é um corpo rígido e que a distribuição de massa dos continentes pode variar ao longo do tempo, devido a processos geológicos e tectônicos.

Dizem que os egípcios, ou alguma civilização desconhecida e possuidora de alta tecnologia, erigiram o complexo das grandes pirâmides, às quais foram aplicados conhecimentos construtivos, obedecendo o princípio dos máximos energéticos. É por esse motivo que estamos fazendo uso do seguinte simbolismo: colocar o altar dos juramentos - ARA, justamente no baricentro do Ocidente Relativo, pois é o local mais apropriado para o livro da lei, logicamente sobre o “ARA”.

O pavimento mosaico se estende por todo o Ocidente (Real e Virtual), porém, aqui, vamos representá-lo, simbolicamente, pelo retângulo quadriculado de vértices (r); (s); (t); (u), conforme detalhe no centro do hexagrama, na Figura Padrão. Figura 18.

Pelo ponto (13), que determinou o portal misterioso, traçamos uma paralela ao eixo (N - S), determinando os pontos (r) e (s) na intersecção das diagonais (i - f) e (e - j) do triângulo (i - 0 - j). Dessarte, unem-se os pontos (r - s), determinando o lado ocidental do Pavimento Mosaico.

Agora, com o centro em "0", abertura do compasso (0 - r), traça-se uma circunferência, que cortará as diagonais (0 - e) e (0 - f) do triângulo (e; 0; f), determinando os pontos (t) e (u). Assim sendo, unem-se esses pontos e os pontos (r - t); (u - s).

19.8 - 11º Passo: Posicionamento das Colunas Zodiaciais

Partimos do princípio de que o Zodíaco está projetado no círculo inscrito ao quadrado, circunscrito à secção máxima equatorial, que gera o Ocidente Real (*sem os acréscimos da precessão equinocial*) e

que foram acrescidos a esse Ocidente Real, da precessão nas direções oeste e leste, os deslocamentos gerados pela oscilação equinóctios, gerando um quadrilongo com o lado ($2r$) acrescido de 2, o qual que chamamos de “Ocidente Virtual”.

Essa ideia está relacionada à astrologia e à astronomia e pode ter implicações simbólicas e filosóficas interessantes. Algumas possíveis interpretações incluem:

- A relação entre o Zodíaco e o círculo inscrito ao quadrado pode representar a conexão entre o céu e a Terra.

- A precessão dos equinóctios pode simbolizar a mudança e a evolução ao longo do tempo.

- O Ocidente Virtual pode representar uma realidade ou percepção alterada pela influência da precessão dos equinóctios.

Na 2^a instrução de Aprendiz Maçom, o irmão 1º Vigilante diz: “ser a nossa Loja coberta por uma abóbada azul semeada de estrelas e que doze lindas colunas a sustentam”.

Essas considerações, de tão robustas, levaram-nos a intuir que as colunas zodiacais existentes no Templo também estão projetadas no “Ocidente Real”, de forma circular, na extremidade da secção máxima equatorial ou área vital.

Na caracterização do Zodíaco, verificamos que o “zero grau” fica no quadrante SE, a partir do Oriente, girando no sentido anti-horário, do Ocidente para o Oriente, correspondendo à primeira casa zodiacal, ou melhor, a casa de Áries, que nos mostra os dois hemisférios zodiacais. As colunas zodiacais dispostas nos Templos maçônicos apresentam as seguintes disposições, conforme os usos e os costumes. (ver Figura 28)

19.9 - Disposição das Colunas Zodiacais no Templo Maçônico (conforme a tradição)

a) Ao Norte: no sentido Oeste => Leste, sentido de rotação anti-horário (Figura 28)

Nº	SIGNO	REPRESENTAÇÃO
01	ÁRIES	♈
02	TOURO	♉
03	GÊMEOS	♊
04	CÂNCER	♋
05	LEÃO	♌
06	VIRGEM	♍

Figura 28

b) Ao Sul: no sentido Oeste => Leste, sentido de rotação-horário (Figura 29)

Nº	SIGNO	REPRESENTAÇÃO
07	PEIXES	♓
08	AQUÁRIO	♒
09	CAPRICÓRNIO	♑
10	SAGITÁRIO	♐
11	ESCORPIÃO	♏
12	LIBRA	♎

Figura 29

Esta é a forma como estas colunas estão dispostas nos Templo maçônicos, não obedecendo a ordem natural do zodíaco.

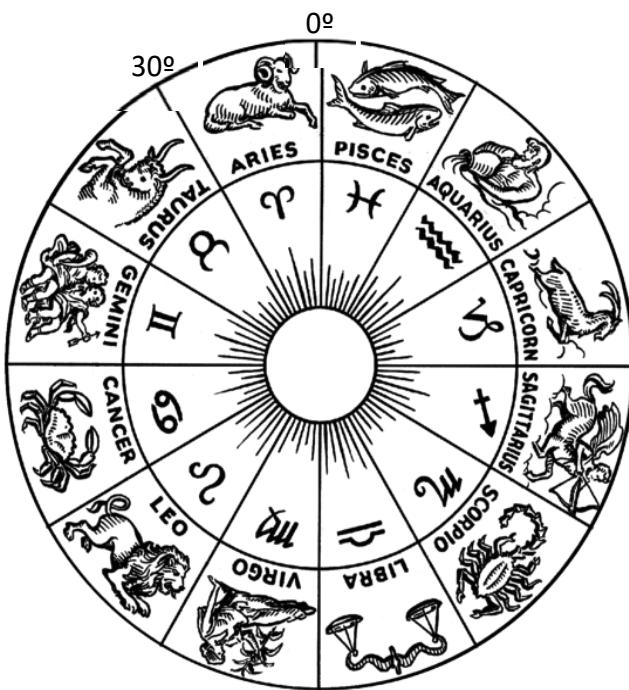


Figura 30

É importante notar que, na ordem natural do zodíaco, o “zero grau” é a casa n° 1 (setor de 0° a 30°, ocupado por Áries), a partir do Oriente, no sentido anti-horário, pois o Zodíaco movimenta-se do Ocidente para o Oriente, conforme Figura 30.

20 - Geometria do Templo - Comentários

Após meditarmos e contemplarmos sobre o diálogo do Ven.: M.: com o 1º Vig.:, na 2ª instrução de Aprendiz Maçom, chegamos à conclusão de que o Zodíaco nos revela muitos mistérios, que envolvem a construção de um Templo maçônico. Surge, porém, um questionamento: Como pode a projeção do Zodíaco, no plano horizontal, ser primordial, para construir-se um Templo, se os nossos rituais dizem que o Templo tem a forma de um quadrilongo? Tudo isso tem uma resposta. Basta seguir atentamente a minha linha de raciocínio.

20.1 - Definições massivas

Denominamos o círculo de raio (r) de “Área Vital”, área onde o gradiente eletromagnético do planeta Terra tem maior horizontalidade, sendo o mais benéfico para os quatro reinos da natureza, inclusive, para os humanos. Temos as definições visuais no plano, apresentadas superpostas na figura 31, na qual se mostram a área vital, do Ocidente Real, do Ocidente Virtual e o Cinturão Zodiacal.

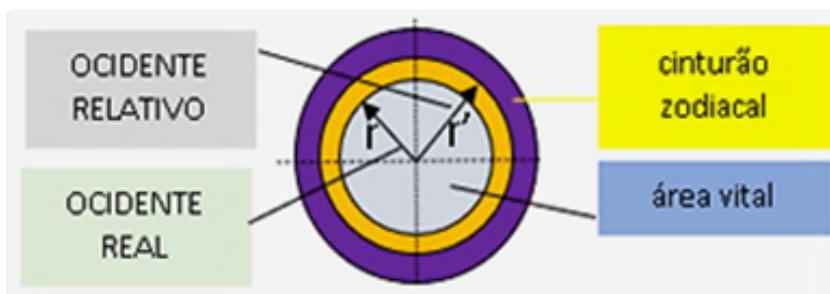


Figura 31

Calculando-se graficamente a quadratura da Terra e considerando-se o círculo de raio (r), simbolicamente a projeção da Terra, no plano horizontal auxiliar, sem os acréscimos das oscilações da precessão dos equinócios, obtemos um quadrado circunscrito ao círculo de raio (r) e ao espaço interior à linha perimetral (ab); (bc); (cd); (da). No centro geométrico do Ocidente Real, a circunferência zodiacal de raio (r) e o selo de Salomão, ou hexagrama, estão inscritos. Aí, lê-se, segundo “Hermes Trismegisto”, que “assim como é em cima, é também embaixo”. Em outras palavras, tudo é dual e está em equilíbrio - o bem e o mal, como parte de um só todo, convivendo harmonicamente, mostrando ao maçom que devemos exercer o livre arbítrio, escolhendo o caminho a seguir e fazendo as devidas ponderações ao seu Eu Superior.

- Primeiro: traçaram-se os eixos cartesianos (N - S) e (E - W) e, em seguida, determinou-se graficamente a circunferência da eclíptica solar, traçando-se um círculo de raio (r), que gerou o que chamamos de Área Vital;

- Segundo: Determinou-se graficamente o Ocidente Real (sem a precessão dos equinócios), traçando-se, no plano de projeção horizontal auxiliar, a circunferência eclíptica (sem a precessão dos equinócios) e obtendo-se o quadrado circunscrito, que representa a quadratura da Terra. Os lados Norte e Sul e Leste e Oeste, ou seja, a área delimitada pelos lados desse quadrado circunscrito à Área Vital chamou-se de Ocidente Real. Figura 32.

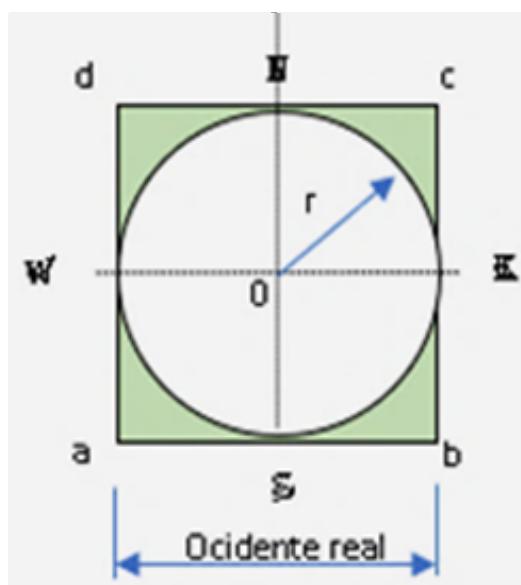


Figura 32

O assunto estaria consumado se não existisse o fenômeno da precessão dos equinócios, em que a Terra gira rodopiando como um pião, cambaleando sobre o seu eixo no polo Sul, com uma oscilação de $23^{\circ} 27'$, a partir do eixo eclíptico, nos sentidos Oeste e Leste. Esse fato nos induziu a calcular o comprimento de cada oscilação e a acrescentar ao comprimento da circunferência da seção máxima equatorial da Terra ($C = 2 \pi r$) o valor de ($C = 2 \pi r / 15$), para cada direção, onde $C^* = [(2 \cdot \pi \cdot r) + 2(2 \cdot \pi \cdot r / 15)]$.

Ao acrescentarmos o valor obtido de ($C = 2 \cdot \pi \cdot r / 15$) aos lados do quadrado de vértices (a); (b); (c); (d), somente nos sentidos "W" e "E", verificou-se um prolongamento, desses lados, ampliando o quadrilongo, o que gerou a aparição de um retângulo maior, devido ao acréscimo de $2(2 \pi r / 15)$, a esse novo quadrilongo, o qual o chamamos de Ocidente Virtual, ou seja: é o Ocidente Real acrescido do incremento da precessão dos equinócios.

Esse Ocidente Real será, então, o *Ocidente do nosso Templo Hipotético*, onde as energias giram em todo o seu potencial mais horizontal, brando e benéfico aos quatro reinos.

No Templo, essa energia vital aloja-se sobre o “ARA”, Altar dos Juramentos, e, a partir da entrada dos irmãos em Loja, ela se dissipa, beneficiando todos os obreiros, permeando-os e equilibrando-os energeticamente.

Observamos que a Terra é um elipsoide de revolução e que possui duas faces, uma iluminada pelo sol (dia) e a outra, pela penumbra (noite).

Daí, consideramos ser o Ocidente Relativo uma das faces do nosso planeta e a outra?

Daí, então, rebatemos um semicírculo para cada lado (W) e (E), determinando-se o Oriente e o Átrio do nosso Templo hipotético. Dessa forma, estava assim determinado o caminho do astro rei, no decurso de um dia.

A maçonaria diz que o sol nasce no Oriente para iluminar o dia, usando uma metáfora iniciática, que diz: Sansão é o Sol... todos os dias ele nasce no Leste e faz o seu balé cósmico, de leste para Oeste; todo dia, nasce com os cabelos curtos (*comprimento de onda pequeno*); ao meio-dia (*zênite*), está com os cabelos na cintura (*comprimento de onda máximo*); e, quando está no zênite, Sansão avista Dalila, às 18 horas no Ocidente. Sansão, ao ver Dalila, se enamora por ela e vai ao seu encontro e, às 18 horas (todo dia, nessa hora, o signo de virgem = Dalila está no poente), quando ele coloca a cabeça no colo dela (Virgem - único signo feminino), que lhe corta os

cabelos (comprimento de onda “parece” tender a zero). É uma vitória das trevas contra a luz (?), pois termina o dia e começa a noite. Sansão é aprisionado nas colunas do Templo (o Oeste e o Leste). Sansão ora ao Senhor, para recuperar as suas forças. Ele recupera suas forças e destrói as argolas que o acorrentam nas colunas do Templo (o Oeste e o Leste), readquirindo suas forças e renascendo novamente glorioso no Leste. Toda essa metáfora caracteriza a epopeia cíclica do mito solar.

No estudo da física, durante a noite, o Sol continua emitindo todos os seus comprimentos de onda normalmente - inclusive, luz visível, infravermelho, ultravioleta etc. O comprimento de onda da luz solar não “tende a zero”. O que acontece é que a Terra gira e o local em que você está vira-se para o lado oposto do Sol, ficando na sombra - ou seja, a luz solar não chega diretamente até você.

Por que o λ (*lâmbda*) não tende a zero?

- O comprimento de onda (λ) é uma propriedade da radiação emitida (por exemplo, 500 *newtons* por metro, no visível).
- O Sol continua emitindo radiação com o mesmo espectro completo, 24 horas por dia.

Ao visualizarmos o desenho matriz (Figura 33), nota-se que os incrementos da retrogradação dos equinócios, ou seja, os retângulos de vértices (a); (e); (f); (b) e (d); (c); (j), têm grande importância, pois, como se vê, o lado (d - c) determinou o alinhamento das colunas solsticiais “B” e “J”, representando pontos notáveis dos trópicos de Câncer e de Capricórnio, enquanto o lado (e - f) determinou abertura da Grade do Oriente - o limite do Ocidente com o Oriente.

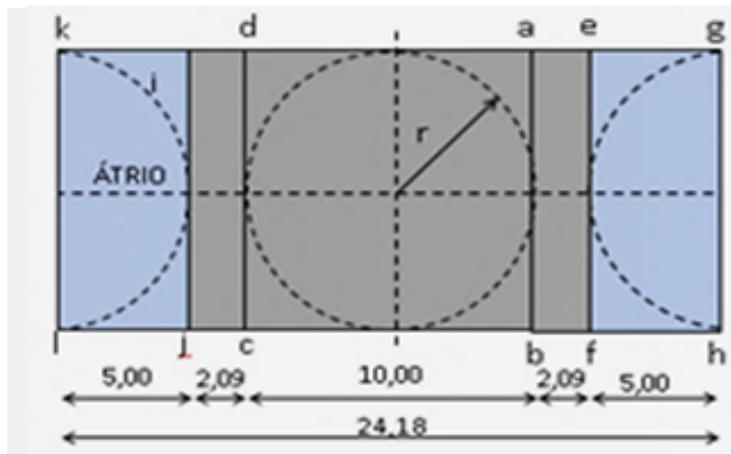


Figura 33

Este espaço - retângulo de vértices (a); (e); (f); (b), serve para a construção da escada de acesso ao Oriente, representando o quaternário inferior, ou seja: os quatro degraus da escada de ascensão espiritual, rumo ao trono do Venerável Mestre, que representam os planos: Físico Inferior (7); Físico Superior (6); Astral (5); Mental Inferior (4), respectivamente aos oficiais: Cobridor Externo; Guarda do Templo; Segundo Diácono e Primeiro Diácono, e o acesso ao trono do Venerável; Pureza (1), Luz (2) e Verdade (3). Assim sendo, entendemos que, na correlação com os cargos em Loja, temos a seguinte correspondência:

1. Físico Inferior (7) → Cobridor Externo
2. Físico Superior (6) → Guarda do Templo
3. Astral (5) → Segundo Diácono
4. Mental Inferior (4) → Primeiro Diácono
5. Mental Superior (3) → Pureza
6. Mental pensamento concreto (2) → Luz
7. Mental pensamento abstrato (1) → Verdade
(ver Figura 34)

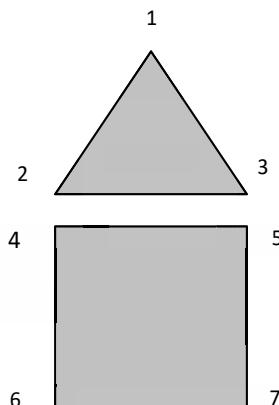


Figura 34

As Colunas B e J, originalmente posicionadas fora do Templo de Salomão, foram introduzidas, mais tarde, no interior do Templo. Seus significados e simbolismos foram consagrados pelos usos e costumes da maçonaria especulativa, que as incorporou em sua tradição e prática.

A distância entre essas colunas e a porta do Templo é, simbolicamente, equivalente ao incremento da precessão dos equinócios em relação ao eixo da eclíptica, calculada como $(2 \pi r / 15)$, na direção Oeste. Essa medida é considerada a distância da porta do Templo até o local externo, onde as colunas estavam originalmente posicionadas. Por essa razão, nossa ritualística permite que o guarda do Templo, durante os rituais, atravesse a linha do Equador “sem descarregar o sinal do grau”, pois, simbolicamente, ele se encontra em um espaço que é considerado fora do Templo.

Observe o ponto (2) - vértice do triângulo (2; 4; 6) do hexagrama está, exatamente, colinear ao eixo das colunas B e J - lado (d - c) do alinhamento das colunas (B e J), cortado pela linha do equador.

É nesse ponto que o obreiro fica “entre colunas”, após o término da marcha do grau, em que a Loja estiver trabalhando.

O passo humano tem um valor médio de 0,64m, para um homem considerado de média estatura. Multiplicando esses 0,64m por 3 passos, teremos 1,92 m.

Considerando-se o $r = 5,00\text{m}$ e substituindo-se esse valor na expressão $(2 \pi r / 15)$, obtemos 2,09m. Subtraindo-se 0,64m de 1,92 m ($0,64 \times 3$ passos), da marcha mediana de um obreiro, resta-nos ainda 0,17m.

Essa metragem é justamente a folga necessária para que um homem de alta estatura possa executar a marcha do grau e, no final, ficar justamente E.: CCol:..

Um Obreiro retardatário aos trabalhos, ao adentrar o Templo, após executar a marcha do grau (sem exageros), fica E.: CCol:., exatamente no ponto (2), vindo totalmente “desbalanceado” de energia vital. Ele, porém, está no campo de atuação da força negativa do triângulo (i - j - o), sendo “o” (zero) o centro do Templo, onde essa energia negativa desagregadora tende a zero, justamente no espaço entre o esquadro e o compasso, portal dimensional, vórtex de energia, de onde flui a energia vital.

Entenda-se vórtex de energia como sendo o local onde a energia é mais intensa, a qual pode ser usada para meditação, cura ou transformação pessoal. Em física, o termo pode descrever movimentos de fluidos ou campos de forças que criam redemoinhos.

Em resumo, um vórtex de energia é uma forma de visualizar como a energia pode se acumular e se mover de maneira dinâmica em um espaço específico, no caso específico, o nosso Templo.

No momento em que o retardatário penetra no ambiente adiabático do Templo, ele emana sinais vitais, fora da frequência da egrégora da Loja, ao Oriente, através do triângulo (c; d; x), fazendo diminuir a frequência vibratória da egrégora, pela fuga de energia, gerada pela abertura da porta do Templo e pela emanção energética da frequência mais baixa do retardatário, o que é percebido pela “inteligência” (Ven.: M.:), que, por sua vez, instantaneamente, libera, sobre o obreiro retardatário, e.: ccol.:, um caudal de energia com maior frequência (positiva), escoada pelo triângulo (g-h-2), sobre o retardatário.

O retardatário, ao receber “esse *flash de energia positiva*”, fica equipotencialmente nivelado aos demais irmãos, podendo participar, assim, da nova egrégora, no lugar que lhe compete, dentro da nova frequência da egrégora. Dessarte, aos trabalhos são dado continuidade, sem perda ou desequilíbrios energéticos, mediante a formação da nova egrégora.

Notamos que as Colunas B e J têm um papel fundamental para manter o padrão energético dos trabalhos em Loja, além de outros ...

21 - Distância entre as Colunas “B” e “J”

As colunas solsticiais B e J estão distanciadas da porta de acesso ao Templo e mantêm uma distância entre si. Figura 35.

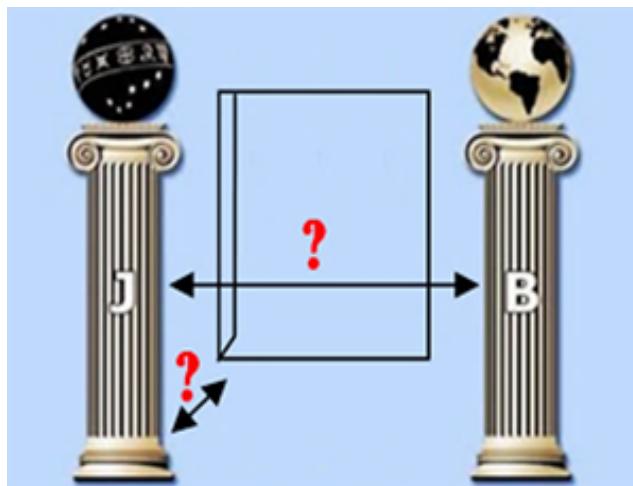


Figura 35

Qual será a distância que essas colunas devem ter para a porta do Templo? Qual a distância entre elas? Que significados existem fora das vistas profanas?

Pois bem...

Segundo as Escrituras Sagradas, Deus forneceu a Davi as orientações necessárias para a elaboração dos projetos do Templo Sagrado. Assim, esse Templo é uma condensação de medidas sagradas que foram reveladas a Davi e, posteriormente, observadas e executadas por Salomão, com a ajuda de Hiram Abif. A “Figura Padrão” (Figura 18) ilustra a simetria presente nas linhas principais e auxiliares do Templo, ressaltando a harmonia e o equilíbrio que caracterizam sua estrutura.

Quando começamos a desenvolver o nosso estudo, veio à tona, em nossa mente, que a circunferência zodiacal nos mostrava muito fatos geométricos deveras interessantes. Será *pura coincidência ou será a alquimia dos números e formas?*

Acreditamos na magia dos números e das formas, mas existem aqueles que pensam de modo contrário, aos quais manifestamos o nosso respeito, mas, até que me provem o contrário, serei adepto da frase:

“DEUS GEOMETRIZA.”

Dentro dessa premissa, passamos a dar sequência ao nosso desafio, indo em frente, em nossos estudos. Nessa marcha, observamos que o triângulo (1; 3; 5), ao entrelaçar-se com o triângulo (2; 4; 6), fez aparecer, no centro da circunferência, um hexagrama e, nas bordas periféricas dos triângulos, seis triângulos equiláteros de menor tamanho, também dividindo os lados dos dois triângulos (1-3-5) e (2-4-6) em três partes iguais e, da maneira que estava disposto, o entrelaçamento dos dois triângulos, com seus vértices (1) e (2), apontando, respectivamente, para o Oriente e Ocidente, nos mostrava que “a força, a energia,” entrava e saia do templo, seguindo a linha do equador terrestre, canalizando e complementando os vértices desses dois triângulos, (dois pra o norte e dois para o sul), a magia de proceder o equilíbrio da portentosa energia criadora do G :: A :: D :: U :: ..

Na Figura 24, vemos que $(a) + (b) + (c) = L$ e que, por simetria, o lado (b) era a parte central do lado "L" e que, de imediato, nos fez ver a simetria existente com a distância, entre si, das colunas B e J. Então, passamos a calcular o valor de $(a = b = c = L)$.

Aplicando o teorema de Pitágoras, temos:

$$r^2 = (r/2)^2 + x^2$$

Expandindo a equação: $r^2 = r^2/4 + x^2$

Subtraindo $r^2/4$ de ambos os lados: $3r^2/4 = x^2$

Tirando a raiz quadrada de ambos os lados:

$$x = \sqrt{3r^2/4} = x = \sqrt{3} * r / 2$$

Logo $x = r\sqrt{3}/2$

Observamos que "X" é a metade de "L"

Logo $L = 2X$ e substituindo $x =$ temos:

$$L = 2(r\sqrt{3}/2) = r\sqrt{3}$$

Como o L é dividido em 3 partes iguais, temos

$$L/3 = b = r\sqrt{3}/3$$

Substituindo-se o valor de $r = 5,00m$, temos:

$$b = r\sqrt{3}/3 \Rightarrow b = 5,00m (1,73/3) \Rightarrow$$

$b = 2,88\text{ m}$

Podemos dizer que:

- A distância entre as colunas B e J é 2,88m.
- A distância das Colunas B e J à porta é 2,09m, correspondente a $\phi = (2\pi r/15)$, valor da oscilação da precessão dos equinócios na direção (O-W).

22 - Localização do Portal dos Mistérios

O triângulo ($i - 0$); ($0 - j$) e ($i - j$), quando tem seus lados ($i - 0$) e ($0 - j$) seccionados pela circunferência, gera os pontos (α) e (Ω), que, por sua vez, determinam a semirreta ($\alpha - \Omega$), simbolizando o início e o fim de uma vida, que corta os lados ($2 - g$) e ($2 - h$) do triângulo ($2; g; h$), gerando tanto os pontos (7) e (8) quanto a semirreta (7 - 8), colinear à semirreta ($\alpha - \Omega$), símbolo do nascimento para a matéria. Quando o triângulo (i); (0) e (j) intercepta o triângulo (2); (g) e (h) gera os pontos (9) e (10), simbolizando, respectivamente, maturidade no caminho da luz e/ou das trevas, no crescimento humano (+ ou -), representado pelas semirretas (7 - 9) e (8 - 10), referindo-se, assim, à sua personalidade (7); (8) e (9); (10), na formação da maturidade do ser humano.

O eixo N-S corta o triângulo ($2; g; h$), gerando os pontos (11) e (12), significa a linha da vida sendo neutralizada no final de uma experiência material, sacramentando, assim, o destino de um ser humano, (10-11) e (9-12). O destino de um ser humano pode ser alterado para (+) ou para (-), em longevidade, dependendo dos atos praticados. A ligação entre os pontos (10) e (11) representa a colheita dos erros nas trevas, enquanto a ligação entre os pontos (9) e (12), a colheita na luz. Esses pontos, ao se cruzarem precisamente na perpendicular do baricentro, determinam o ponto 13 (morte prematura). Quando a balança cármbica está positiva, as linhas do destino (9 - 12) e (10 - 11) não se cruzam na perpendicular do baricentro, significando, consequentemente, que o ser humano tem sua vida determinada pelo criador, até mesmo quando as linhas do destino interceptam os limites da morada celestial, aqui simbolizados pelos limites do Pavimento Mosaico nos pontos (r) e (s). Observe-se que esses cruzamentos, que

geram a semirreta ($r - s$), é paralela à semirreta ($\alpha - \Omega$), que está próxima ao baricentro, onde tudo tende a “zero”, ou seja, ao fim de uma vida, acontecendo, assim, a ruptura do cordão de prata. Observe-se também que o ponto 13 não interferiu na ruptura do cordão de prata, o que fez com que o ser humano não tenha morte precoce, mas, sim, uma vida mais longeva, devido aos seus atos praticados com estabilidade, sem, contudo, ficar livre de seus *karmas*. É raro uma alma vivente passar pela matéria putrefaciente, sem que seus atos não interfiram na roda de Samsara. É por esse motivo que, nas sessões de pompas fúnebres, o esquife é colocado nessa posição comentada neste parágrafo. Dessarte, está desmisticificado e demonstrado o portal misterioso.

Como consequência deste estudo e das reflexões proporcionadas por ele, entendemos que a geometria da Figura Padrão, que envolve o formato do esquife, sinaliza para a plausibilidade de que ele já estava materializado com seis lados, ou seja: partindo-se do princípio de que já estavam determinados os vértices (7); (8); (9) e (10), bastava somente unirem-se os pontos ($9 - r$); ($r - s$) e ($s - 10$). Estava, assim, determinado o esquife com seis vértices: (7); (8); (9); (r); (s) e (10).

22.1 - Considerações sobre a sessão de pompas fúnebre

Segundo Jean-Pierre Bayard, o rito funerário trata da relação teatralizada e derradeira com o morto, no sentido de fazer-lhe menção honrosa e também de dar aos seus o consolo de que a vida não se extinguiu de todo, assegurando-se a estes haver uma vida algures. O esquife tem uma importância primordial nesse ritual.

Desde quando o homem se preocupou a enterrar seus mortos?

A prática de enterrar seus mortos em caixões é uma tradição que remonta a milhares de anos. Embora seja difícil determinar exatamente quando começou, podemos encontrar evidências de uso de caixões em diversas culturas antigas. Inclusive, há evidências de que os neandertais, uma espécie extinta de humanos, já usavam caixões rudimentares, há cerca de 60.000 anos na região do Oriente Médio.

Além disso, também há evidências de caixões primitivos em outras culturas antigas, como:

- a) No antigo Egito (por volta de 3000 a.C.), os egípcios usavam sarcófagos elaborados, para preservar os corpos dos faraós e de outras pessoas socialmente importantes;
- b) Na Grécia antiga (por volta de 800 a.C.), os gregos usavam caixões de madeira ou de pedra, para enterrar os seus mortos;
- c) Na Roma antiga (por volta de 500 a.C.), os romanos também usavam caixões de madeira ou de pedra e, mais tarde, de metal.

Acredita-se que o uso de caixões tenha surgido por várias razões, incluindo:

1. Respeito pelos mortos: o caixão era uma forma de mostrar respeito e dignidade para com o falecido;
2. Proteção do corpo: o caixão protegia o corpo do falecido de animais e outros fatores ambientais;
3. Prevenção de doenças: em alguns casos, o caixão era visto como uma forma de prevenir a propagação de doenças.

Com o tempo, a prática de usar caixões evoluiu e se tornou mais comum em muitas culturas. Hoje em dia, o uso de caixões é uma prática padrão, em muitos países.

É importante notar que a definição de “caixão” pode variar dependendo da cultura e do contexto histórico. Em geral, porém, acredita-se que o uso de caixões, para enterrar os mortos, remonta a milhares de anos.

A evolução dos esquifes também reflete as crenças culturais sobre a morte e a vida após a morte, passando a representar não só um espaço de descanso, mas também um elo simbólico entre os mundos material e espiritual.

- Material e Estética

Os materiais utilizados na construção dos esquifes variaram bastante, desde madeiras nobres, em caixões simples, até os mais elaborados, em pedras preciosas, dependendo da cultura e do status social do falecido.

A estética dos esquifes também evoluiu, com considerações sobre o significado emocional e simbólico que eles transmitem. Em algumas culturas, por exemplo, o uso do esquife é uma parte essencial do processo de mumificação e dos rituais de passagem, refletindo a conexão com ancestrais e tradições filosóficas mais amplas.

- O número de lados dos esquifes.

- ✓ Caixão retangular de quatro lados: O tipo mais comum de caixão;
- ✓ Caixão de cinco lados: Não é o tipo comum de caixão;

✓ Caixão de seis lados: o caixão hexagonal foi introduzido na maçonaria no século XVIII, sendo usado no ritual de pompas fúnebres e representando o homem em sua totalidade com os seis lados, que simbolizam as seis direções do espaço: o norte, o sul, o leste, o oeste, o zênite e o nadir. Tal formato de caixão sugere a harmonia e a transição da vida para a morte, bem como a possibilidade de uma nova vida, após a morte, porque a.c.s.d.dd.oo.

- Conclusão

A evolução dos esquifes é um campo rico de estudo, que abrange as práticas funerárias, o simbolismo cultural e o impacto das crenças sociais, ao longo do tempo. Esses objetos não servem apenas como meros recipientes para os mortos, mas como importantes símbolos de honra, respeito e continuidade da vida, refletindo a história da humanidade e seus vínculos com a morte e o além. A compreensão dessas evoluções permite uma apreciação mais profunda das tradições que cercam a morte e os rituais associados a ela.

Por fim, a evolução dos esquifes é uma testemunha das transformações culturais e sociais que se sucedem ao longo dos tempos, revelando como diferentes sociedades abordam a mortalidade e a importância da memória daqueles que partiram.

23 - O Livro da Lei

O Livro da Lei deve ser colocado em um ponto notável, de maior energia do Templo. Isso simboliza que a palavra (*O Ser Supremo*) eleva o homem (*O homo*) diretamente ao G.A.D.U, eliminando o sectorismo religioso, deixando as religiões, assim, diretamente proporcional ao teísmo de cada obreiro. O único local do Templo considerado como “neutro” é o centro do hexagrama (baricentro), inscrito no “*Ocidente Real*”.

Por isso, no eixo da perpendicular levantada, a partir desse ponto, baricentro, deverá ser edificado o ARA, e ali repousará o Livro da Lei. Figura 18.

Existe o ponto (13), onde está o fiel da balança do dualismo da vida e da morte.

O Ocidente Relativo (Ocidente Real + acréscimos da precessão dos equinócios) tem um piso, o qual é denominado “*Pavimento Mosaico*”, que simboliza o dualismo em seus mais amplos aspectos. Não falta quem defenda que esse Pavimento Mosaico se estenda por todo o Templo (Ocidente a Oriente e de Norte a Sul).

Neste trabalho, de acordo com os usos e costumes da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará, iremos determinar o Pavimento Mosaico a partir de quatro pontos notáveis, os quais iremos descrevê-los, muito embora saibamos que o Pavimento Mosaico representa a área da secção máxima equatorial e que o quadrilongo, equivalente à essa área vital, suporta a circulação desse manancial de energias com toda a sua plenitude.

Colocando o compasso centrado em (0), no centro da circunferência, abertura do compasso ($0 - r$), determinam-se os pontos (t) e (u) do nosso simbólico Pavimento Mosaico.

Unindo-se os pontos (r), (s), (t) e (u), determinamos o Pavimento Mosaico, que delimitará uma área a ser considerada sagrada, onde reposará o Livro da Lei e os pilares da Sabedoria, da Força e da Beleza.

A partir do ponto (13), da Figura 18, que fez materializar o es...fe, traça-se uma paralela ao lado (5-3) do triângulo (1; 3; 5), do hexagrama, que cortará as diagonais (i - f) e (j - e), determinando os pontos (r) e (s), ligando os pontos (r) e (s), determinando, assim, a cabeça do e...fe, bem como a delimitação do Pavimento Mosaico, no lado Oeste.

24 - As Colunas Zodiacais

Sendo o Zodíaco projetado no plano horizontal do “Ocidente Real”, observamos que a coroa circular ($r - r'$), na Figura 31, representa o Zodíaco. Dividindo-se os 360° da circunferência eclíptica, que também representa a secção máxima equatorial, pelo número de signos do Zodíaco (12), acharemos 12 fatias ou setores de 30° , que alocam cada uma, cada signo zodiacal. Figura 32.

O “ponto vernal” ou Gama, ou seja, o ponto em que a linha da eclíptica corta a linha do equador terrestre, é o “zero grau” do Zodíaco, correspondendo ao Signo de Áries ou Carneiro, medido a partir do eixo E - W (equador), iniciando seu giro na direção “E”, no sentido anti-horário.

A Figura 36 mostra a disposição desses signos no Zodíaco.

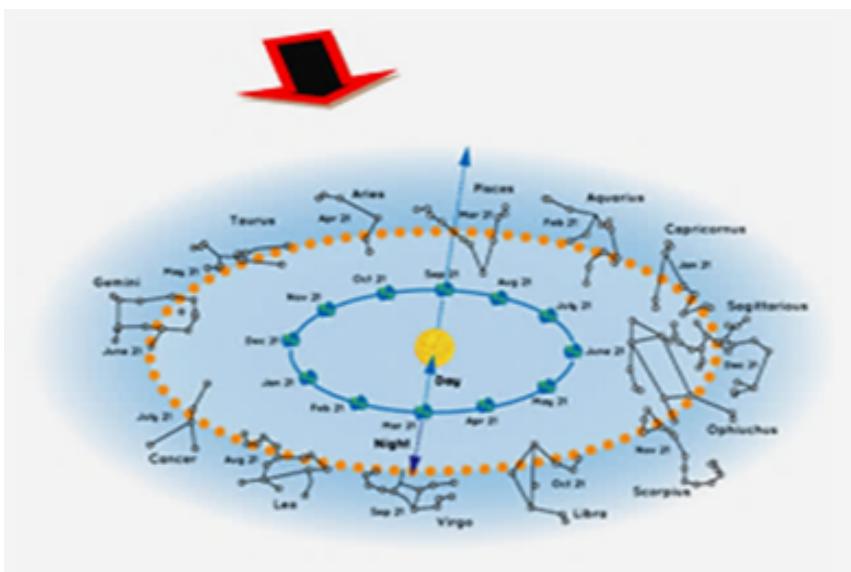


Figura 36

Na Figura 36, retro, podemos entender o posicionamento dos signos zodiacais, concentricamente, com as datas dos equinócios e solstícios. Notemos como eles se aglomeram numa ordem imposta pelo equilíbrio sideral, de uma maneira planificada. Além disso, observemos a linha do equador terrestre e as datas que marcam os equinócios e os solstícios. Áries ocupa a 1^a Casa Zodiaca.

25 - A Coluna de Áries no Templo Maçônico

No Templo Maçônico, a Coluna de Áries é uma das doze colunas zodiacais que simbolizam as constelações do Zodíaco.

Essas colunas estão dispostas em pares, ao longo das paredes Norte e Sul do Templo. A Coluna de Áries, representando a constelação de Áries, é uma delas.

Essas colunas não apenas fornecem suporte simbólico ao Templo, mas também representam a calota celeste e cada mês do ano maçônico. Elas são um elemento importante nos rituais e simbolismos maçônicos, conforme a Figura 37.

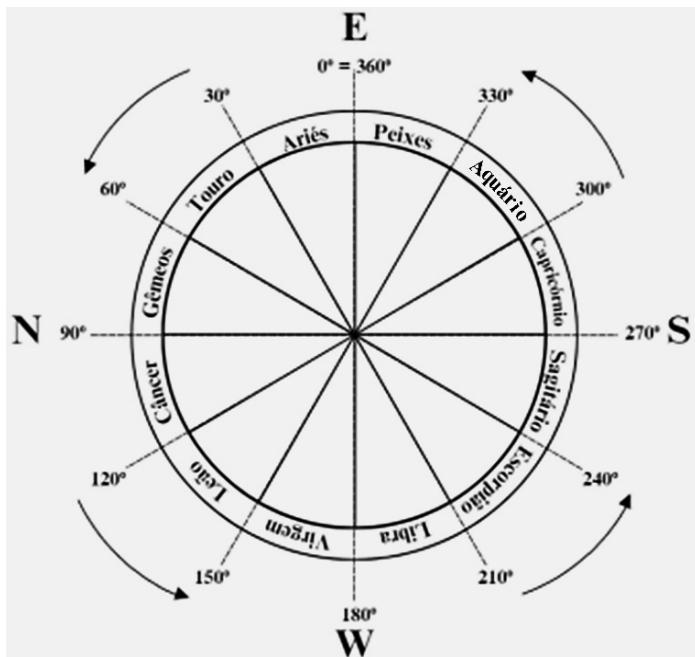


Figura 37

26 - Disposição das Colunas Zodiacais

26.1 - Ao Norte (Setentrional)

Rotação Anti-Horária (natural)

Sentido Oeste => Leste, temos na Figura 38:

Nº	SIGNO	REPRESENTAÇÃO
06	VIRGEM	
05	LEÃO	
04	CÂNCER	
03	GÊMEOS	
02	TOURO	
01	ÁRIES	

Figura 38

26.2 - Ao Sul (Meridional)

Rotação Anti-Horária (natural)

Sentido Oeste => Leste, temos na Figura 39:

Nº	SIGNO	REPRESENTAÇÃO
07	PEIXES	
08	AQUÁRIO	
09	CAPRICÓRNIO	
10	SAGITÁRIO	
11	ESCORPIO	
12	LIBRA	

Figura 39

26.3 - Construção das Colunas Zodiacais

O Zodíaco é formado por 12 constelações e, de acordo com a quadratura da Terra, existem colunas zodiacais no:

- Norte ou Setentrional;
- Sul ou Meridional;
- Leste ou Oriental;
- Oeste ou Ocidental.

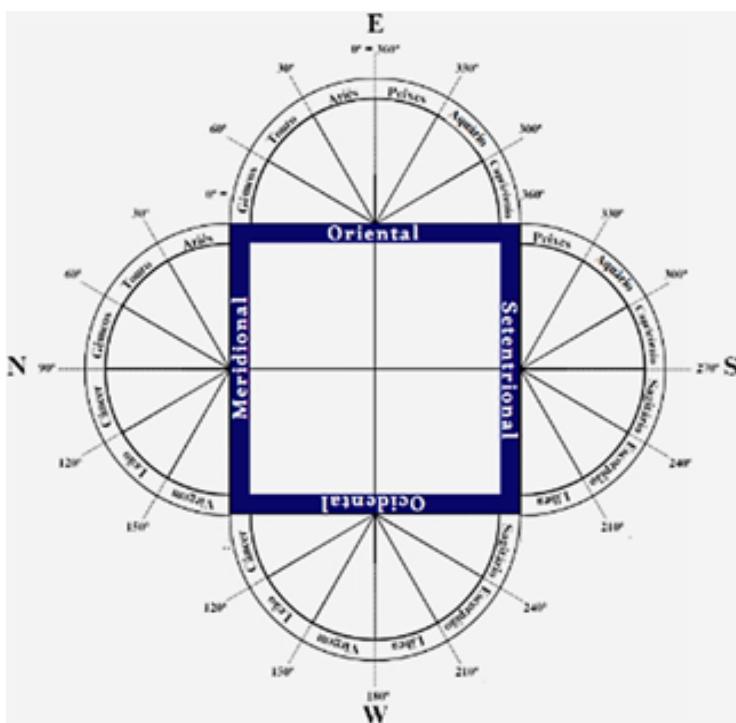


Figura 40

26.4 - Ao Norte ou Setentrional:

- **Áries** (Áries) [0°- 30°] - O carneiro, associado ao início da primavera e ao novo começo.

-
- **Taurus** (Touro) [30°- 60°] - O touro, representando força, estabilidade e fertilidade.
 - **Gemini** (Gêmeos) [60°-90°] - Os gêmeos, simbolizando dualidade, comunicação e adaptabilidade.
 - **Cancer** (Câncer) [90°-120°] - O caranguejo, representando o cuidado, a proteção e a introspecção.
 - **Leo** (Leão) [120°-150°] - O leão, simbolizando coragem, liderança e autoexpressão.
 - **Virgo** (Virgem) [150°-180°] - A virgem, associada à pureza, ao serviço e à análise detalhada.

26.5 - Ao Sul ou Meridional:

- **Pisces** (Peixe) [180°-210°] - empatia, criatividade, intuição, sensibilidade emocional.
- **Aquarius** (Aquário) [210°-240°] - O portador da água, representando inovação, humanitarismo e originalidade
- **Capricornius** (Capricórnio) [240°-270°] - O bode, simbolizando ambição, disciplina e responsabilidade.
- **Sagitários** (270°-300°] - O arqueiro, representando a busca por conhecimento, aventura e expansão.
- **Scorpions** (Escorpião) [300°-330°] - O escorpião, simbolizando transformação, intensidade e mistério.
- **Libra** (Libra) [330°-360°] - A balança, representando equilíbrio, justiça e harmonia.

26.6 - A Leste (orientais)

- **Gemini** (Gêmeos) [0º-60º] - Os gêmeos, simbolizando dualidade, comunicação e adaptabilidade.
- **Taurus** (Touro) [60º-30º] - O touro, representando força, estabilidade e fertilidade.
- **Áries** (Áries) [30º-0º] - O carneiro, associado ao início da primavera e ao novo começo.
- **Pisces** (Peixe) [360º-330º] - empatia, criatividade intuição, sensibilidade emocional.
- **Aquarius** (Aquário) [330º-300º] - O portador da água, representando inovação, humanitarismo e originalidade.
- **Capricornius** (Capricórnio) [300º-360º] - O bode, simbolizando ambição, disciplina e responsabilidade.

26.7 - A Oeste (ocidentais)

- **Cancer** (Câncer) [90º-120º] - O caranguejo, representando o cuidado, a proteção e a introspecção.
- **Leo** (Leão) [150º-120º] - O leão, simbolizando coragem, liderança e autoexpressão.
- **Virgo** (Virgem) [180º-150º] - A virgem, associada à pureza, ao serviço e à análise detalhada.
- **Libra** (Libra) [180-210º] - equilíbrio, diplomacia e harmonia.
- **Scorpions** (Escorpião) [210º-240º] - O escorpião, simbolizando transformação, intensidade e mistério.
- **Sagitários** (Sagitário) [210º-240º] - O arqueiro, representando a busca por conhecimento, aventura e expansão.

27 - O Cinturão Zodiacal ou Faixa Zodiacal

É uma faixa imaginária no Céu que se estende aproximadamente entre 8 a 9 graus, acima e abaixo da eclíptica, que é o caminho aparente do Sol, ao redor da Terra, ao longo do ano. Essa faixa inclui as doze constelações do Zodíaco.

Forma: O cinturão tem a forma de uma faixa elíptica que circunda a esfera celeste.

Localização: Se estende 8 a 9 graus ao Norte e ao Sul da eclíptica.

Constelações: Abrange as doze constelações do Zodíaco, desde Áries até Peixes.

Visualmente, se você imaginar uma faixa larga ao redor do céu noturno, a qual segue o caminho do Sol, da Lua e dos principais planetas, você terá uma boa ideia da forma do cinturão zodiacal. É dentro dessa faixa que os astrólogos observam as posições dos corpos celestes para criar mapas astrais e interpretar influências astrológicas.

Uma representação gráfica pode facilitar a visualização, mas espero que esta descrição ajude a entender a forma e o papel do cinturão zodiacal. Figura 41.

Após estarmos cônscios, vamos projetá-lo no plano da eclíptica, tendo o Zodíaco (doze constelações) girando de forma elipsoidal, no sentido Oeste / Leste, tendo o planeta Terra como centro.

Com relação à construção dessas colunas zodiacais, hipoteticamente (de acordo com o diálogo do Venerável Mestre com o 2º Vigilante), elas se apoiam na periferia da seção máxima equatorial, no centro do que seja o cinturão zodiacal.

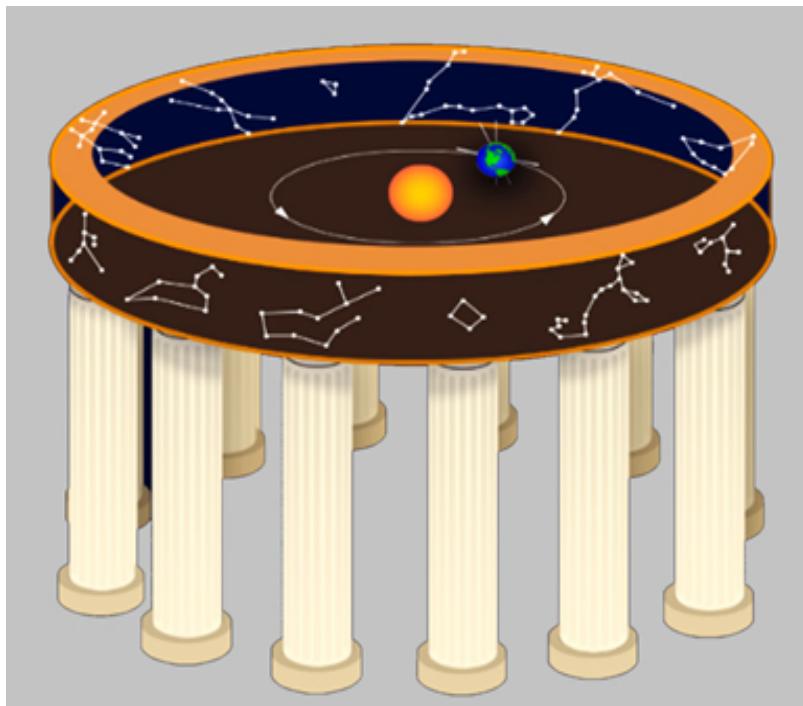


Figura 41

A construção em formato circular no Templo, dentro dos aspectos simbólicos e esotéricos, iria gerar barreiras visuais, o que dificultaria a movimentação, circulação e acomodação adequada dos obreiros, apesar de existirem Lojas que optaram por deixar essas colunas zodiacais “de forma circular no ocidente real”.

Tirando-se as colunas zodiacais, por “rebatimento geométrico”, elas foram transportadas para as paredes Norte e Sul do “Ocidente Real”, de forma linear, assumindo a configuração praticada pelo REAA.

É de bom alvitre frisar que essas doze colunas zodiacais devem ocupar, simetricamente, os lados Norte e Sul do quadrado, que determina o “Ocidente Real”.

28 - Rebamento das colunas zodiacais

28.1 - Rebamento das colunas zodiacais na coluna Norte

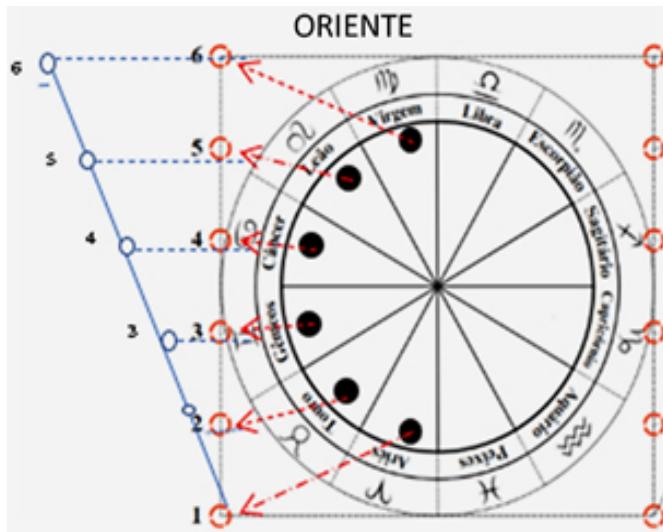


Figura 42

28.2 - Rebamento das colunas zodiacais na coluna do Sul

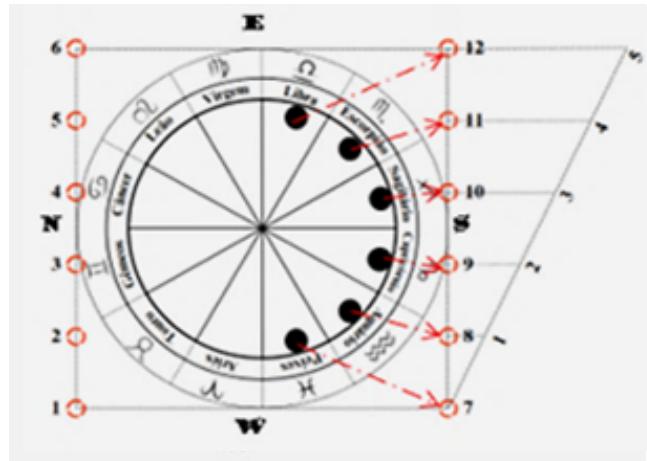


Figura 43

28.3 - Colunas zodiacais rebatidas no Norte e Sul

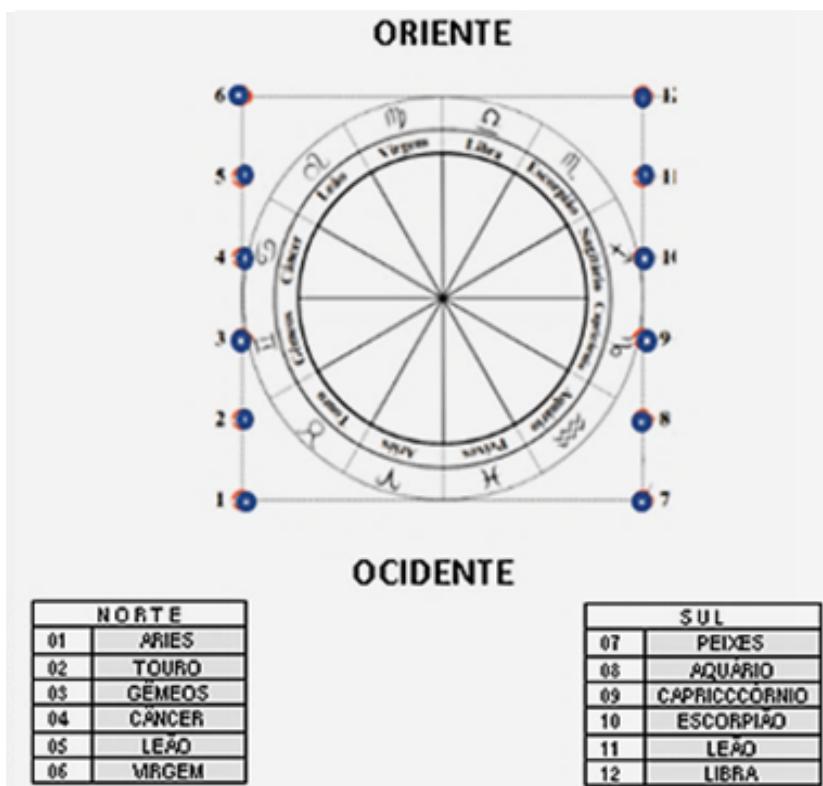


Figura 44

A “oscilação” no eixo de rotação da Terra leva cerca de 25.920 anos, para completar um ciclo, ou seja, uma eclíptica solar.

A precessão dos equinócios é a “oscilação”. Esse valor é uma aproximação e a duração exata pode variar ligeiramente, devido a fatores como a influência gravitacional do Sol e da Lua.

No entanto, a parte que pode estar confusa é a “eclíptica anual”. A eclíptica é o plano da órbita da Terra ao redor do Sol, sendo fixa em relação ao fundo estelar. A precessão dos equinócios é um ciclo muito mais longo, não um evento que ocorre anualmente.

Portanto, a correção seria entender que a precessão dos equinócios leva cerca de 25.920 anos, para completar um ciclo, mas isso não está relacionado a uma “eclíptica anual”. A eclíptica é um conceito que define o caminho aparente do Sol ao longo do ano.

Para contextos anuais, estamos mais familiarizados com a órbita da Terra ao redor do Sol, que é o que definimos como um ano solar, aproximadamente 365,25 dias. Esse movimento anual é muito diferente do movimento de precessão, que é um fenômeno muito mais lento.

29 - Energias que atuam no corpo do Homem

Os corpos sutis etéreos do homem são influenciados por várias energias naturais e cósmicas, que atuam na secção máxima equatorial da Terra. Essas influências podem afetar a vitalidade, o equilíbrio energético e o bem-estar espiritual das pessoas.

Vamos explorar como essas energias impactam os corpos sutis.

29.1 - Energia Solar

A intensa radiação solar na região equatorial pode revitalizar e energizar os corpos sutis, especialmente o corpo etéreo e o corpo astral. A exposição adequada à luz solar é frequentemente associada ao equilíbrio dos *chakras* e ao aumento da vitalidade.

29.2 - Raios Cósmicos

São partículas de alta energia que penetram a atmosfera e podem afetar o campo energético do corpo. Alguns acreditam que essas energias cósmicas podem expandir a consciência e abrir caminhos para *insights* espirituais.

29.3 - Energia Geotérmica

A conexão com a energia da Terra é essencial para o enraizamento e a estabilidade do campo energético humano. Atividades como a meditação ao ar livre e o contato direto com a Terra (como andar descalço) podem ajudar a absorver essa energia e harmonizar os corpos sutis.

29.4 - Ventos Alísios

O movimento do ar e os ventos constantes podem ajudar a limpar e renovar a aura. Respirar profundamente em locais ventilados pode ser uma prática purificadora para o corpo energético.

29.5 - Correntes Oceânicas

A água é um elemento purificador e regenerador. Estar próximo de grandes corpos d'água, como o oceano, rios ou lagos, pode ter um efeito calmante e revigorante sobre o corpo e a mente. As correntes oceânicas desempenham um papel essencial na regulação do clima global, transportando calor e nutrientes por todo o planeta. Além disso, a proximidade com a água está, muitas vezes, associada a sentimentos de paz, introspeção e renovação energética.

Muitas culturas antigas acreditavam no poder purificador da água, utilizando-a em rituais de limpeza espiritual.

Atualmente, a ciência comprova que estar perto da água pode reduzir os níveis de stress, melhorar o bem-estar mental e até aumentar a criatividade.

29.6 - Gravidade e Força Centrífuga

A força centrífuga na região equatorial pode simbolizar a expansão e a liberdade no campo energético. Isso pode ser interpretado como uma oportunidade para o crescimento pessoal e espiritual.

29.7 - Energia Sísmica

A atividade tectônica pode representar a transformação e a renovação. Embora os terremotos sejam eventos físicos, eles também podem simbolizar mudanças profundas e o despertar espiritual nos corpos sutis do homem.

29.8 - Energia Térmica

O calor e a energia térmica da região equatorial podem ativar o corpo energético, promovendo a circulação de *prana* ou *chi* (força vital), pelo sistema de meridianos e *chakras*.

29.9 - Energia Biomassa

A abundante vida vegetal na região equatorial fornece uma fonte constante de *prana*, contribuindo para um ambiente energético vibrante. A prática de atividades em florestas e áreas naturais pode ajudar a absorver essa energia vital.

Essas energias combinadas criam um ambiente rico e dinâmico, que pode impactar profundamente o campo energético e os corpos sutis do homem. Práticas espirituais e de bem-estar, que se alinhem com essas energias, podem promover um estado de equilíbrio e harmonia.

30 - As Energias Telúricas

As energias telúricas são forças ou vibrações que se acredita emanarem do solo e da Terra. O termo “telúrico” vem do latim “*tellus*”, que significa Terra.

Essas energias são percebidas em várias tradições como uma força vital que flui através da Terra e pode influenciar seres vivos, plantas e animais. Aqui estão alguns pontos importantes sobre as energias telúricas.

30.1 - Origem

As energias telúricas são consideradas vibrações geradas pela Terra, incluindo movimentos internos, como falhas no terreno, cavidades subterrâneas e aquíferos.

30.2 - Geobiologia

Esta disciplina estuda as interações entre a Terra e os seres vivos, incluindo as energias telúricas. Ela busca entender como essas energias afetam a saúde e o ambiente.

30.3 - Impacto na saúde

Algumas pessoas acreditam que as energias telúricas podem influenciar a saúde e o bem-estar. Locais com forte presença de energia telúrica podem causar sensações de paz e bem-estar, enquanto locais com energia negativa podem causar desconforto e ansiedade.

31 - Uma linha de tempo esotérica

Ousamos apresentar uma linha de tempo esotérica, que cobre civilizações conhecidas, eventos históricos e tradições esotéricas.

Linha de Tempo

31.1 - Pré-História e Civilizações Perdidas (450.000 a.C. - 10.000 a.C.)

- **450.000 a.C.** - Teorias esotéricas sugerem que os *Anunaki* (deuses sumérios) chegaram à Terra, segundo os textos sumérios reinterpretados por Zecharia Sitchin.
- **300.000 a.C.** - Suposto período da criação da Humanidade, conforme algumas teorias sumérias.

31.2 - 200.000 a.C. - 100.000 a.C. - Este intervalo marca as origens do *Homo Sapiens* na África. É um momento crucial em que nossa espécie começou sua jornada na Terra.

- **75.000 a.C.** - Possível cataclismo global (teoria do super vulcão Toba).
- **50.000 a.C.** - Cultura avançada dos caçadores - coletores (arte rupestre, espiritualidade primitiva).
- **12.000 a.C. - 10.000 a.C.** - Suposto período de Atlântida e Lemúria, segundo mitologias esotéricas e ocultistas.

31.3 - Neolítico e Primeiras Civilizações: - 10.000 a.C. - 3.000 a.C.

- **9.600 a.C.** - Platão menciona Atlântida nos diálogos “Timeu e Crítias”.

-
- **9.500 a.C.** - Construção de *Göbekli Tepe* (Turquia), um dos templos mais antigos conhecidos.
 - **5.000 a.C.** - Povos proto-históricos desenvolvem a agricultura e primeiros assentamentos.
 - **4.500 a.C.** - Civilização de *Sumer*, uma das primeiras da história, começa a surgir na Mesopotâmia.

31.4 - Antigas Civilizações - 3.000 a.C. - 1.000 a.C.

- **3.100 a.C.** - Unificação do Egito pelo faraó Menés (Narmer);
- **2.500 a.C.** - Construção das Pirâmides de Gizé.
- **2.000 a.C.** - Ascensão dos Babilônios e código de Hamurábi.
- **1.500 a.C.** - Surgem os Maias primitivos na Mesoamérica.

31.5 - Grandes Impérios - 1.000 a.C. - 500 d.C.

- **900 a.C.** - Civilização Olmeca surge na Mesoamérica.
- **753 a.C.** - Fundação de Roma.
- **600 a.C.** - Nascimento de Buda, Confúcio e Pitágoras.
- **331 a.C.** - Alexandre, o Grande, conquista o Egito e funda Alexandria.
- **7 a.C.** - Império romano é estabelecido por Augusto.
- **476 d.C.** - Queda de Roma e início da Idade Média.

31.6 - Idade Média e civilizações perdidas - 500 d.C. - 1500 d.C.

- **622 d.C.** - Fundação do Islamismo por Maomé.
- **1200 d.C.** - Ascensão dos Astecas e Incas.
- **1250 d.C.** - Fundação do império Mali (África).
- **1492 d.C.** - “Descobrimento” das américas por Colombo.

31.7 - Idade Moderna e Contemporânea - 1500 - 2000 d.C.

- **1500** - Expansão europeia e colonização das américas.
- **1776** - Independência dos EEUU.
- **1789** - Revolução francesa.
- **1914-1918** - Primeira guerra mundial.
- **1939-1945** - Segunda guerra mundial.
- **1969** - O homem pisa na Lua.
- **2000** - Presente (mundo atual).
- **2001** - Ataque de 11 de setembro.
- **2020** - Pandemia de covid-19.
- **2024** - Avanços em I.A., exploração espacial e crises climáticas.

32 - Um assunto interessante

32.1 - O que significa Elucubrar?

Analisando a palavra elucubrar, em seu sentido mais básico, significa refletir profundamente, meditar ou pensar, de forma cuidadosa e intensa, sobre um tema ou ideia. É um processo mental que envolve esforço intelectual e concentração, para elaborar ou compreender algo em maior profundidade. O termo pode ser usado tanto no contexto prático, como ao planejar ou criar algo, quanto no filosófico ou esotérico, quando buscamos interpretar significados mais elevados ou abstratos.

32.1.1 - O que significa Elucubrar esotericamente?

Elucubrar esotericamente é refletir profundamente, meditar ou buscar interpretar significados ocultos que transcendem o óbvio ou o material. No contexto esotérico, “elucubrar” pode significar investigar ou ponderar sobre verdades espirituais, simbologias e conceitos metafísicos. É um processo que envolve usar a mente e a intuição para conectar ideias e obter uma compreensão mais elevada ou mística do universo e de si mesmo.

Por exemplo, ao analisar um símbolo ou ritual esotérico, elucubrar pode envolver não apenas interpretá-lo de maneira lógica, mas também tentar captar as suas nuances espirituais ou energéticas.

32.1.2 - Existem regras básicas para Elucubrar?

Embora “elucubrar” seja um processo essencialmente pessoal e subjetivo, algumas diretrizes podem ajudar a tornar essa reflexão mais produtiva e profunda, especialmente em um contexto esotérico. Aqui estão algumas “regras básicas” que podem ser úteis.

-
- 1. Mente Aberta:** Esteja disposto a explorar diferentes perspectivas, mesmo aquelas que desafiem crenças prévias. O esoterismo, muitas vezes, convida à desconstrução de ideias fixas.
 - 2. Introspecção Profunda:** Dedique tempo para refletir internamente. Pergunte a si mesmo qual é o significado mais profundo dos símbolos, ideias ou experiências que você está analisando.
 - 3. Conhecimento Prévio:** Estude os fundamentos teóricos de qualquer tradição ou sistema esotérico, com o qual esteja lidando. Isso fornece uma base para a interpretação.
 - 4. Harmonia entre Razão e Intuição:** Combine lógica e análise com sensibilidade intuitiva. Nem tudo precisa ser totalmente compreendido pela mente racional.
 - 5. Isenção de Julgamentos:** Evite conclusões precipitadas. Permita que as ideias se desenvolvam gradualmente em sua mente e espírito.
 - 6. Prática e Disciplina:** Como qualquer habilidade, elucubrar exige prática regular. Registre suas reflexões em um diário ou compartilhe com outros buscadores para *feedback*.
 - 7. Propósito Elevado:** Sempre busque a elevação espiritual e moral, em vez de focar apenas no intelecto ou no material.

Se aplicarmos essas “regras”, o processo de elucubrar pode ser tanto um exercício de aprendizado quanto uma jornada de transformação pessoal.

32.1.3 - Relação entre Elucubrar e os Arquivos Akáshicos

A relação entre elucubrar e os Arquivos Akáshicos está fundamentada na busca de conhecimento superior e profundo. Ambos envolvem um processo de conexão com níveis elevados de consciência e informações sutis.

Elucubrar: Trata-se do ato de refletir profundamente, investigando simbolismos, ideias e aspectos metafísicos da existência. No contexto dos Arquivos Akáshicos, elucubrar pode ser visto como o esforço mental e intuitivo para interpretar as informações ou mensagens recebidas, ao se tentar acessar esses registros.

Arquivos Akáshicos: São descritos em tradições esotéricas como uma “biblioteca universal” ou “registro etéreo”, que contém todas as informações sobre o passado, presente e possíveis futuros de todas as almas. Acessar esses registros requer uma elevação espiritual e introspectiva, em que a mente e a intuição se alinham.

32.1.4 - A conexão entre os dois

- Elucubrar pode ser o meio pelo qual alguém se prepara para acessar os Arquivos Akáshicos, uma vez que é necessário um estado de concentração e introversão para conectar-se a esses planos.
- Após a “consulta” aos Arquivos Akáshicos, o ato de elucubrar ajuda a processar, compreender e interpretar as informações obtidas.

Acessar os Arquivos Akáshicos é considerado um processo espiritual e introspectivo profundo, muitas vezes descrito como uma conexão com uma espécie de “biblioteca cósmica”, onde está registrada toda a informação sobre a alma, suas experiências passadas, presentes e potenciais futuros. Esse acesso pode ser feito

por meio de meditação, oração, ou práticas específicas, ensinadas em diferentes tradições espirituais. Embora a experiência seja pessoal e variável entre tradições, há algumas práticas geralmente associadas a essa busca.

32.1.5 - Preparação para acessar os Arquivos Akáshicos

- 1. Ambiente calmo:** Escolha um local tranquilo, onde você não será interrompido. Isso ajuda a criar o estado mental adequado.
- 2. Estado de relaxamento:** Pratique técnicas de relaxamento, como meditação ou respiração profunda, para aquietar a mente.
- 3. Intenção clara:** Estabeleça uma intenção antes de começar. Por exemplo, pergunte a si mesmo o que deseja aprender ou compreender.
- 4. Elevação da energia:** Algumas tradições sugerem o uso de música suave, incenso ou mantras, para criar uma atmosfera espiritual elevada.

32.1.6 - Métodos comuns para acessar os Arquivos Akáshicos

1. Meditação profunda

- Encontre uma posição confortável e concentre-se na sua respiração.
- Visualize uma luz divina envolvendo você e imagine-se entrando em um espaço vasto e acolhedor (os Arquivos).
- Peça para se conectar aos registros, com humildade e respeito.

2. Oração ou Invocação

- Algumas práticas recomendam o uso da *Oração dos Registros Akáshicos* ou outra invocação apropriada à sua crença. Essa Oração estabelece uma conexão com os Arquivos e guia o processo.

3. Jornada guiada:

- Existem áudios ou facilitadores especializados que conduzem as pessoas em jornadas para acessar os Arquivos. Essas guias podem ajudar iniciantes.

4. Diário ou Escrita Intuitiva

- Durante ou após a meditação, anote *insights* ou pensamentos que surgiem. Muitas vezes, as mensagens aparecem como ideias ou imagens simbólicas.

5. Consulta com um Facilitador

- Se ainda estiver se familiarizando com os Arquivos Akáshicos, você pode procurar o auxílio de alguém experiente em leituras desses Arquivos.

32.1.7 - Interpretação dos Arquivos

Após o acesso, elucubrar se torna essencial. Reflita sobre os *insights* recebidos, buscando entender seu significado e como aplicá-los na vida prática. Pode ser útil registrar tudo em um diário para consultas futuras.

A prática consistente e uma mente aberta são fundamentais para desenvolver uma conexão mais profunda com os Arquivos Akáshicos.

32.2 - Outro Assunto Interessante!

O Livro perdido de Enki

Após termos tido acesso ao “Livro perdido de Enki”, entendemos que poderíamos lê-lo, absorvendo mais subsídios sobre a história da Humanidade. Dessarte, decidimos fazer um mergulho aos 432.000 anos de história da Humanidade, conforme trecho retirado do livro perdido de Enki: memórias e profecias de um deus extraterrestre de Zecharia Sitchin.

Esse livro foi passado a formato digital para facilitar a sua difusão, e, com o propósito de que, assim como você o recebeu, o faça chegar a mais gente.

Coleção Crônicas da Terra - O Livro Perdido de Enki: Memórias e Profecias de um Deus Extraterrestre.

Título original: *The Lost Book of Enki: Memoirs and Prophecies of an Extraterrestrial God ©2002 by Zecharia Sitchin.*

Digitalizador: NascaV (Espanha).

Eis o trecho:

... Um sacerdote do deus babilônico Marduk, Berozo, com acesso às bibliotecas de tabuletas de argila, cujo centro era a biblioteca do templo de Jarán (agora no sudeste da Turquia), escreveu uma história de deuses e homens em três volumes que começava em 432.000 anos antes do Dilúvio, quando os deuses chegaram à Terra dos céus. Em uma lista em que figuravam os nomes e a duração dos reinados dos dez primeiros comandantes, Berozo dizia que o primeiro líder, vestido como um peixe, chegou à costa desde mar.

Era o que lhe daria a civilização à Humanidade, e seu nome, passado para o grego, era Oannes.

Encaixando muitos detalhes, ambos os sacerdotes fizeram entrega de relatos de deuses do céu que haviam vindo à Terra, de um tempo em que só os deuses reinavam na Terra e do catastrófico Dilúvio.

Nas partes e nos fragmentos conservados (em outros escritos contemporâneos) dos três volumes, Berozo dava conta especificamente da existência de escritos anteriores à Grande Inundação - tabuletas de pedra que se ocultaram para as proteger em uma antiga cidade chamada Sippar, uma das cidades originais que fundaram os antigos deuses.

Embora Sippar fosse arrasada pelo Dilúvio, igual ao resto das cidades antediluvianas dos deuses, apareceu uma referência aos escritos antediluvianos nos anais do rei assírio Assurbanipal (668- 633 a.C.).

Quando, em meados do século XIX, os arqueólogos descobriram a antiga capital de Nínive (até então, conhecida só pelo Antigo Testamento), acharam nas ruínas do palácio de Assurbanipal uma biblioteca com os restos ao redor de 25.000 tabuletas de argila inscritas.

O rei Assurbanipal, um ávido coletor de textos antigos, se orgulhava de sua habilidade em decifrar escritos antigos. Em seus anais, ele registrou: “O deus dos escribas me concedeu o dom do conhecimento de sua arte; fui iniciado nos segredos da escritura; inclusive posso ler as intrincadas tabuletas em sumério; entendo as palavras enigmáticas cinzeladas na pedra dos dias anteriores à Inundação” ...

Fim da descrição do trecho do livro perdido de Enki.

32.3 - Comentários discretos

Nossa jornada, através da linha do tempo, começa há 450.000 anos, abrangendo civilizações e culturas importantes, que existiram na Terra. Embora alguns cientistas possam discordar, nossa abordagem se baseia no esoterismo, cobrindo hipóteses embasadas por nossos ancestrais, que são parte integrante de nossos rituais.

Nosso ponto de partida é a datação do carbono 14, realizada por Zacharias Sitchin, que analisou as tabuletas de argila encontradas na antiga capital de Nínive, no palácio de Assurbanipal. Essa descoberta incluiu cerca de 25.000 tabuletas de argila inscritas, que foram decifradas por Sitchin.

A partir desse ponto, nossa linha do tempo decrescente nos levará através das eras, explorando as civilizações e culturas mais importantes que existiram na Terra, sempre com base no esoterismo e nas hipóteses apresentadas por nossos ancestrais.

É natural que o novo e o inusitado possam gerar controvérsias. No entanto, convidamos nossos leitores a se juntarem a nós nesta jornada de exploração e descoberta, sendo necessário que vocês, leitores, também meditem e procurem sintonizar-se com as vibrações que emanam destas palavras.

33 - Foi pura coincidência? Às vezes isso acontece...

Pegando um gancho na indução numerológica momentânea e sequencial, aproveitamos para tecer considerações sobre o significado do número 33 nas principais tradições religiosas e na numerologia esotérica.

33.1 - O número 33 na cabala judaica

O número 33 é altamente simbólico dentro da Cabala, na qual está associado à sabedoria espiritual e à iluminação. Ele se conecta à Árvore da Vida e aos caminhos entre as *Sephiroth* (esferas espirituais).

O número 33 é ligado ainda ao caminho entre *Chokmah* (Sabedoria) e *Binah* (Entendimento), representando a união do masculino e feminino divinos, para não dizer que esse número também representa a ascensão espiritual e a conexão com o divino.

No misticismo hebraico, Lamed (30) e Guimel (3) formam 33, letras que significam “ensino e movimento”, indicando aprendizado espiritual profundo.

33.2 - O número 33 na numerologia

Número Mestre: O número 33 é considerado um número mestre, ligado à compaixão, ao amor incondicional e à iluminação espiritual.

Simboliza um mestre espiritual, associado a líderes como Jesus Cristo e Buda.

O número 33 é também chamado de “*Número do Mestre Curador*”, pois está ligado à energia da cura e do altruísmo.

33.3 - O número 33 na Maçonaria e outras tradições esotéricas

- **Maçonaria:** o 33 é o grau mais alto no Rito Escocês Antigo e Aceito, representando o ápice do conhecimento esotérico.
- **Cristianismo:** Jesus teria morrido aos 33 anos, o que reforça sua ligação com a iluminação e o sacrifício divino.
- **Ordem Rosa-cruz e Ocultismo:** O número 33 aparece como um símbolo de ascensão, sabedoria e evolução espiritual.

33.4 - A Egrégora

Egrégora é uma força espiritual criada e mantida por uma corrente espiritual, alinhada com a energia universal do cosmos. Trata-se de seres invisíveis formados pela devoção ou entusiasmo de grupos, representando as almas dessas correntes, boas ou más. Exemplos incluem a egrégora do Catolicismo e de outras religiões, como o Protestantismo, Islamismo, Budismo e a Maçonaria. Ao se integrar psicologicamente por iniciação, o indivíduo torna-se parte dessa energia coletiva. Ao se integrar a uma egrégora, o indivíduo aumenta a força dessa energia coletiva, ou em qualidades ou defeitos. A egrégora o isola das influências externas do mundo físico e lhe oferece sua força coletiva. Essa dinâmica vale para todas as grandes correntes filosóficas, religiosas e políticas.

Uma corrente espiritual só ganha vida verdadeira quando é energizada por rituais ou práticas, transformando-se numa egrégora duradoura. Só grupos com rituais, como religiões e a maçonaria,

conseguem criar essas forças espirituais que persistem por muitos anos. A egrégora existe tanto no plano material, através dos membros humanos, quanto nos planos astral e divino, onde atua por meio de seres etéricos. Uma egrégora possui corpo, duplo etérico e alma. Qualquer perturbação na liturgia enfraquece a egrégora. A profanação — divulgar segredos ou fórmulas ritualísticas — tira o poder energético das palavras, prejudicando a força da egrégora. Por isso, rituais estabelecidos, especialmente de iniciação, nomes divinos e orações não devem ser modificados, para não enfraquecer a ligação espiritual entre homem e Deus. A manutenção passiva da egrégora é feita pelos iniciados de graus inferiores, enquanto a vida ativa é conduzida pelos membros mais qualificados dos graus superiores.

É fundamental que a alma do iniciado se conecte profundamente com a egrégora, da qual faz parte, especialmente após o ritual de iniciação. Além disso, as grandes leis cósmicas, principalmente as relacionadas ao tempo e às épocas do ano, influenciam a vida da egrégora. Por isso, as cerimônias importantes são realizadas em datas significativas, como os equinócios, solstícios, Natal e Semana Santa.

No plano divino, tudo equivale a um número ou a um nome divino, concretizando a egrégora. Assim são, sucessivamente, o Triângulo Maçônico, o Pentagrama, o Hexagrama (ou Selo de Salomão, ou Estrela de Davi), e a Cruz.

A vida material das egrégoras é assegurada pela qualidade de seus membros, sua disciplina, sua união espiritual e sua observância dos ritos vivificadores e conservadores. A conquista de uma egrégora, por sua evocação, era um segredo conhecido pelos áugures - sacerdotes da Roma Antiga.

Concluímos que a importância e a razão de ser da “Cadeia de União” é a força geradora e vivificadora de uma Ordem, força essa, que não tem outro objetivo senão o de lançar, nas regiões astrais e divinas, as correntes de força psíquica das religiões e associações, como a maçonaria. Quando realizamos uma sessão maçônica, estamos mantendo e fortalecendo a nossa Egrégora.

34 - Conclusões

O Templo e suas medidas notáveis é uma Obra que nos traz a ideia do Templo ideal para o Rito Escocês Antigo e Aceito.

Na prática, nem sempre as Lojas dispõem do espaço necessário para dimensionar seus Templos, dentro das medidas aqui tratadas. Entretanto, é importante manter a proporção entre as medidas aqui referidas e o espaço físico disponível na Loja, para construir seu Templo.

Com certeza, vocês, leitores, descobrirão a beleza e a harmonia, que residem nos números e na geometria. Na linguagem hermética e sagrada, as verdades ocultas se revelam ao buscador, oferecendo uma visão profunda e inspiradora.

Através desta obra, buscamos compartilhar uma parcela do que é oculto às vistas profanas, convidando os leitores a se juntarem a nós na busca pela sabedoria e pelo conhecimento.

Quando lançamos uma semente ao solo, esperamos que ela germe e se torne uma planta. No entanto, como iniciados nos mistérios da natureza, sabemos que há mais significado por trás dessa ação simples.

Nós podemos nos comparar a essa semente lançada ao solo. Assim como várias sementes podem germinar juntas, na mesma cova, compartilhando o mesmo espaço e buscando a luz do Sol e os nutrientes da terra, nós também podemos crescer e nos desenvolver juntos.

Essa imagem nos lembra de que somos parte de um todo maior e de que nosso crescimento e desenvolvimento estão interligados. Além disso, ela nos recorda de que devemos buscar a Luz e a Sabedoria, assim como a semente busca a luz do Sol.

Como iniciados nos mistérios da natureza, devemos ter uma visão mais ampla e profunda da vida e do universo; devemos buscar entender os ciclos da vida, a evolução da alma e o propósito maior de nossa existência.

Assim como a semente se dissolve para dar origem à planta, também devemos nos desprender das ilusões superficiais, para que nossa essência verdadeira floresça. O Grande Arquiteto do Universo nos concedeu o dom do discernimento, permitindo-nos enxergar além das aparências.

Cada novo conhecimento adquirido é como uma gota de chuva que fortalece nossas raízes; cada experiência vivida é como o sol que aquece nossa essência; e cada provação enfrentada é como o vento que nos molda e nos torna mais resilientes.

Portanto, que possamos lembrar que não somos apenas indivíduos isolados no campo da vida, mas parte de uma grande floresta interligada. Assim como as árvores trocam nutrientes através de suas raízes, também devemos compartilhar sabedoria, fortalecer-nos mutuamente e crescer em harmonia, sempre em busca da luz suprema que nos guia.

Que nossa jornada seja fértil; que nossas ações sejam justas; e que possamos sempre florescer em espírito e verdade.

Esperamos ter contribuído para a Obra do Grande Arquiteto do Universo, quando procuramos passar para o papel aquelas intuições captadas durante nossas meditações / elucubrações. Cabe somente a cada um se dispor a penetrar no assunto e, algum dia, podermos - quem sabe? - vivenciar a magnífica egrégora, que possibilitará a materialização de verdades, através de hologramas que irão demonstrar as harmoniosas verdades, que provêm do Grande Arquiteto do Universo.

“Non potui adire in Akasham, codicem Probatorum, ideo mihi hoc tantum concessum est.”

Exitus

35 - Bibliografia

DOUCET, Friedrich W. *O livro de ouro do ocultismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1990.

DYER, Colin. *O simbolismo na maçonaria*. 1. ed. São Paulo: Madras, 2006.

LÉVI, Eliphas. *Sociedade das Ciências Antigas: a ciência de Hermes: a revelação dos supremos segredos*. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

LOMAS, Robert. *Girando a chave de Hiram: tornando a escuridão visível*. 1. ed. São Paulo: Madras, 2006.

MEADEN, Terence. *Stonehenge: the secret of the solstice*. 1. ed. London: Souvenir Press, 1997.

NIEL, Ferdinand. *Stonehenge: arqueologia do templo secreto*. 1. ed. São Paulo: Hemus, 2004.

NORTH, John D. *Stonehenge: a new interpretation of prehistoric man and the cosmos*. 2. ed. New York: Free Press, 1997.

PAPUS. *Iniciação astrológica*. Traduzido do original francês *Initiation Astrologique*. 1. ed. Paris: La Sirène, 1920.

REGHINI, Arturo. *La tradizione pitagorica massonica*. Genova: Fratelli Melita Editori, 1988.

SOUDEN, David. *Stonehenge revealed*. 3. ed. New York: Facts on File, [s.d.].

LINHARES, Diógenes José Tavares. *O templo e suas medidas notáveis*. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].